

International Conference

COMBART

ARTS, ACTIVISM AND CITIZENSHIP

11 AND 12
June 2019

Faculty of Arts and Humanities
of the University of Porto
PORTO, PORTUGAL

G-CZ1

CZ1



HINDOON

CSM

COMbART:Arte, ativismo e cidadania **COMbART: Arts, activism and citizenship**

Livro de Resumos | Book of Abstracts

Paula Guerra & Ricardo Campos (Eds.)



Todo o conteúdo apresentado nos textos é de exclusiva responsabilidade dos seus autores. As ideias apresentadas não representam necessariamente a opinião dos editores.

Atribuição CC BY 4.0. International.

Este livro é licenciado sob um Creative Commons Attribution 4.0. International License (CC BY 4.0). É permitido compartilhar, redistribuir, adaptar, transformar e construir o conteúdo deste livro. Os créditos apropriados devem ser atribuídos aos autores e editores.

Mais informação: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

All the content presented in texts are solely the responsibility of the authors. The ideas presented do not necessarily represent the opinion of the editors.

Attribution CC BY 4.0. International.

This book is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0. International License (CC BY 4.0). It is allowed to share, redistribute, adapt, remix, transform and build upon the content of this book. The appropriate credit must be given to the authors and editors.

More information: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>



DIAGRAM OF THE HEART

LEECHES

DETACHING

THE

Design: Marcelo Baptista e Palavras & Rimas, Lda.

Imagem de Capa e Separadores: Esgar Acelerado

Colaboração na Edição: Ágata Sequeira, Irandina Afonso, José, Margarida Castro Vales e Paulo Nunes.

Primeira Publicação Junho 2019

Universidade do Porto. Faculdade de Letras

[University of Porto. Faculty of Arts and Humanities]

Porto, Portugal

ISBN 978-989-8969-16-3

Design: Marcelo Baptista e Palavras & Rimas, Lda.

Cover Design and Spacers: Esgar Acelerado.

Interior photos by MusiCULT.

Colaboration in the Edition: Ágata Sequeira, Irandina Afonso, José Júnior Abalos, Margarida Castro Vales e Paulo Nunes.

First Published June 2019

by Universidade do Porto. Faculdade de Letras

[University of Porto. Faculty of Arts and Humanities]

Porto, Portugal

ISBN 978-989-8969-16-3



CATHARIS

INDO

22



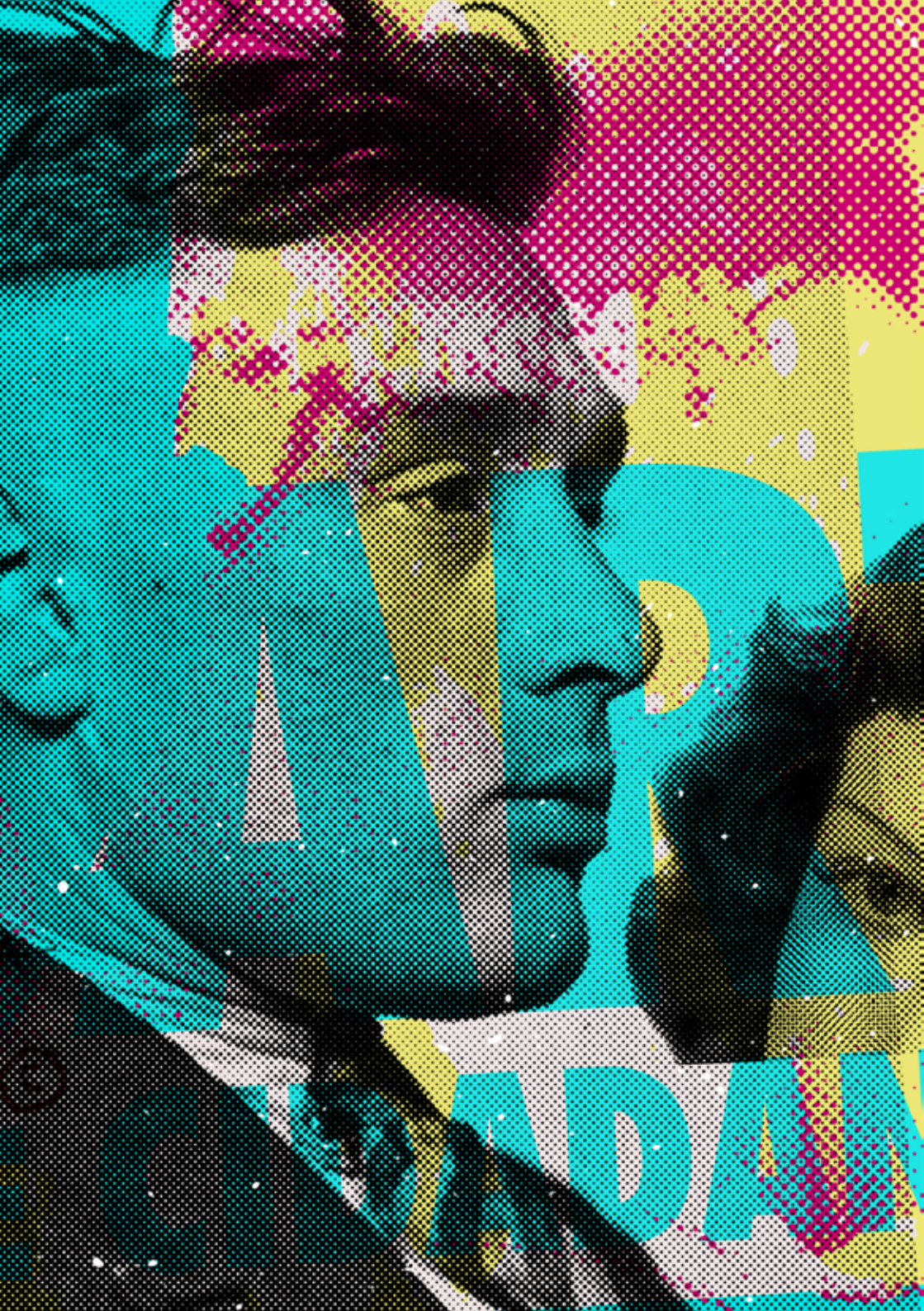
combartconference@gmail.com

combart@eventqualia.net

<https://combart.eventqualia.net/pt/2019>

<https://www.facebook.com/Combart-410204906417422/>

Coordenadores | Coordinators



Paula Guerra – Universidade do Porto, Portugal

Ricardo Campos – Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Comissão Organizadora | Organizing Committee

Ágata Sequeira - Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Emília Simão - Escola Superior Gallaecia, Portugal

Esgar Acelerado - Artista Independente, Portugal

Paula Guerra - Universidade do Porto, Portugal

Ricardo Campos - Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Susana Januário - Universidade do Porto, Portugal

Comissão Científica | Scientific Committee

Andrea Pavoni - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Carles Feixa - Universitat Pompeu Fabra, Espanha

Célia Soares - ObEMMA - CIC Digital

Chiara Pussetti - Universidade de Lisboa, Portugal

Cornélia Eckert - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Emília Simão - Escola Superior Gallaecia, Portugal

Fernando Gerheim - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gláucia Villas-Boas - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Glória Diógenes - Universidade Federal do Ceará, Brasil

Guya Accornero - ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Jordi Nofre - Universidade Nova de Lisboa, Portugal

José Alberto Simões - Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Lígia Dabul - Universidade Federal Fluminense, Brasil

Lígia Ferro - Universidade do Porto, Portugal

Maria Lúcia Bueno - Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Miguel Saraiva - Universidade do Porto, Portugal

Paula Abreu - Universidade de Coimbra, Portugal

Paula Cristina Pereira - Universidade do Porto, Portugal

Paulo Raposo - ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Pedro Costa – ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Sabrina Parracho Sant'Anna - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Teresa Sá Marques - Universidade do Porto, Portugal

Vera Diogo - Instituto Politécnico do Porto, Portugal



Organização | Organization

CICSNova, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

Electronic Music and Media Arts Observatory (ObEMMA – CIC Digital)

eventQualia

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP)

Rede de Pesquisa Luso-Brasileira em Artes e Intervenções Urbanas (RAIU)

Rede Luso-Brasileira Todas as Artes (TAA)

Research Group Philosophy and Public Space/Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (IF-UP) - FIL/00502

Apoios | Support

eventQualia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Reitoria da Universidade do Porto/ Santander



YES

YES

ÍNDICE | INDEX

Oradores Convidados | Keynote Speakers

Comunicações | Papers

A-B

C-E

F-I

J-L

M-N

O-Q

R-S

T-Z



ORADORES CONVIDADOS | KEYNOTE SPEAKERS

Ordenados alfabeticamente pelo último nome do autor
In alphabetical order by the last name of the 1st author



FADO BICHA

FADO BICHA, Artistas, Ativistas, Fadistas, Portugal.

Resumo: O Fado Bicha é feito por Lila Fadista na voz e João Caçador na guitarra. O projeto musical conta ainda com a colaboração do produtor Twins. Fado Bicha é um projeto musical e ativista, responsável por lançar o primeiro fado que fala abertamente de um amor homossexual (“Namorico do André”, uma adaptação do famoso “Namorico da Rita” de Amália Rodrigues). Lançado em Abril passado, este é também o seu primeiro single e videoclip, estando em preparação o seu álbum de estreia. Este projeto nasceu há uns anos mas o seu percurso já lhe valeu digressões internacionais. Assente numa premissa de subversão da regra heteronormativa, Fado Bicha é um projeto que tem o fado como matriz de referência, um estilo musical conservador nutrido por um meio tradicionalista. Através da alteração de poemas já cantados e da criação de novos, criam-se espaços para a experimentação de narrativas não normativas no que toca ao género e à sexualidade. Nas suas palavras: «“Fado Bicha” vem da subversão, da experimentação. Está muito ligado a uma rebelião contra os termos, as dinâmicas e as estruturas que nos oprimem; e a uma experimentação pessoal, uma desconstrução do género, uma liberdade de movimentos. É Fado Bicha precisamente porque tem esse carácter de não aceitar imposições. Porque o fado é sentir e deitar cá para fora e ouvir de coração aberto. As canções são as de todas nós mas vistas por um novo prisma. Ambos amamos o fado e sentimos que ele faz parte da nossa identidade criativa. No entanto, o fado não incluía uma parte importante da nossa identidade: o facto de sermos LGBT+, de sermos queer, de sermos bichas. Até agora.».

Palavras-chave: Fado; Sexualidade; Género; Intervenção; Experimentação.

Abstract: Fado Bicha is Lila Fadista on the voice and João Caçador on the guitar. This musical project also includes the producer Twins. Fado Bicha is a musical and activist project, responsible for putting out the first fado that

openly speaks about a homosexual love story ('Namorico do André', an adaptation of the famous Amália Rodrigues fado 'Namorico da Rita'). Available since last April, this is also their first single and music video, and a preview for their first album, which is being prepared. This project was born some years ago, but they already have done some international tours. Based on a premise of subversion of the heteronormative rule, Fado Bicha is a musical project that has fado as point of reference, a conservative musical style that thrives in a traditionalist context. Through the adaptation of already well-known poems and the creation of new ones, new spaces are created for the experimentation of non-normative narratives in what concerns gender and sexuality. In their own words: "Fado Bicha' comes from the subversion, the experimentation. It is very connected with a rebellion against the terms, the dynamics and the structures that oppress us; and to a personal experimentation, a deconstruction of gender, a freedom of movements. It is Fado Bicha precisely because it has that character of not accepting impositions. Because fado is to feel and letting out and listening with the heart wide open. The songs are from all of us but seen from a new perspective. We both love fado and feel it as a part of our creative identity. However, fado didn't include an important part of our identity: the fact that we are LGBT+, we are queer, we are 'bichas'. Until now'.

Keywords: Fado; Sexuality; Gender; Intervention; Experimentation.

ARTE E POLÍTICA ENTRE RESISTÊNCIA E CONSERVADORISMO: notas do Brasil

ART AND POLITICS BETWEEN RESISTANCE AND CONSERVATISM: notes from Brazil

Vitor GRUNVALD, Fotógrafo e Realizador Audiovisual, Universidade de São Paulo, Associação Brasileira de Antropologia, Brasil.

Resumo: Nessa conferência pretendo retomar algumas questões da relação entre arte e política tendo dois casos brasileiros como pano de fundo. Primeiramente, utilizo a polêmica envolvendo a exposição QueerMuseu para delinear como algumas práticas artísticas têm sido epicentro de uma série de denúncias conservadoras cujo efeito é a criação de um pânico moral, especialmente no que concerne questões relacionadas a gênero e sexualidade. Posteriormente, retomo uma etnografia sobre o coletivo artista Revolta da Lâmpada, de inspiração queer e interseccional, com o intuito de mostrar como a arte também apresenta novas possibilidades de ação política dentro saturado campo de disputas no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Arte; Política; Pânicos morais; Gênero; Sexualidade.

Abstract: In this conference I discuss the relationship between art and politics, having two Brazilian cases as background. Firstly, I use the controversy surrounding the exhibition entitled QueerMuseu to delineate how some artistic practices have been the epicenter of a series of conservative denunciations whose effect is the creation of a moral panic, especially regarding issues related to gender and sexuality. Later, I take up an ethnography on the activist collective Revolta da Lâmpada, with queer and intersectional inspiration, in order to show how art also presents new possibilities for political action within a saturated field of disputes in contemporary Brazil.

Keywords: Art; Politics; Moral Panics; Gender; Sexuality.

MAISMENOS

Miguel JANUÁRIO, Artista, Ativista, MaisMenos, Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, Programa Doutoral de Design de Comunicação, Portugal.

Resumo: Revela-se aqui década e meia de MaisMenos: contextos, processos criativos e consequentes impactos, mediáticos e sociais, desde o princípio enquanto símbolo anónimo até à perspectivada transformação em partido político. Consta-se e reflete-se, ao longo desta apresentação, sobre o potencial deste projeto enquanto ferramenta eficaz de transformação e análise política e social, assim como sobre a possibilidade das intervenções artísticas de protesto no espaço público serem alvo de processos continuados de mercantilização. Arrisca-se uma leitura da contemporaneidade, com base nos seus processos fenomenológicos e nos processos teóricos e práticos de si decorrentes. Criado em 2005 por Miguel Januário, enquanto projeto de investigação do curso de Design de Comunicação da Faculdade de Belas Artes do Porto, tornou-se uma referência nacional e internacional no panorama da arte urbana. Hoje volta a ser foco da corrente investigação de doutoramento de Miguel Januário na mesma instituição.

Palavras-chave: Contextos e processos criativos; Impactos sociais e mediáticos das artes; Ativismo.

Abstract: It reveals here decade and a half of MaisMenos: contexts, creative processes and consequent media and social impacts, from the beginning as an anonymous symbol until the prospective transformation into political party. Throughout this presentation, we reflect on the potential of this project as an effective tool for political and social transformation and analysis, as well as on the possibility of artistic interventions of protest in the public space to be the target of continuous commercialization processes. We risk a reading of contemporaneity, based on its phenomenological processes and on the theoretical and practical processes that result from it. Created in

2005 by Miguel Januário, as a research project of the Communication Design course at the Faculty of Fine Arts of Porto, it became a national and international reference in the urban art scene. Today it is again the focus of the current doctoral research of Miguel Januário in the same institution.

Keywords: Contexts and creative processes; Social and media impacts of the arts; Artivism.

O TEMPO DAS HUACAS.

Da musealização de corpos ameríndios no MAC a um ativismo de descolonização

THE TIME OF THE HUACAS.

From the musealization of Amerindian bodies at MAC to a decolonizing activism

Rui MOURÃO, Artista Visual, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Filosofia da Nova, Portugal.

Resumo: Os corpos mumificados de dois jovens do povo Chancay encontram-se expostos em vitrinas de vidro numa sala do MAC (Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa). Na exposição não há qualquer menção às problemáticas questões éticas colocadas por restos humanos numa coleção de museu, particularmente tratando-se de um povo indígena colonizado e dizimado. Toda a disposição da sala compõe uma hierarquia visual. As paredes possuem estantes com históricos livros de Arqueologia e Antropologia, que legitimam a posse dos corpos ameríndios em nome da ciência. No topo, há uma série de retratos com molduras douradas de arqueólogos fundadores do museu no século XIX, incluindo um diretor — Januário de Almeida — que trouxe os corpos do Peru para Portugal. No centro da sala, os corpos constituem o ponto de fuga onde se cruza o olhar objetificador dos arqueólogos do século XIX, dos arqueólogos do século XXI e dos visitantes do museu. Da necessidade de romper o silêncio face aos desequilíbrios históricos, surgiu O TEMPO DAS HUACAS, projeto colaborativo concebido por Filipa Cordeiro e Rui Mourão em busca duma pluralidade de perspectivas críticas dadas por artistas, pensadores e profissionais de museus. Por um lado, convidaram-se vários artistas indígenas sul-americanos de diferentes povos (cujas práticas desafiam as atuais representações do índio reproduzidas em museus europeus), para produzirem vídeoarte tomando uma posição face à questão. Por outro lado, convidaram-se especialistas em museus

e culturas visuais com diversas origens para contribuírem criticamente com textos para um guia não-oficial do museu. Houve ainda uma performance-surpresa não autorizada que ocorreu dentro do próprio museu. Por fim, reunindo vídeos, ensaios e performance, criou-se um sítio na Internet que se constituiu como espaço ativista (artístico + ativista) de exposição, arquivo, fórum e palco para contra-representações éticas e estéticas de descolonização do museu. Para concluir, apresentar-se-ão os desafios encontrados no diálogo com o museu, os resultados obtidos até ao momento e o papel do ativismo na questão. Link para o projeto: <https://sites.google.com/view/otempodashuacas/sobre>

Palavras-chave: Ativismo; Arte colaborativa; Museus e culturas visuais; Performance; Instalação.

Abstract: The mummified bodies of two Chancay young people are exposed in glass windows in a room of the MAC (Carmo Archaeological Museum in Lisbon). In the exhibition, there is not any mention of the problematic ethical issues taken by human remains in a museum collection, particularly having in consideration that they are from colonized and decimated indigenous people. The entire layout of the room composes a visual hierarchy. The walls have shelves with Archeology and Anthropology old books, legitimizing the possession of Amerindian bodies in the name of science. At the top there are a series of gold-framed portraits of 19th-century archaeologists, founders of the museum, including a director — Januário de Almeida — who brought the mummified bodies from Peru to Portugal. In the center of the room, the bodies constitute the vanishing point where the objectifying gaze of 19th-century archaeologists, 21st-century archaeologists, and museum visitors intersects. THE TIME OF THE HUACAS appeared from the need to break the silence of historical imbalances. It is a collaborative project conceived by Filipa Cordeiro and Rui Mourão to achieve a plurality of critical perspectives given by artists, thinkers and museum professionals. On the one hand, several South American indigenous artists from different peoples (defying the present representations of the Indians reproduced in European museums) were invited to produce video art taking a stand on the matter. On the other hand, visual cultures researchers and museum experts with

diverse origins were invited to contribute critically with texts for an unofficial guide of the museum. There was also an unauthorized and unexpected performance that occurred inside the museum. Finally, by putting together videos, essays and performance, a website was created as a space for activist (artistic + activist) exhibition, archive, forum and stage for ethical and aesthetic counter-representations to decolonize the museum. To conclude, the challenges encountered in the dialogue with the museum, the results obtained so far and the role of activism in the issue will be presented. Link to the project: <https://sites.google.com/view/otempodashuacas/sobre>

Keywords: Artivisme; Collaborative art; Museums and visual cultures; Performance; Installation.

A COMUNICAÇÃO VISUAL

VISUAL COMMUNICATION

Henrique SILVA, Artista Plástico, Fundação da Bienal de Arte de Cerveira, Escola Superior Gallaecia, Portugal

Resumo: Desde sempre o artista plástico procurou as ferramentas disponíveis para ilustrar as suas ideias como forma de comunicação. Dos primeiros portáteis, volumosos e pesados, à época atual da digitalização, os conteúdos variaram e serviram tanto como simples reportagens jornalísticas como manifestações de virtuosismo tecnológico desprovido desses conteúdos comunicativos. A utilização do vídeo como forma ativa de arte e cidadania no contexto sociológico é ainda incipiente e requer um estudo aprofundado sobre a natureza da forma, cor e som utilizados pelos seus autores: É um desafio que os investigadores académicos deverão enfrentar para uma melhor interpretação do ativismo social.

Palavras-chave: Comunicação; Artes plásticas; Videoarte; Ativismo.

Abstract: Plastic Artists has always been looking for available tools to illustrate his ideas as a form of communication. From the first portable, bulky and heavy, to the current time of the digital era, the contents have varied and served as simple journalistic reports as well as manifestations of technological virtuosity devoid of these communicative contents. The use of video as an active form of art and citizenship in the sociological context is still incipient and requires an in - depth study on the nature of the form, color and sound used by its authors: This is a challenge that academic researchers must face for a better interpretation of social activism.

Keywords: Communication; Plastic arts; Video art; Activism.

BETWEEN DOING AND BEING ART: Palestinian bodies as a life witness

ENTRE SER E FAZER ARTE: os corpos palestinos como testemunho de vida

Shahad WADI, Investigadora Independente, Palestina, Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Portugal.

Resumo: Este espaço de reflexão (e conflito) é um lugar de encontro com as histórias de vida dos corpos que habitam a fronteira entre o exílio e a Palestina ocupada, uma história que, na verdade, é também a minha. Partindo da ideia da dimensão artística das narrativas de vida orais tradicionais das mulheres palestinas (Syigh, 2007; Plummer, 2001), tento refletir sobre as formas a que recorrem as gerações mais jovens de palestinas no exílio para contar as suas vidas artisticamente. Mantenho que as artistas que aqui estudo estão de uma forma ou de outra a contar as suas próprias vidas, embora seguindo as convenções da ficção ou da arte que praticam como extensão da memória. As palestinas das gerações nascidas após Nakba (a catástrofe palestina) especialmente no exílio, utilizam os produtos artísticos como storytelling devices (ferramentas para contar histórias) (Hoskins, 1998). Utilizo o termo histórias-artísticas-de-vida para referir os trabalhos ficcionais e artísticos que refletem, e em si encerram, a vida das mulheres palestinas que os inventam e narram. O meu argumento é que estas mulheres deram sentido às suas vidas pela resistência, através do uso do seu próprio corpo e da própria língua para o narrar: as linguagens híbridas que resultam das experiências da guerra e do exílio. Simultaneamente, as autoras destas histórias são herdeiras da tradição de narrativas orais de gerações anteriores. Elas reconfiguram as suas vidas em molduras de resistência aos silenciamentos coloniais e patriarcais, resistem e existem nas suas histórias de vida. Proponho, nesta apresentação, que os corpos refletidos nas artes das mulheres palestinas no exílio são o lugar central de resistência feminista, política e palestina. Recorro aos diferentes objetos artísticos

para questionar os lugares que ocupam os corpos palestinos que residem simbolicamente na fronteira entre a nova casa no exílio e a Palestina. Nesta apresentação tenciono analisar a possibilidade de um ativismo político feminista através da narrativa de vida e do corpo no trabalho das artistas palestinas do exílio. Pergunto: até que ponto as criações artísticas das mulheres palestinas no exílio que partem das suas histórias de vida e dos seus corpos não são uma voz de um movimento de resistência feminista palestina não assumido?

Palavras-chave: Corpos; História; Produtos artísticos; Storytelling devices.

Abstract: This space of reflection (and conflict) is a place for encounter with the life stories of the bodies that inhabit the borders between exile and Occupied Palestine, a story that is also mine. Taking into consideration the artistic dimension of the traditional oral life narratives of Palestinian women (Sayigh, 2007; Plummer, 2001), I try to reflect on the ways in which younger generations of Palestinians in exile narrate their lives artistically. I argue that the artists I analyse here are also telling their own life stories, by following the conventions of fiction and art that they practice, as an extension of memory. The Palestinians born after the Nakba (the Palestinian Catastrophe), use artistic objects as storytelling devices (Hoskins, 1998). I use the term artistic-life-stories to refer to the fictional and artistic works that reflect the lives of the Palestinian women who invent and narrate them. My argument is that these women gave meaning to their lives through resistance, by using their own body and language to narrate it: the hybrid languages that result from the experiences of war and exile. Simultaneously, the authors of these stories inherited the tradition of oral narratives of previous generations. They reconfigure their lives in the frames of resistance to the colonial and patriarchal silencing, they resist and exist in their own life stories. In this presentation, I see that the bodies reflected in the Palestinian women's art in exile are the central place for a feminist, political and Palestinian resistance. I make use of different artistic objects to question the places occupied by the Palestinian bodies that reside symbolically on the borders between the new home in exile and Palestine. I intend to analyze the possibility of a feminist political activism through the narrative of life and body in the work of the

Palestinian artists of exile. I ask: to what extent are the artistic creations of Palestinian women in exile based on their life stories and their bodies is not a voice of an unassumed Palestinian feminist resistance movement?

Keywords: Bodies; History; Artistic products; Storytelling devices

COMUNICAÇÕES | PAPERS

Ordenados alfabeticamente pelo último nome do autor

In alphabetical order by the last name of the 1st author



A-B

PINTURA SOCIAL

SOCIAL PAINTING

Maurício ADINOLFI, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Brasil.

Resumo: Este artigo visa apresentar o processo de trabalho desenvolvido no Projeto BarcoR – estética tocantina, fruto de uma residência artística que realizei na cidade de Marabá, Pará, Brasil, em conjunto com a Associação de Barqueiros e em parceria com artistas da região, resultando na pintura de 30 barcos. É proposta uma investigação dos procedimentos adotados no decorrer do projeto, desde o primeiro contato com as lideranças locais até à prática de criação conjunta. Serão abordadas as conexões desenvolvidas, as trocas de conhecimentos e as negociações sociais/estéticas que permearam todo o processo de trabalho, analisando as influências e desdobramentos a partir de uma dialética entre construção e pulsão criativa. Marabá é uma cidade situada à beira dos rios Tocantins e Itacaiunas, onde as atividades fluviais têm grande importância social; possui um alto índice de violência e desigualdades. O trabalho partiu de pesquisas sobre as pinturas corporais indígenas de tribos que vivem nas proximidades do centro urbano e das características construtivas das embarcações utilizadas no transporte de pessoas. Foram realizados encontros para organização das atividades, formação de grupos de trabalho, determinação dos locais e estratégias de reunião e mobilização dos participantes.

Palavras-chave: Intervenção urbana; Processo criativo coletivo; Residência artística; Arte e sociedade.

Referências

Archer, M. (2001). Arte contemporânea: Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes.

- Bachelard, G. (1978). A poética do espaço. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- Borer, A. (2001). Joseph Beuys. São Paulo: Cosac Naify.
- Bourriaud, N. (2011). Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes.
- Heidegger, M. (1991). A origem da obra de arte. Lisboa: Edições 70.
- Krauss, R. (1998). Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (1980). O olho e o espírito. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- Nietzsche, F. (1995). Ecce Homo. São Paulo: Ed Companhia das Letras.
- Oiticica, H. (1986). Aspiro ao grande labirinto. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rancière, J. (2009). O inconsciente estético. São Paulo: Editora 34.
- Rosenberg, H. (2004). Objeto ansioso. São Paulo: Cosacnaify.
- Sartre, J. (1978). O existencialismo é humanismo. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- Simmen, J. & Kohlhoff, K. (2001). Malevitch. Portugal: Konemann.

A SERTANEJA UNIVERSITÁRIA

THE UNIVERSITY'S SERTANEJA

João André ALCANTARA, Universidade Federal de Pernambuco, Instituto de Sociologia e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, Brasil.

Resumo: O estilo de música denominado Sertanejo Universitário é um dos mais consumidos no Brasil, atingindo diferentes faixas etárias e classes sociais. No Spotify, entre os cinco artistas mais ouvidos no país em 2018, quatro deles são “sertanejos”: Zé Neto e Cristiano, Jorge e Mateus, Matheus e Kauan e uma única mulher, Marília Mendonça. No Youtube, entre os dez videoclipes mais visualizados, seis deles contam com participações de cantores de música sertaneja. Esta investigação tem como objetivo analisar as conjunturas e algumas das canções de uma corrente que emerge a partir deste gênero musical, chamada de “feminejo”. Utilizando modos contemporâneos de produção e circulação da música no contexto brasileiro, um grupo de cantoras interpreta canções com narrativas que se distanciam de valores conservadores e de papéis sociais normativos até então atribuídos às mulheres; manifestações que destoam das narrativas hegemônicas masculinas e do eu-lírico predominantemente masculino nas músicas sertanejas, como se pode observar nas canções de cânones como Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, Bruno e Marrone, e até mesmo no “sertanejo universitário”, como em Luan Santana, Jorge e Matheus, Gustavo Lima, Henrique e Juliano, entre outros. Nesta investigação, analisaremos algumas das canções da cantora Marília Mendonça, que possui o maior alcance entre todos os gêneros musicais no Brasil, a partir do Youtube. Com mais de 2,5 bilhões de visualizações na rede social, a cantora aparece à frente em número de acessos até de estrelas internacionais, como Lady Gaga, Britney Spears e Maroon Five. Assim, analisaremos algumas das canções mais visualizadas da cantora na plataforma, de modo a entender como se constroem estas narrativas “feminejas” e que imaginários são acionados pelo eu-lírico feminino nestas canções.

Palavras-chave: Sertanejo Universitário; Feminejo; Youtube.

“SER BICHA NÃO É SÓ DAR O C*: É TAMBÉM PODER RESISTIR”: a potência política na performance ‘anal’ de Linn da Quebrada

“BEING A FAG IS NOT JUST GIVING THE A*: IT IS ALSO BEING ABLE TO RESIST”: the political power in the ‘anal’ performance of Linn da Quebrada

Thiago Pereira ALBERTO, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Sociologia e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Resumo: Alinhada estreitamente às discussões de género que povoam o tecido social contemporâneo, a música popular brasileira vem visibilizando uma série de artistas que procuram residir nas fronteiras permeáveis entre as performances mediáticas e a arena destas contendas públicas. Nomes como Pablo Vittar, Liniker e Johnny Hooker buscam cimentar, na arquitetura das suas trajetórias artísticas, uma estatura de resistência política permanentemente acoplada aos seus discursos sonoros e líricos. Através dos seus discos, vídeos e entrevistas, tais artistas, que alinhavam diferentes modulações de géneros musicais (soul, brega, funk), apresentam performances conectadas com as experiências e opressões latentes vivenciadas pela comunidade LGBT no Brasil. Seja através de narrativas líricas, shows ou na escolha de figurinos e adereços cénicos, a atuação destes nomes configura-se em uma emissão constante da luta pelo direito de ser, independente das cristalizadas noções hétero-normativas ou da sexualidade binária. Destacamos como objeto de análise para o nosso trabalho a artista paulistana Linn da Quebrada, cuja condição de pertencente a um grupo minoritário parece ser a força motriz para sua performance combativa, irónica e, principalmente, desestabilizadora de preceitos que atuam como algoz de desejos. Nesse sentido, Linn encaixa-se na concepção queer: é um corpo que se move sem preocupar-se com a categorização de seu desejo. Especificamente, interessa-nos

sublinhar na obra da artista, a temática anal, que se apresenta como ariete da construção de discursos transgressores e de intencionalidade política, de forma mais ou menos gráfica ou evidente. Em uma articulação semelhante à de Saez e Carrascosa (2016), nas suas noções de políticas anais, Linn coloca o ânus, como um espaço político onde se “articula discursos, práticas, vigilâncias, olhares, explorações, proibições, escárnios, ódios, assassinatos e enfermidades” (Saez; Carrascosa, 2016, p. 73) e, por meio disso, conduz o pensamento em relação a uma identidade de gênero libertária, mas que ao mesmo tempo está vinculada à regulação do ânus por parte da sociedade. Assim, diversas músicas da cantora – “Prostituto”, “A Lenda” e “Talento” – evidenciam que a mesma coloca o ânus como um órgão sexual (e portanto alinhado na prática e simbolicamente às discussões de gênero) e político. Nesta direção, talvez seja possível operacionalizar tal escolha discursiva de Linn na chave da “profanação”, como sugere Agamben (2015): o gesto de, a partir de uma dimensão política, restituir o sagrado, o proibitivo, o censurável, ao uso humano, mundano; não apenas “abolir e cancelar as separações”, sejam elas de cunho religioso ou fisiológico, “mas aprender a fazer delas um uso novo” (Agamben, 2015, p.66). Assim Linn coloca o ânus, como um espaço político onde se performatiza uma importante dimensão do ativismo musical brasileiro.

Palavras-chave: Ativismo; Linn da Quebrada; Música Brasileira; Performance.

Referências

- Agamben, G. (2015). Profanações. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Alberto, T. & Lacerda, C. (2006). Não é só um jeito de corpo: experiência estética, identidade de gênero e mediação em Liniker. Anais do XXXIX Congresso Intercom São Paulo - SP, 05 a 09 de Setembro de 2016.
- Butler, J. (2008). Problemas gênero: Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.
- Saez, J.; Carrascosa, S. (2016). Pelo cu. Políticas anais. São Paulo: Letramento.
- Salin, S. (2015). Judith Butler e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

AFRODESCENDENTES E NOVAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: esboço de uma abordagem analítica

AFRO-DESCENDANTS AND NEW FORMS OF POLITICAL PARTICIPATION: outlines for an analytical approach

Simone AMORIM, Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Economia e Gestão, Centro de Estudos sobre África, Ásia e América-Latina, Portugal.

Abstract: One of the many theoretical approaches built to explain social movements characterizes activism as one of the forms of collective action. In this perspective, activism would be the ongoing action of a collective to promote a change (or resist to) in the society or group of which this collectivity is part. The second half of the twentieth century witnessed a whole set of manifestations of civil society, engaged in a diversity of contemporary political causes, among which environmental, gender and identity movements stand out. Engagements that at the beginning of the 21st century embedded new forms of militancy, where the city space and the expressions of urban protests are no longer the central stages of manifestations of discontent, adding new elements, made possible especially for information technologies and globalization. In the era of fragmentation, cyberspace, activism, freemedias and a whole series of “isms” coexist with the streets that reinvent themselves essentially from the possibilities opened by technology and globalization processes. In this realm, we propose to discuss the assumptions of art and artists in their engagement with contemporary political issues. Art and politics do not belong to the same field, do not share the same structured space of positions, whose properties are directly related to the disposition of these positions and do not participate in the same arena of struggles for the capital that is specific to each of them. For Pierre Bourdieu, a field is characterized by the objects in dispute and the interests of people and institutions willing to play the game of field hegemony; and the objects in dispute

in politics are not the same as the field of arts. Today, however, the use of art as a mean of translating civic engagement is more and more frequent. The analysis could fall on a myriad of purposes of contemporary activist manifestations and yet it focuses on a theme still in vogue today: identity. Following Stuart Hall's formulation, it is not the category of identity itself problematic? This debate is at the heart of the issues surrounding Afro-descendant (AD) identity and the ability of these to take ownership of the share of citizenship that now belongs to them in Europe. Recognition and justice are motivations for which institutions, social movements, and a significant number of Afro-descendants living in Portugal have been fighting for decades. Our objective is to explore the conceptual model in which the engagement to the AD identity is circumscribed, from activism through art and culture, as a new form of resistance and instrument of struggle. This communication is part of the general research context of AFRO-PORT Project. Artistic expression is a crucial dimension of AD visibility and (limited) recognition in Portuguese society. That is the reason why AFRO-PORT focuses on lifestyles, sociabilities and discursive practices; and seeks to understand AD urban latitudes. This ongoing investigation is quite innovative when proposes to characterize, through art and politics, AD activism in contemporary Portuguese societal reconfigurations.

Keywords: Art & Politics; European Citizenship & Identity; Afro-descendence; Social Movements.

References

- Amorim, S. (2018). Estado, capitalismo, participação popular e as políticas públicas de cultura no Brasil contemporâneo. IS Working Papers, 3.a Série, n.62, pp. 1-22.
- Apple, M. (1986). Teachers and texts. London: Routledge and Kegan Paul.
- Apple, M. (1979). Ideology and curriculum. London: Routledge and Kegan Paul.
- Borges, J.; Amorim, S. (2016). Políticas setoriais de Cultura no RJ: Institucionalização e os dilemas da participação social. Revista Observatório da Diversidade Cultural, Minas Gerais, v. 3, pp. 160-173.

- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Bourdieu, P. (2014). *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carspecken, P.F. (2011). Pesquisa qualitativa crítica: conceitos básicos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, pp. 395-424.
- Chaia, M. (2007). *Arte e política*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- Eagleton, T. (1990). *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Giroux, H. (1983). *Theory and resistance in education*. London: Heinemann Educational Books.
- Hall, S. (2014). Quem precisa da identidade? In: SILVA, T., HALL, S., WOODWARD, K. (orgs.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Teixeira Colelho, J. (1997). *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras.
- Willis, P. (1977). *Learning to labour: how working-class kids get working class jobs*. London: Gower.
- Yúdice, G. (2004). *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG.

A ARTE E A TEOLOGIA DO BLADE RUNNER

THE ART AND THEOLOGY OF BLADE RUNNER

Bill ANDERSON, Concordia University of Edmonton, Alberta, Canada.

Abstract: Intertextuality is the theoretical framework for this analysis of the 1982 film *Blade Runner* directed by Ridley Scott. Literary Criticism will be used to examine the texts which form the basis of the film: *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, *Frankenstein* and *Paradise Lost* (which is based on Genesis 1-3). This presentation will then examine *Blade Runner* as Neo-Noir. *Blade Runner* inverts the classic trope that many stories hinge upon: our deep human need to be special. Plotlines from Neo in the *Matrix*, to Harry Potter, to Luke Skywalker and Rei in *Star Wars* center on the main character discovering that they are “the one,” uniquely called to greatness, almost as a savior figure. Longing for this same unique calling, Detective K (Ryan Gosling) gradually falls for the line of thought that he is this One, the birthed Replicant who symbolizes a unique and novel humanness for Replicant-kind. His AI digital girlfriend Joi, who offers ‘whatever you want to hear’, encourages this erroneous understanding in Gosling’s character. In a sense, this longing is itself a desire for the infinite, a recognition of our innate human knowledge that we are uniquely loved and willed by the Creator God. Nevertheless, the paradox is also true: if everyone is special, no one is special. In the Christian faith, we recognize only Jesus as the unique savior of humanity. Great though many of us sometimes are, we humans are a pretty humdrum, normal lot. Inspired by false confidence in his status as “the one,” Detective K seeks out and ultimately finds the Replicant resistance movement. But once there, he faces the harsh reality that he misinterpreted the clues and that he isn’t not the born-Replicant-child-all-grown-up. Finally, this presentation will examine the theology of the film in relation to Genesis 1-11 including the concept of the Tower of Babel as technology.

Keywords: Art & Religion; Theology; Cinema; Genesis.

DA CRÍTICA SOCIAL À CRÍTICA ESTÉTICA: arte e intervenção no espaço público

FROM SOCIAL CRITIQUE TO AESTHETIC CRITICISM: art and intervention in the public space

Inês BARBOSA, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal.

Resumo: Esta comunicação visa apresentar e debater experiências de intervenção artística em espaço público, produzidas durante uma pesquisa de doutoramento em sociologia da educação (2012-2016) e nos anos subsequentes em iniciativas pontuais. São performances, murais, instalações plásticas, vídeo-ativista, peças de teatro-jornal e teatro-imagem, algumas delas realizadas durante manifestações, protestos e concentrações políticas. Desenvolveram-se enquanto formas coletivas e criativas de denúncia e crítica inseridas nas lutas contra a precariedade, o patriarcado e a austeridade, no quadro das mobilizações sociais contemporâneas em Portugal. A partilha dessas experiências possibilitará discutir algumas particularidades dessas ações, nomeadamente, a imprevisibilidade e a energia da rua; a “urgência” e as flutuações do contexto social e político; o uso da linguagem simbólica, do humor e da ironia; ou as emoções e sensações envolvidas. Permitirá também abrir discussão sobre as fragilidades e limitações de uma investigação de cariz militante, tendo por base um trabalho artístico: os ciclos “sísmicos” de ação e reflexão; os limites da investigação coletiva; a tensão entre o triplo papel de artista, ativista e académica; as dificuldades de tradução dos afetos e metáforas; e a ambiguidade da utilização de ferramentas artísticas, enquanto meio ou fim em si mesmo. A pesquisa empírica revelou e apontou também possibilidades do recurso à arte na investigação e na intervenção política: na desconstrução de ideologias e discursos dominantes; como exercício de descolonização de corpos e subjetividades; como ferramenta de visibilização, conscientização e mobilização; no desenvolvimento de aprendizagens críticas e coletivas; na articulação dialética entre razão e emoção, estrutura

e indivíduo, objetivo e subjetivo. A apresentação insere-se, portanto, numa reflexão mais ampla sobre a história e significado do conceito de “ativismo”; sobre o papel da arte enquanto expressão e exercício de cidadania e enquanto expansão do espaço público; e sobre as potencialidades da sua utilização no campo acadêmico. Ao mesmo tempo, procura-se examinar em que medida podem estas experiências articular e interpelar as duas dimensões de crítica do capitalismo, social e estética, enunciadas por Boltanski e Chiapello.

Palavras-chave: Investigação Militante; Arte e Ativismo; Espaço Público e Cidadania.

Referências

- Apple, M. (2013). As tarefas do estudioso/ativista crítico em uma época de crise educacional. *Revista Pedagógica UNOCHAPECÓ*, ano 17, v. 1, pp. 30-66.
- Barbosa, I. (2014). Troka o Salazar pela Troika: do 25 de Abril ao Monstro da Crise. In Luca Agnelli e Sergio di Vita, *Quarto potere, quarta parede: esperienze e idee di teatro giornalistico*. Itália: Questo libro è rilasciato con la licenza Creative Commons Attribution- NonCommercial-NoDerivs 2.0, pp. 67-81
- Barbosa, I. & Ferreira, F. I. (2015). A máquina do empreendedorismo: Teatro do Oprimido e educação crítica em tempos de crise. *Investigar em Educação*, IIª Série, n. 3, pp. 63-78.
- Barbosa, Inês (2016). *Crise, austeridade e ação coletiva: experiências de aprendizagem crítica com teatro do oprimido*. Braga: Universidade do Minho.
- Barbosa, I. e Ferreira, F. I. (2017a). Monstros, máquinas e pipocas: teatro do oprimido e protesto de rua, *Comunicação e Sociedade*, v. 31, pp. 81 – 105.
- Barbosa, I. & Ferreira, F. I. (2017b). O fascismo ainda mora cá dentro? O teatro-jornal e o discurso da austeridade. *Educação, Sociedade e Culturas*.
- Boal, A. (2009a). *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Boal, A. (2009b). *O teatro como arte marcial*. Rio de Janeiro: Editora Garamond.
- Bogad, L.M. (2006). *Tactical carnival: Social movements, demonstrations, and dia-*

- logical performance, in J. Cohen-Cruz e M. Schutzman, *A Boal Companion: dialogues on theatre and cultural politics*. New York/London: Routledge, pp. 46-58.
- Boltanski, L. e Chiapello, E. (2009, ed. orig. 1999). *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo, WMF Martins Fontes.
- Delgado, M. (2013). *Artivismo y pospolítica. Sobre la estetización de las luchas sociales en contextos urbanos*. Quaderns-e, n. 18 (2), pp. 68-80.
- Hale, C. (2008). *Engaging contradictions: theory, politics, and methods of activist scholarship*. University of California Press.
- Jasper, J. (1998). The emotions of protest: Affective and reactive emotions in and around social movements. *Sociological Forum*, v. 13, n. 3. pp. 397-424.
- Juris, J. (2014). *Embodying protest: culture and performance within social movements* In B. Baumgarten, P. Daphi, P. Ullrich (Ed), *Conceptualizing culture in social movement*. London: Palgrave MacMillan, pp. 227-247
- Madeira, C. (2013). *Cycles of performativities in social movements and their artistic manifestations*. Texto apresentado no workshop “Protestos e movimentos sociais contemporâneos em Portugal”, 20-21 Fevereiro, CIES, ISCTE.
- Mourão, R. (2013). *Representações de contra-poder: performances artivistas no espaço público português*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Escola de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Antropologia, ISCTE.
- Perry, A. (2012). *A silent revolution: ‘Image Theatre’ as a system of decolonization*. *Research in Drama Education: The Journal of Applied Theatre and Performance*, 17:1, pp. 103-119.
- Krause, A. (2011). *Art as politics: the future of art and community*. Noruega: New Compass Press.
- Santos, B. de S. (2001). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Soares, V. (2013). *Espetacularidade e performatividade na cena contemporânea dos movimentos sociais portugueses*. Trabalho apresentado no workshop “Protestos e movimentos sociais contemporâneos em Portugal”, 20-21 de fevereiro, CIES, ISCTE, Lisboa.
- VC (2007). *Agitação e propaganda no processo de transformação social*. São Paulo: Coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina.

PERFORMANCE DE FACHADA: recurso estratégico dos movimentos sociais

FAÇADE PERFORMANCE: strategic resource of social movements

Marcílio BRANDÃO, Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Brasil.

Resumo: Em continuidade à mesa redonda “Desmesuras, paradoxos do corpo e artes performativas”, realizada em 2018 no âmbito do II Colóquio Diálogos Juvenis Todas as Artes, onde se apresentou uma comunicação teórica intitulada “A ordem da performance”, apresenta-se uma segunda parte da discussão acerca da performance como recurso tático e estratégico para a ação coletiva pública de movimentos sociais. Esta comunicação baseia-se na investigação etnográfica de um novíssimo movimento social no Brasil, a Marcha da Maconha, especialmente sua atuação na cidade de Recife. A pesquisa dá continuidade ao trabalho doutoral do autor e acumula dez anos de observação participante. No início, a metáfora teatral era a principal inspiração do trabalho. Ao longo da pesquisa, opta pelo desdobramento em termos de “performance”, reconhecendo a particularidade desta noção e sua relevância para a compreensão do mundo social público, conforme vem sendo discutido pela sociologia norte-americana, a exemplo de Gusfield (2000) e Alexander (2006). Investigando manifestações reivindicatórias coletivas, dirige-se ao dito e ao feito como elementos de uma mesma ordem que tem chamado de “ordem da performance”. Tal ordem se estabelece em público, constituindo uma parte da experiência teatral, mas apenas uma parte muito específica, que tem sido retomada por cientistas sociais para estudar o comportamento individual e coletivo em lugares públicos (na esteira de Goffman, 1963). Assim, focaliza a sua atenção nas performances coletivas públicas que objetivam promover mudanças de normas legais e sociais. Neste processo de investigação, alguns achados ganharam relevo a partir da análise de dados decorrentes da observação participante na referida Marcha da Maconha

em Recife, destacando especialmente o que denomina de “performance de fachada” a partir da reunião de duas noções importantes: 1) a mencionada “performance”, cujos estudos e experimentos se multiplicam notadamente no campo das artes, mas – como disse – têm sido bastante empregados em ciências sociais e; 2) a noção goffmaniana de “fachada” que, no original (Goffman, 1963), constitui a habilidade dos atores individuais manejarem aspectos de si visando a expressar o que lhes parece mais adequado à situação e aos seus interesses quando se encontram frente a outros atores. A reunião destas noções, permitiu compreender que os movimentos sociais também manejam as suas fachadas de acordo com seus interesses, visando a difundir aparências do que realmente pretendem por meio de ações que podem ser bem compreendidas com recurso aos estudos de performance. Porém, vale a pena destacar que sabemos, desde Goffman (1959, p. 70), que “embora normalmente as pessoas sejam o que aparentam, as aparências podem ser manipuladas” e para compreender o significado e valor das “performances de fachada” é preciso ir além dos recursos mais habituais da observação participante. Assim, esta comunicação objetiva coloca em discussão convergências e dissensos entre uma “performance de fachada” do Movimento Marcha da Maconha em Recife e um achado inspirado na etnografia fenomenológica (Cefaï, 2010), que lembra que investigadores têm diversos sentidos e fez atentar para o que sentiu com o olfato durante as primeiras performances que analisou deste novíssimo movimento social. Na fachada, os agentes deste movimento expõem que a Marcha da Maconha não é lugar para fumar maconha e, no conjunto da performance, o olfato permite perceber que a performance de fachada é simultaneamente um recurso e uma estratégia que visa a produzir efeitos sobre o público, sobre aqueles que não integram o movimento, mas – no conjunto da performance – há sempre espaço para os efeitos desejados pelos agentes para si mesmos.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Performance de Fachada.

Referências

Alexander, J. (2006). Cultural pragmatics: social performance between ritual and strategy. In: Alexander, J., Giesen, B. & Mast, J. L. (ed.). Social performance: symbolic action, cultural pragmatics and ritual. Cambridge: Cambridge Uni-

versity Press, pp. 29-90.

Cefai, D. (2010). Provações corporais: uma etnografia fenomenológica entre moradores de rua de Paris. *Lua Nova*, n. 79, p. 71-110.

Goffman, E. (1959). *The presentation of self in everyday life*. New York: Anchor Books.

Goffman, E. (1959). *Behavior in public places: notes on social organization of gatherings*. New York: The Free Press.

Gusfield, J. R. (2000). *Performing action: Artistry in human behavior and social research*. New Brunswick: Transaction Publishers.



G-CZ1

G-CZ1

C-E



未
00

HINDDOM

RESISTIR PARA EXISTIR: A voz que ecoa dos muros de Salvador

RESIST TO EXIST: The voice that echoes from the walls of Salvador

Rafael CÂMARA, Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Brasil.

Marina LOPES, Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Brasil.

Juliana LOPES, Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Brasil.

Resumo: Dada a atual conjuntura de alternância de poder na política brasileira, onde abre-se a possibilidade de um discurso que vai de encontro às práticas progressistas e humanitárias, a comunicação proposta trata da reflexão acerca do papel da arte urbana durante este conturbado período pós-eleições presidenciais. A análise de signos e escritas nos muros proposta neste trabalho se faz a partir de uma breve revisão de literatura da filosofia contemporânea de modo a debater as relações entre arte, política e cidade, tendo como eixo transversal algumas ações artísticas realizadas pela sociedade civil que deram aos muros da cidade de Salvador uma nova voz, de resistência e protesto, durante os meses que acompanharam as campanhas políticas e após o resultado. A psicologia crítica brasileira de autoras como Bader Sawaia e o teórico da arte Didi-Huberman nos ajudam a dialogar com a lógica da desigualdade inerente ao vínculo social, levando em consideração o contexto do objeto de estudo: Salvador, capital da Bahia, uma cidade localizada no nordeste brasileiro, de grande índice de vulnerabilidade social e com a maior população negra fora da África. Para isso foram analisados diversos trabalhos nos muros da cidade, como um tipo de intervenção urbana que se dá no terreno da ocupação explícita de um espaço, numa disputa travada com outros meios de comunicação por cada centímetro da cidade. Uma ação que incorpora um sentido, quer como reivindicação e afirmação da iden-

tidade e da participação dos sujeitos na cidade, quer como busca de outros territórios artísticos a partir da experiência estética. Dessa forma, através das transformações ocorridas no encontro com o outro e das imagens potentes visualizada nos muros de Salvador, conclui-se a respeito dos efeitos que as intervenções urbanas são capazes de produzir na esfera pública e a possibilidade de mudança através do sentimento de pertencimento social, representação política e consequente resistência refletida no processo eleitoral.

Palavras-chave: Arte; Política; Espaço Público.

Referências

Didi-Huberman, G. (2013). A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto.

Deleuze, G. (2002). Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta.

Foucault, M. (1993). La volontà de sapere. Trad. Pasquale Pasquino; Giovanna Procacci. Milano: Feltrinelli.

Foucault, M. (1979). Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

Lefebvre, H. (1969). O direito à cidade. Trad. T. C. Netto. São Paulo: Documentos.

Santos, M. (2003). A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp.

Santos, M. (1986). Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec.

Sawaia, B. B. (2006). Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito. In: Ros, S. Z. Da; Maheirie, K. & Zanella, A. V. (Orgs.). Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência (pp. 85-95). Florianópolis: NUP/UFSC.

Sawaia, B. B. (2007). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. B. Sawaia (Org.). As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade, pp. 97-119. Petrópolis, RJ: Vozes.

Vigotsky, L. S. (1987). Imaginación y el arte en la infancia. Cidade do México: Hispánicas.

O MURO E A RUA: política, ativismo e resistência

THE WALL AND THE STREET: politics, activism and resistance

Ricardo CAMPOS, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Portugal.

Resumo: O espaço público urbano é, por tradição, um território particularmente utilizado para dinâmicas de protesto, ativismo e resistência. Grande parte das dinâmicas coletivas que contestam ou ameaçam os poderes ocorrem nas ruas das cidades. Deste modo, a materialidade do território é um fator a ter em consideração na forma como se pensa e materializa a ação política, através do recurso a diversos dispositivos territorializados. O muro é, a este propósito, um recorrente repositório para mensagens diversas, transformando-se num lugar de comunicação democrática, de diálogo e combate. O muro limpo assemelha-se a uma página em branco que aguarda algum tipo de inscrição. A cidade imaculada, higienizada e vigiada, é o símbolo de uma sociedade muda (ou amordaçada). Escrever ou desenhar no muro, de modo informal, imprevisto e não autorizado é sempre um gesto com significado político. Tal expressão contrasta com a ontologia do muro, mecanismo poderoso de contenção, de aprisionamento e separação. Daí que o ataque ao muro (de natureza física ou simbólica) seja algo que se encontra bem presente em muitos contextos de luta e resistência a certos regimes políticos. O ataque ao muro simboliza um ataque ao poder e aos seus mecanismos de regulação e opressão. A apropriação do muro para inscrever mensagens verbais ou iconográficas, para criar narrativas e obras visuais, por parte de diferentes grupos e comunidades tem sido detalhada ao longo do tempo. Nesta comunicação pretendemos revisitar esta história, refletindo sobre estas dinâmicas, nomeadamente sobre as artes políticas que se expressam no(s) muro(s), reconfigurando o seu sentido.

Palavras-chave: Espaço público; Muro; Política; Arte.

Referências

Sarmiento, C. & Campos, R. (Ed.) (2014). Popular and Visual Culture. Design, Circulation and Consumption, Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing.

Campos, R. (2013). Introdução à cultura visual. Abordagens e metodologias em ciências sociais. Lisboa: Mundos Sociais.

Campos, R; Brighenti, A. & Spinelli, L. (Org.) (2011). Uma cidade de Imagens. Produção e consumo visual em meio urbano. Lisboa: Mundos Sociais.

Campos, R. (2010). Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica ao graffiti urbano. Lisboa: Fim de Século.

MUDANÇAS DE REGIME

REGIME SHIFTS

Alexandra do CARMO, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Portugal.

Abstract: It is within the current debate on the nature of socially engaged art, the prevalent re-evaluation of its authorial modes, a better understanding of the of artists third generation institutional critique, its articulation with the fast disappearance of a public sphere, the creation of commonality through a reinvention of public platforms (a language in common) and the cross fields of activism in ecology and art, that I am reflecting on the collective Not an Alternative (NAA). NAA has been researching, discussing and implementing projects since 2004, “A hub of experimental, special research and relationship-building between artists and organisers, especially those involved in struggles concerning land use, housing, gentrification, and displacement. Placing an emphasis on symbolic markers that could be shared across different sites and struggles”, (McKee, 2016). Their projects involve building alliances with organisations, community groups and activist pressure campaign groups. A 2009 project in collaboration with Picture the Homeless, distinguished itself as having a complex interrelation between an art’s disciplinary approach extending itself onto the social—aiming to critically expose the severe housing displacement operated by the capitalist bank system, which resulted in an escalating foreclosure situation in NYC. In 2011, within the Occupy movement in Zuccotti park and previously in Duarte park, they programmed an event serving to detect the Wall Street behaviour of foreclosure on people by signalling the sites where the foreclosures happened—a complex performative apparatus of ‘symbolic construction work’ evoking the possibility of a re-appropriation by the owners of a particular property, in an act of continuous resistance to the capitalistic logic of displacement. In 2014, inspired by the actions of Liberate Tate, NAA begun The Natural History Museum project, a parallel critical institution to the history and ideology of natural history museums, acting in the form of exhibition,

panel discussions and events, a mobile apparatus addressing environmental concerns in alliance with multiple partners. In a contemporary geopolitical and ecological context where the actions taken by companies interested in extracting energy through tar sands, fracking for both oil and gas, deepwater drilling, mountaintop removal coal mining, are damaging the lives within some of the most fragile areas of the planet— serving as sacrifice zone's and expanding it to any profitable region, raising the number of these areas. NAA established a critical platform to liberate museums from an ideological and financial imprisonment due of their ties with an institutional colonisation of the fossil fuel industry. Seeing the museum institution as a site of conflict, NAA recruited its audiences and the scientific community in an effort to progressively voice a latent public desire of changing the way these institutions are portraying and guiding generations with respect to our involvement with the ecological crisis we are living through. This essay intends to analyse NAA's methodologies; tactics, formal aesthetic choices, various strategies and alliances, and to reflect if art can through diverse extradisciplinary approaches, prove itself as part of the same social and political interaction with which communicates and helps to reveal.

Keywords: Activism; Ecology; Institutional-critique; Art.

References

- Deleuze, Giles (1992). *Postscript on the Societies of Control*, October 59, MIT Press.
- Scott, Elisa; Emily (2013). *Artists' Platforms for New Ecologies*. In: *Contemporary Art and the Politics of Ecology*, Third Text, supplement of volume 120.
- Fisher, Mark (2009). *Capitalist Realism, Is There no Alternative?* Zero Books.
- Hawke, John (2013). *Productive Confusion*. Artist notebooks.
- Hillaire, P. (2013). *A Totem Pole History, The Work of Lummi Carver Joe Hillaire*, edited by Gregory P. Fields.
- Holmes, B. (2007). *Extradisciplinary Investigations. Towards a New Critique of Institutions*. In: *Do You Remember Institutional Critique?* European Insti-

tute for Progressive Cultural Policies, Transversal Texts.

Lade, S.; Tavoni, A.; Levin, S. & Schlueter, M. (2013). Regime shifts in a social-ecological system, Grantham Research Institute on Climate Change and the Environment.

McKee Yates (2016). Strike Art, Contemporary Art and the Post Occupy Condition. London, New York: Verso.

Klein, Naomi (2014). This changes everything, Capitalism vs The Climate. Alfred A. Knopf Canada.

Raunig, Gerard (2009). Art and Contemporary Critical Practices Gerald Rang and Gene Ray, MayFly.

Sholette, G. (2015). Delirium and Resistance, Field Magazine 01.

Stall, J. (2014). Art. Democratism. Propaganda, e-flux journal #52.

Virno, P. (2004). The Grammar of the Multitude, For an Analysis of Contemporary Forms of Life. Los Angeles: Semiotext.

Viveiros de Castro, E. (1989). Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism. The Journal of the Royal Anthropological Institute 4:3 (Sep 1998), pp. 469-488.

VIVÊNCIAS DE MULHERES MIGRANTES A PARTIR DAS PALAVRAS DE POETAS

EXPERIENCES OF MIGRANT WOMEN FROM THE WORDS OF POETS

Dália COSTA, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, Portugal.

Resumo: O género, entre outros fatores, influencia a decisão de migrar (O’Neil, Fleury & Foresti, 2016). O lugar para onde se vai e o modo como as redes sociais de suporte são ativadas para garantir o acolhimento no lugar de destino variam com o género. As experiências de vida de mulheres e de homens são diferentes (Costa, 2018). A análise das experiências de migração raramente é feita numa perspetiva de género. Uma das principais razões para esta lacuna no conhecimento prende-se com a dificuldade de as pessoas relatarem as suas experiências, sobretudo em circunstâncias de pobreza e dependência que, nos processos de migração, podem envolver condutas desviantes ou marginais (Smith, 1995; Costa & Neves, 2017). Propomos apresentar os resultados de um projeto de investigação-ação desenvolvido no Concelho do Seixal, um dos principais destinos migratórios em Portugal, Concelho do Distrito de Setúbal. Este Projeto tem por objetivo facilitar o relato e permitir o registo de experiências de migração de mulheres tendo como impulso para o relato das suas histórias de vida a poesia - de mulheres e sobre mulheres. A Campanha “Traduz-te em Força” constituiu o elemento impulsionador da força que as mulheres possuem e que as motiva a migrar e ajuda a lidar com os principais obstáculos no processo de migração. O estudo envolveu a realização de 5 focus groups (Parker & Tritter, 2006) em cinco dos maiores bairros de residência de comunidades migrantes. O corpus de análise foi sujeito a análise de conteúdo permitindo identificar os fatores de motivação para migrar, os obstáculos experienciados e, para além disto, as forças ou fatores de resistência das mulheres para concretizarem o projeto de migração (Wetherell, 1998; Hannah, A. & Murachver, 1999). A migração

é por elas entendida como vantajosa promovendo o acesso à cidadania. A escuta da poesia e a identificação com as forças de outras mulheres, descritas nos poemas, revelaram ser elementos de agência, corroborando outros estudos (eg. Wassiliwizky, Koelsch, Wagner, Jacobsen, & Menninghaus, 2017), em que os sujeitos se assumem como cidadãos ativos, contrutores/as do seu destino e produtores de mudanças efetivas na sociedade (Foster, 2012).

Keywords: Género; Mulher; Ação social; Cidadania; Migração.

References

- Costa, D. (Coord.) (2018). Estudo diagnóstico da população migrante no Seixal. Seixal: Câmara Municipal de Seixal (no prelo)
- Costa, D. & Neves, S. (2017). Violências de género. Lisboa: CIEG/ISCSP Edições.
- Foster, V. (2012). What If? The use of poetry to promote social justice. *Journal Social Work Education. The International Journal*, 31 (6), pp. 742-755.
- Hannah, A. & Murachver, T. (1999). Gender and conversational style as predictors of conversational behaviour. *Journal of Language and Social Psychology*, 18, pp. 153-95.
- Liamputtong, P. (2011). *Focus group methodology: Principles and practices*. U.S.: Sage.
- Marshall, H. & Wetherell, M. (1989). Talking about career identities: A discourse analysis perspective. In Skevington, S. & Baker, D. (Eds.) *The Social Identity of Women*. London: Sage, pp. 106-29.
- O'Neil, T., Fleury, A. & Foresti, M. (2016). Women on the move: Migration, gender equality and the 2030 Agenda for Sustainable Development. Shaping policy for development. ODI Briefing. Disponível em: <https://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/resource-documents/10731.pdf>. Acedido a 10/02/2019
- Parker, A. & Tritter, J. (2006). Focus group method and methodology: Current practice and recent debate. *International Journal of Research & Method in Education*, 29(1), pp. 23-37.

Smith, P. (1985). *Language, the Sexes and Society*. Malden, MA and Oxford: Blackwell.

Wassiliwizky, E.; Koelsch, S.; Wagner, V.; Jacobsen, T. & Menninghaus, W. (2017). The emotional power of poetry: neural circuitry, psychophysiology and compositional principles. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 12 (8), pp. 1229–1240.

Wetherell, M. (1998). Positioning and interpretative repertoires: Conversation analysis and poststructuralism in dialogue. *Discourse & Society*, 9, pp. 387 – 412.

ATIVISMO DIGITAL FEMINISTA NO BRASIL: uma abordagem discursiva do movimento #EleNão

FEMINIST DIGITAL ACTIVISM IN BRAZIL: a discursive approach to the movement #EleNão

Júlia COSTA, Universidade Federal de São Carlos, Brasil e Universidade de Paris, França.

Resumo: O Brasil testemunha contemporaneamente o ressurgimento de valores conservadores que já circulavam em nossa sociedade, mas que foram maximizados com a eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro. Na sua campanha eleitoral de 2018, o então candidato vociferou sua compreensão sobre temas sociais e políticos: como o papel da mulher na sociedade brasileira; a sua visão da homossexualidade; a sua compreensão sobre o lugar social da comunidade negra no Brasil, entre outros. As declarações estavam, e ainda estão, baseadas num preconceito e conservadorismo atroz. Embora eleito, grande parte da sociedade brasileira busca formar uma resistência ao sistema atual, aos valores pregados pelo presidente brasileiro eleito e pela comunidade que o elegeu. Em 2018, por exemplo, assistimos no Brasil a ascensão de um movimento social, marcadamente feminista, chamado #EleNão, que demarca a negação a Bolsonaro e tudo o que ele representa. Partindo do pressuposto de Castells (2017) de que presenciamos contemporaneamente a assunção dos movimentos sociais na internet como forma de manifestação do desejo de mudança, analisaremos, a partir de uma perspectiva discursiva/linguística, a manifestação do movimento feminista brasileiro #EleNão, explorando, por exemplo, o uso de tecnografismos e memes (Paveau, 2017; 2017a) como expressão da indignação e do desejo de mudança social e política, que se iniciou em ambiente digital, mas que também ocupou as ruas das principais cidades do Brasil em 2018. A partir das análises, pudemos verificar que a hashtag, que marcou o referido movimento iniciado nas redes sociais – Twitter, Facebook e Instagram, por exemplo –, sofreu uma mudança quando passou a estampar também os cartazes que foram criados

para a manifestação; a invadir os muros da cidade – com graffiti e pichações –; e o próprio corpo dos cidadãos indignados. A abordagem discursiva do movimento #EleNão permite refletir sobre as possibilidades técnicas da Web 2.0 na produção de novos discursos, especificamente no tocante ao ativismo digital feminista em contexto brasileiro e sua forma argumentativa marcadamente verbo-icônica.

Palavras-chave: Linguística; Feminismo Digital; Movimento Social; #EleNão.

Referências

Castells, M. (2017). Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na internet. Rio de Janeiro: Zahar.

Paveau, M. (2017). Feminismes 2.0. Usages technodiscursifs de la génération connectée. *Argumentation et Analyse du Discours* (online), 18, online desde 14 abril. Acesso em 20/04/2017. Disponível em: <http://aad.revues.org/2345>; DOI: 10.4000/aad.2345.

DOS DIVERSOS OLHARES SOBRE A PARTICIPAÇÃO ATIVA DA COMUNIDADE E DOS ARTISTAS: reflexões a partir de um projeto participativo de arte pública no Lousal

FROM THE VARIOUS PERSPECTIVES ON THE ACTIVE PARTICIPATION OF THE COMMUNITY AND ARTISTS: reflections from a participatory public art project in Lousal

Pedro COSTA, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, Dinâmia'CET, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Maria Assunção GATO, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, Dinâmia'CET, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo: O recente interesse na relação entre arte e ativismo tem estado maioritariamente centrado numa perspetiva que, aliando a genuinidade da criação e do ato artístico à capacidade de trazer para a agenda pública um conjunto de questões políticas, sociais, ambientais e de renovar discursos no campo da política e da expressão da cidadania, não deixam de se focar em extratos relativamente “privilegiados” do ponto de vista do capital cultural e social, e se centrar essencialmente em meio urbano. Nesta comunicação procura-se problematizar esta questão, levando-a a contextos distintos; por um lado, assumindo as dificuldades de auto-mobilização e participação artística ativa em meios rurais, com uma população com características socioculturais e demográficas bem distintas das anteriores; por outro lado, questionando os interesses e motivações da intervenção dos artistas/investigadores envolvidos neste processo, e as suas dinâmicas de atuação. O caso em estudo baseia-se no projeto “Um monumento para o Lousal” desenvolvido durante o ano de 2018 com a comunidade do Lousal e cujo objetivo mais imediato consistiu na conceção de uma peça de arte pública projetada inteiramente de raiz pela comunidade e para a comunidade. A

aldeia mineira do Lousal, localizada no concelho de Grândola, deve a sua origem à abertura da mina para a extração de pirite no final do século XIX, tendo-se mantido em laboração até 1988. Com o encerramento da mina do Lousal, a aldeia não perderia só a única fonte de rendimento económico que sustentava toda a população, mas também uma perspetiva de futuro. Após o encerramento da mina, muitos ex-trabalhadores continuaram a habitar no Lousal, reféns de um passado e de uma condição económica que não lhes daria grande abertura para outras opções. As casas (cedidas aos trabalhadores pela empresa exploradora) foram sendo compradas pelos ex-trabalhadores e suas famílias diretas a preços simbólicos e melhoradas à medida das possibilidades de cada um. No entanto, esta comunidade mantém-se fiel ao monótono traçado de exiguidade e pobreza que caracteriza as aldeias mineiras, de uma forma geral, bem como às hierarquias sociais e profissionais subjacentes às logicas funcionais deste território, em particular. Este é o contexto sociocultural e territorial que inspirou o projeto de coprodução artística desenvolvido por uma equipa de investigação multidisciplinar coordenada pelo escultor Sérgio Vicente e que envolveu o DINÂMIA'CET-IUL, além de outros centros de investigação (CIEBA da FBA-UL, IHA da FCSH-CEACT da UAL), sob o patrocínio da Câmara Municipal de Grândola. Nesta comunicação analisa-se, com base no trabalho de observação participante realizado durante o ano de 2018, o processo dinamizado pela equipa multidisciplinar com a população local, bem como os resultados provenientes dos vários workshops de trabalho e discussão realizados, dando-se conta de todo o processo desenvolvido e dos resultados obtidos, problematizando, por um lado, a questão da capacitação para a participação através da arte na comunidade local, e por outro, a motivação “ativista” dos artistas-investigadores dinamizadores do projeto, ao longo de todo o processo.

Palavras-chave: Arte participativa; Escultura; Comunidade; Investigação-Ação.

ARTE E DISSIDÊNCIA NA SOCIEDADE FRAGMENTADA

ARTE Y DISIDENCIA EN LA SOCIEDAD FRAGMENTADA

ART AND DISSENT IN THE FRAGMENTED SOCIETY

Ion Andoni del Amo CASTRO, Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea, País Basco, Espanha.

Resumo: ¿Sigue siendo todavía posible la disidencia desde el campo del arte? Para indagar en el papel del arte y la disidencia, profundizamos en qué tipo de arte y prácticas culturales conectan con disidencias con incidencia política, con capacidad de transformar el entorno. Proponemos para ello contextualizar históricamente los dos grandes marcos culturales y artísticos del último siglo, el moderno y el postmoderno. A través de estos marcos abordamos cronológicamente el papel de las vanguardias artísticas modernas, las subculturas musicales y los youtubers digitales en las actuales sociedades, y sus potencialidades de transformación política. Concluimos que la disidencia en el arte, en unas sociedades fragmentadas social y culturalmente como las de hoy, remite especialmente a su reconstrucción colectiva.

Palavras-chave: Arte; dissidência; música; postmodernidad; fragmentación social.





F-I

A ATUALIDADE DO DIREITO À CIDADE - Do direito à obra ao direito coletivo pelo controle democrático da produção do espaço

THE ACTUALITY OF THE RIGHT TO THE CITY - From the right to the work to the collective right by the democratic control of the production of the space

Ana FARIAS, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Resumo: Apesar de todo o avanço tecnológico e científico da arquitetura e do urbanismo ao longo do século XX, as cidades de hoje acumulam problemas sociais, económicos e ambientais, estando ainda muito longe de uma situação de justiça urbana. No turbilhão de reivindicações e de ações artísticas e ativistas que denunciam a expropriação da cidade desde a década de 1960, o conceito do ‘direito à cidade’ proposto por Henri Lefebvre (2016) e adotado por diversos teóricos e praticantes assume, ao longo dos anos, novos significados e novas urgências de acordo com os momentos do processo histórico em que está inserido. Da imaginação de utopias, das diversas experiências participativas e de ampliação democrática nos processos de design, da autoconstrução, da constituição de comuns na cidade biopolítica, das manifestações de arte urbana, do urbanismo tático, o direito à cidade passa da marginalidade dos ativismos aos discursos proferidos em encontros da Organização das Nações Unidas e gravados em marcos legais de alguns países. Com o objetivo de compreender a evolução do conceito do ‘direito à cidade’ e, principalmente, de compreender suas vicissitudes atuais, o artigo recorre ao texto fundador de Lefebvre (2016), à atualização do termo proposta por David Harvey (2014), e à uma averiguação de como o direito à cidade tem sido incorporado a acordos institucionais, inclusive constituições republicanas, como em alguns países latino-americanos. O texto cruza discussões sobre a cidade contemporânea, biopolítica e neoliberal, sustentada

pela visão do urbanismo de Montaner e Muxí (2014), pela visão da geografia de David Harvey (2015), e pelas visões filosóficas de Hardt e Negri (2016), Pelbart (2011), Agamben (2010), além de outros autores, e conclui pela importância do direito à cidade num desejado processo de transição da situação de precariedade urbana atual para uma utopia da economia do comum. O direito coletivo à cidade, ou direito à obra, como formulado por Lefebvre (2016), encontra em Harvey (2014) uma fundamentação na afirmação dos direitos humanos, o que o autor sugere que possa ser um importante ponto de convergência entre o macro espaço da globalização e o microcosmo do corpo, no processo de resistência e fuga ao neoliberalismo. Este artigo é parte integrante da dissertação de mestrado da autora, que buscou construir um panorama conceitual sobre o Urbanismo Tático, exemplificado com diversos praticantes e práticas, intitulado “Taxonomia do Urbanismo Tático: uma proposta para leitura, compreensão e articulação das táticas urbanas emergentes”.

Palavras-chave: Direito à Cidade; Biopolítica; Cidade Neoliberal; Táticas Urbanas Emergentes.

Referências

Acosta, A. (2012). O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo. In: Heinrich Boll Foundation (ed.). Um campeão visto de perto. Fundação Boell, pp. 198 -216 Disponível em: <https://goo.gl/MH5B8N>. Acesso em: 11 dez. 2016.

Agamben, G. (2010). Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Brasil (1988). Constituição Federal. Promulgada em 05 out. 1988. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 12 dez. 2016.

Brasil. Estatuto da Cidade: Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana. Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações. Brasília, 2001. ISBN 85-7365-168-7.

Certeau, M. (2014). A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer. Petrópolis, RJ:

Vozes.

Debord, G. (1997). A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto.

Ecuador: Constitución del Ecuador. Asamblea Constituyente, Registro Oficial No. 449 de 20/10/2008. Quito, 2008. Disponível em <https://goo.gl/uwtuQ> Acesso em 12/12/16.

Forum Social Mundial (FSM). Carta Mundial pelo direito à cidade. Fórum Social Mundial Policêntrico, 2006. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/709/709.pdf>, Acesso em 05/12/16.

Foucault, M. (2015). Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Hardt, M. & Negri, A. (2000). Imperio. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press. Disponível em: <https://goo.gl/sRGNqz>. Acesso em 19 dez. 2016.

Harvey, D. (2014). Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes.

Harvey, D. (2015). Espaços de esperança. São Paulo: Edições Loyola.

Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) (2016). Relatório brasileiro para o Habitat III. Brasília: Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) (2016). ConCidades. Disponível em: <https://goo.gl/P7SQE5>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Jacobs, J. (2009). Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes.

Lefebvre, H. (2016). O direito à cidade. Itapevi, SP: Nebli.

Maricato, E. (2016). Metrópole, legislação e desigualdade. Estudos Avançados. v. 17, n. 48, pp. 151-166. São Paulo, 2003. Disponível em: <https://goo.gl/F1Etq7> Acesso em 29 nov.

Montaner, J. & Muxí, Z. (2014). Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustav Gili.

Pelbart, P. (2011). Vida Capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras.

Rocha, Enid (2008). A Constituição Cidadã e a institucionalização dos espaços de participação social: Avanços e desafios. In: VAZ, Flavio T.; MUSSE, Juliano S.; SANTOS, Rodolfo F. dos (Coords.). 20 anos da Constituição Ci-

dadã: avaliação e desafios da seguridade social. Brasília: Associação nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (AnFiP). Disponível em: <https://goo.gl/V8uAaU>. Acesso em: 12 dez. 2016.

United Nations (UN) (1998). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Office of the High Commissioner – Human Rights. Disponível em: <https://goo.gl/yJV87L>; Acesso em: 26 jan. 2016.

United Nations (UN) (2016). Draft outcome document of the United Nations Conference on Housing and Sustainable Urban Development (Habitat III). General Assembly. Quito, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/cRTMXS>. Acesso em: 12 dez. 2016.

A RELAÇÃO ENTRE GRAFFITI E STREET ART E OS PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO E TURISTIFICAÇÃO EM LISBOA: uma análise psicossocial e política

THE RELATION BETWEEN GRAFFITI AND STREET ART AND THE PROCESSES OF GENTRIFICATION AND TOURISTIFICATION IN LISBON: A psycho-social and political analysis

Carolina FERNANDES, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Abstract: In the last years, the city of Lisbon, following suit to other world-wide big cities – New York, Berlin, Barcelona – has been witnessing a rise in new forms of gentrification and particularly touristification (Colomb & Novy, 2016; Zukin, 2010). Tourism has become globalized and with it the cities, their characteristics and inhabitants. Whereas some have emphasized the positive impacts, mainly economic, of these tourism economies; many have highlighted the several negative impacts of these processes, both for the destruction of the physical and symbolic identities of places, and for the living conditions of their inhabitants, with dwellers being evicted from their life-long residencies, traditional buildings being completely refurbished and public spaces, traditional meeting places for local populations, erased (Arias & Quagliari, 2016; Nofre et al., 2017). In the last years, the antecedents and consequents of these processes in terms of planning, space, economy and society in general have been increasingly explored. However, their psycho-social and political dimensions have been more neglected (Di Masso, 2015). With this work we intend to contribute to further a psycho-social approach to gentrification and touristification by adopting a specific angle – that of a particular group of urban actors that closely contributes to the definition of the urban space and to its political negotiation, contestation and re-presentation: graffiti writers and street artists. The main aim of this research is to

understand which psycho-social processes, specifically in terms of people's subjectivities and relationships with the place, are associated with graffiti and street art practices in their relation to gentrification and touristification. For that, we have analyzed, through ethnographic and visual discourse methods, graffiti and street art, both illegal and institutional, in several historic neighbourhoods of Lisbon, where gentrification and touristification have intensified in the last years. Analyses show that both institutional and legal graffiti and street art are related to, albeit in different ways, the social and physical transformations happening in the city of Lisbon, both to contest them and to appropriate them to promote their relationship with the place.

Keywords: Graffiti and Street Art; Gentrification; Psycho-social approach; Lisbon.

References

- Almeida, G. B. (2013). Política, subjetividade e arte urbana: o graffiti na cidade. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
- Alonso, A. (1998). Urban graffiti on the city landscape. San Diego: San Diego State University.
- Amin, H. (2018). The impact of heritage decline on urban social life. *Journal of Environmental Psychology*, 55, pp. 34-47.
- Batel, S. (2010). Participação pública entre normas e factos: uma análise psico-social. Tese (Doutoramento). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa.
- Batel, S., & Adams, M. (2016). Ecological crisis, sustainability & social worlds: Developing a critical agenda. *Papers on Social Representations*, 25(1), pp. 1.1 -1.27.
- Bird, S. E. (2002). It makes sense to us: Cultural identity in local legends of place. *Journal of contemporary ethnography*, 31(5), pp. 519-547.
- Bueno, G., & Zanella, A. V. (2017). A imagem na pesquisa em psicologia social: um possível encontro da etnografia com o documentário cinematográfico. *Revista de Psicologia*, 8(1), pp. 37-52.

- Campos, R. (2013). Introdução à cultura visual. Abordagens e metodologia em ciências sociais. Lisboa: Mundos Sociais.
- Campos, R. (2017). O espaço e o tempo do graffiti e da street art. *Cidades. Comunidades e Territórios*, 34, pp. 1-16.
- Chmielewska, E. (2007). Framing [con] text: Graffiti and place. *Space and Culture*, 10(2), pp. 145-169.
- Christmann, G. B. (2008, September). The power of photographs of buildings in the Dresden urban discourse. Towards a visual discourse analysis. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, v. 9, n.3.
- Clarke, D.; Murphy, C., & Lorenzoni, I. (2018). Place attachment, disruption and transformative adaptation. *Journal of Environmental Psychology*, 55, pp. 81-89.
- Costa, L.; Zanella, A., & Fonseca, T. (2016). Psicologia Social e Arte: contribuições da revista *Psicologia & Sociedade* ao campo. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), pp.604-615.
- Costa, P.; Oliveira, A.; Magalhães, A.; Sousa, F.; Teixeira, G.; Guerra, P. & Magalhães, M. (2017). Estratégias para a cultura da cidade de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Da Rosa, G.; Corrêa, M.; Caye, R. & Taschetto, L. (2017). Interseções entre o graffiti urbano e a psicologia social. SEFIC 2015.
- Di Masso, A. (2015). Micropolitics of public space: On the contested limits of citizenship as locational practice. *Journal of Social and Political Psychology*, v. 3, n. 2, pp. 63-83.
- Di Masso, A., & Dixon, J. (2015). More than words: Place, discourse and the struggle over public space in Barcelona. *Qualitative Research in Psychology*, 12(1), pp. 45-60.
- Dovey, K., Woodcock, I., & Wood, S. (2009). A test of character: Regulating place-identity in inner-city Melbourne. *Urban Studies*, 46(12), pp. 2595-2615.
- Ferro, L. (2011). Da rua para o mundo: configurações do graffiti e do parkour e campos de possibilidades urbanas. Tese (doutoramento). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa.
- Frayze-Pereira, J. (2003). Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psi-

cologia, arte e política. Estudos avançados, 17 (49), pp. 197-208.

Furtado, J. R. (2007). Inventi(cidade): os processos de criação no graffiti. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Furtado, J. R., & Zanella, A. V. (2009). Graffiti e Pichação: Relações estéticas e intervenções urbanas. Visualidades, 7(1).

Gómez, A. (2008). Pensar la psicología hoy. Universitas Psychologica, 7(3), pp. 909-916

Hauge, Å. L. (2007). Identity and place: a critical comparison of three identity theories. Architectural science review, 50(1), pp. 44-51.

Lages, R. (2004). Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite. RUA, 10(1), pp. 65-85.

Nofre, J.; Sánchez; Fuarros, Í.; Carlos Martins, J.; Pereira, P.; Soares, I.; Malet; Calvo, D.; ... & López Díaz, A. (2017). Exploring Nightlife and Urban Change in Bairro Alto, Lisbon. City & Community, 16(3), pp. 330-344.

Novy, J., & Colomb, C. (2016). Urban tourism and its discontents: an introduction. In: Colomb, C and Novy, J, (eds.) Protest and resistance in the tourist city, pp. 1-30.

Sans, A. & Quaglieri, A. (2016). Unravelling Airbnb: urban perspectives from Barcelona. Reinventing the local in tourism: Producing, consuming and negotiating place, 73, pp. 209-228.

Sato, L., & de Souza, M. (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. Psicologia Usp, 12(2), pp. 29-47.

Sodré, A., & Weber, L. (2017). A Arte Urbana e seus Efeitos nos Processos de Subjetivação: Uma Revisão Bibliográfica no Campo da Psicologia. Revista Subjetividades, 17(2), pp. 66-75.

Stamou, A. G., & Paraskevopoulos, S. (2004). Images of nature by tourism and environmentalist discourses in visitors' books: A critical discourse analysis of ecotourism. Discourse & Society, 15(1), pp. 105-129.

Watzlawik, M. (2014). The "art" of identity development—Graffiti painters moving through time and space. Culture & Psychology, 20(3), pp. 404-415.

ACONTECEU NO OESTE. História e memória, os silêncios ruidosos

IT HAPPENED IN THE WEST. History and memory, the noisy silences

Pedro FERREIRA, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal.

Resumo: O poder autárquico ou um país no seu todo, serve-se de memórias, seleciona silêncios e evita grandes heterodoxias como estratégia de legitimação, paz social, é seletivo naquilo que mais lhe convém, e este trabalho pretende demonstrar mais à frente esta afirmação. Desde os livros de escola que contam certos episódios de determinada maneira até evidenciar que uma figura pública nasceu num lugar específico, mesmo que depois disso tenha perdido por completo as suas raízes, apetece citar o historiador Tony Judt quando dizia no final da sua obra, Pós-Guerra: História da Europa desde 1945, que: “A memória é intrinsecamente conflituosa e tendenciosa: aquilo que um homem reconhece, é o que o outro omite. E não serve como guia para o passado. A primeira Europa do pós-guerra foi construída sobre uma falha de memória deliberada - elegendo o esquecimento como modo de vida” (Judt, 2007, p. 928). Assim, pese embora a distância da comparação, não é preciso um grande esforço para encontrar exemplos, quase diários, da falta de consideração perante a Cultura na sociedade. Tal como num filme de gangsters, naquela altura em que finalmente o vingador se encontra cara a cara com o assassino da sua família, e o vilão nem sequer se recorda desse assassinato em particular, também nos dias de hoje os “embaixadores morais” do politicamente correto - políticos, comentadores, militares, religiosos, etc... - muitas das vezes nem sabem porque são criticados. A cruzada de combate aos valores, como apontou Hebdige (2018, p. 190), orienta-se por um tipo de pensamento pouco habituado a ser questionado e que está de tal modo cavado nas suas trincheiras (Cohen, 1972) que pode dar origem a confusões ou a tensões mais graves. Uma crítica pode ser encarada como

petulância, ou o desagrado de uma minoria não está livre de ser enfrentado com condescendência pela sua pouca representatividade. Sob o pretexto do livro, *Uma Cena ao Centro - Música Moderna Portuguesa 1990-1999* (Miguel, 2018), que fala sobre a cena musical underground da zona centro do país (Leiria, Marinha Grande, Alcobaça e Caldas da Rainha), a obra chega a algumas conclusões, uma das quais ao facto deste movimento artístico - que é tradicionalmente urbano - se tenha passado neste caso na periferia, nas aldeias do concelho das cidades. Isso aconteceu devido a políticas culturais fechadas e conservadoras que não permitiam que aqueles artistas tivessem lugar no centro das cidades, nos equipamentos municipais, devido ao clássico pânico moral instalado nestas circunstâncias, apontado, aliás, pelos dois autores atrás citados, mas que, ao mesmo tempo, ninguém conseguiu travar. Ancorado numa metodologia de pesquisa bibliográfica intensa para a sua validação teórica e na observação participante resultante do currículo do autor, este é um trabalho sobre resistência cultural.

Palavras-chave: Cultura; Resistência; Política; Música; Luta.

MÔNICA NADOR E A ARTE DA AUTORIA COMPARTILHADA

MÔNICA NADOR AND THE ART OF SHARED AUTHORSHIP

Letícia FRANÇA, Universidade de Ribeirão Preto, Brasil.

Valéria GARCIA, Universidade de Ribeirão Preto, Brasil.

Resumo: O trabalho é um recorte temático inserido na pesquisa docente – Sobre presenças e ausências: o feminino nas artes que procura compreender a abrangência da participação de mulheres artistas em face aos desafios da sociedade contemporânea. Os estudos empreendidos têm por objetivo a investigação da presença proativa do feminino no espaço das artes, cidadania e do ativismo. Dentro do espaço de atuação desse grupo, investiga-se a espetacularização do espaço urbano e a negação dos conflitos e dissensos do espaço público, que contribuem para a invisibilidade social das áreas carentes das cidades. Esses lugares, constituídos de suas vulnerabilidades, participam da atuação cotidiana da mulher, que encontra maneiras de subverter as pressões a que estão submetidas. Por meio dessa investigação insere-se no recorte de trabalho a atuação da artista plástica Mônica Nador, com o desenvolvimento de seu projeto Paredes-Pinturas (2000). A artista que escolheu atuar e habitar a periferia da cidade de São Paulo, desenvolve um projeto artístico que trata do urbano como lugar de partilha. A exposição de suas pinturas-murais pelas empenas da comunidade, operam um caminho que abstrai os espaços oficiais e privilegiados dos museus e galerias de arte. No entanto, esse não é exatamente o objetivo da artista, que em entrevista concedida à autora, em fevereiro de 2018, explica que sua atuação, prioriza que o processo seja sua forma de concretização da arte, e não o produto final. Nador acredita que esse processo contribui para produzir transformações significativas na vida das pessoas e na própria sociedade em que estão inseridas, exercendo uma forma de partilha de identidades com resistência as tensões sofridas. Sua condição feminina e atuação em face a várias difi-

culdades, abre espaço e cria oportunidades de resistência para os moradores. A arte de Nador permeia o campo da ação política, fazendo jus a uma partilha de sensibilidades, como exposto por Rancière. Essa lógica permite que a figura da artista possa se dissolver e dar lugar a voz da comunidade, que subverte a forma de apropriação e resistência do espaço em expressão artística. Ressalta-se no texto a significância política de um artístico do ano de 2018, Nador em parceria com a comunidade veicula o busto de Marielle Franco com a técnica de silk - uma forma de estampa em tecido com os desenhos feitos a mão. A figura, trata-se da vereadora do Rio de Janeiro, feminista, ativista dos direitos humanos e socióloga que foi brutalmente assassinada em 14 de março de 2018 por resistir, denunciar e lutar contra as opressões do feminino e da sociedade das minorias. Nesta obra, Nador vem tornar pública a luta das periferias, utilizando-se do luto para clamar justiça. Essa é a arte de Mônica Nador, responsável por expor as lacunas da apropriação espacial, corporal e artística que transformam arte em ativismo.

Palavras-chave: Ativismo; Partilha; Mônica Nador; Expressões Artísticas; Apropriação do Espaço.

Referências

Britto, F. D.; Jacques, P. B. (2005). Corpocidade: Arte enquanto micro-resistência Urbana. *Fractal*, vol. 21, n. 2, pp. 337-349.

Jacques, P. B. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. In: *Arqtexto 7*, Rio Grande do Sul, n.7, pp. 16-25.

Lefebvre, H. (2008). O direito à Cidade. São Paulo: Centauro.

Mouffe, C. Artistic activism and agonistic spaces. *Art & Research: A Journal of Ideas, Contexts and Methods*. V. 1., n. 2.

Mouffe, C. (2015). Quais espaços públicos para práticas de arte crítica? *Arte e ensaios*, n. 27.

Nador, M. (1999). Paredes-Pinturas. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo.

Nochlin, L. (2016). Por que não houve grandes mulheres artistas? São Paulo:

Studio SP.

Peccini, I. R. (2016). Cidade: substantivo feminino. As desigualdades de gênero e o espaço público (não) vivenciado pela mulher. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rancière, J. (2005). A partilha do sensível. São Paulo: 34 Ltda.

RESÍDUO RESIDE: ARTE COMO CONTENÇÃO DA DISTOPIA AMBIENTAL

WASTE RESIDE: THE ART AS CONTAINMENT OF ENVIRONMENTAL DYSTOPIA

Felipe de Ávila FRANCO, Finnish Academy of the Arts Helsinki, Finlândia.

Resumo: Essa pesquisa desenvolve uma abordagem artística à materialidade do resíduo liberado no rompimento da barragem de rejeitos de mineração do Fundão, em Bento Rodrigues, no município de Mariana-MG, ocorrido em Novembro de 2015 e considerado o maior desastre ambiental da história do Brasil. O rompimento da barragem lançou 50 milhões de toneladas de resíduos de mineração no meio ambiente, inundando comunidades locais e comprometendo 700Km dos rios da região, atingindo o oceano Atlântico 17 dias depois. Após uma visita ao local do desastre para a coleta do material derramado, foram desenvolvidos diferentes trabalhos artísticos de viés escultóricos e sob diversos suportes, como peças de cerâmica, uma série fotográfica e esculturas eletromecânicas. Ao mesmo tempo em que explora os limites do suporte, a pesquisa evidencia as artes como ferramenta para abordagem de novas perspectivas de conhecimento revelando seu caráter interdisciplinar. Essa abordagem às diversas das potencialidades artísticas dos resíduos industriais refletiu o processo artístico como uma espécie de filtro para essa contaminação e logo, o trabalho de arte como contentor da mesma. Através dessa uma metodologia não linear, traçou-se um paralelo entre abordagens teórica e prática. Os trabalhos foram realizados a partir da combinação de técnicas de escultura tradicionais e experimentais, juntamente com uma revisão bibliográfica de tópicos relativos à biopolítica e materialidade, tomando o conceito de contaminação ambiental como força motriz para a pesquisa. A pesquisa se orienta, então, por uma espécie de 'arqueologia inventada', propondo dar um novo sentido à atual distopia ambiental industrial, ao mesmo tempo que evoca a arte como mecanismo capaz de ativar uma reflexão ampla sobre a equivocada ideia de 'natureza'.

como algo separado do humano. Realizou-se, ainda, uma investigação sobre os termos natureza e utopia, lançando um olhar crítico sobre o conceito de Antropoceno, evidenciando a emergência ambiental para muito além da ruptura com paradigmas geológicos e ecológicos. O conceito traduz uma nova perspectiva antropológica a ser considerada ao refletir sobre ‘pertencer a um mundo já contaminado’, mas ao mesmo tempo universaliza a posição de todos como causa desse cenário, o que não é condizente com a real conjuntura dos monopólios industriais globalizados. Ao lançar mão da distopia humana gerada pela contaminação por resíduos industriais a pesquisa reconfigura a emergência ambiental em uma fonte axiomática para a busca de materiais para o processo artístico. Dessa maneira, a pesquisa assim como os trabalhos através dela produzidos, são dedicados a propor questionamentos consistentes, na tentativa de ativar “a arte como uma solução para questões que não podem ser formuladas claramente antes de serem resolvidas.” Isso habilita uma discussão sobre a urgência de perspectivas artísticas amplas em articulações contemporâneas entre arte ativismo e participação política, reorientando situações de conflito e emergência a partir do momento que elas são re-imaginadas, reconfiguradas. Em que consiste levantar questionamentos sobre como pensar a arte diante da emergência, do desastre, do conservadorismo e da violência que dominam tantos territórios, em um mundo que parece desmoronar ao nosso redor? Talvez, seja exatamente nesses momentos, que a arte se faz mais necessária, não apenas para garantir nossa sobrevivência, mas principalmente, porque sobreviver não é o bastante.

Palavras-chave: Arte-contemporânea; Filtro; Contaminação; Antropoceno.

Referências

- Adamson, J. & Davis, M. (2017). *Humanities for the environment: Integrating knowledge, forging new constellations of practice*. London: Routledge.
- Berman, M. (1982). *All that is solid melts into air*. London: Simon and Schuster.
- Edgeworth, M. (2014). *Archaeology of the anthropocene*. *Journal of Contemporary Archaeology*, 1.1.
- Morton, T. (2007). *Ecology without nature*. Massachusetts : Harvard Univer-

sity Press.

Prable, D. (1973). *Man creates art creates man*. San Pablo: MCcUTCHAN Pub. Corp.

Salminen, A.; Vadén, T. (2015). *Energy and experience: An essay in naftology*. Chicago: MCM Publishing.

Žizek, S. E. (2014). *Series philosophy in transit*, Vol. 2. London: Penguin Books Ltd.

QUANDO AS PESSOAS JOVENS REINVENTAM CIDADANIA: Experiências críticas e criativas

WHEN YOUNG PEOPLE REINVENT CITIZENSHIP: Critical and creative experiences

Ana GARCIA, Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

Eunice MACEDO, Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

João QUEIRÓS, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, Portugal

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão e debate sobre a arte enquanto processo de cocriação e experiência estética e de participação no contexto de uma investigação com jovens dos 14 aos 17 anos, de uma constelação de bairros da cidade do Porto. Na tentativa de desconstruir o pressuposto de que os jovens são pouco ativos politicamente e no que concerne à sua participação cidadã, esta investigação tem procurado compreender como é que este grupo de jovens constrói a sua cidadania na relação com os seus pares e a sua cidade, sendo analisados espaços de diálogo, interação social e de produção criativa e artística. As práticas artísticas como experiências de dimensão estética (Dewey, 2010) e crítica, poderão proporcionar espaços de aprendizagem e reflexão, estimular o debate e a construção de formas alternativas de participação social e política (Stahl, 2009). Neste sentido, e à luz do caráter colaborativo e participativo que pressupõe a metodologia da investigação-ação, serão apresentados alguns resultados preliminares de um conjunto de sessões de expressão musical concretizadas por dois grupos participantes. As e os jovens participantes na pesquisa foram desafiados a dinamizar rodas de diálogo e dinâmicas coletivas, que pretendiam descortinar os assuntos e as temáticas que mais os afetam e preocupam enquanto jovens cidadãos e cidadãs. Desigualdades de

gênero, preconceito e injustiças sociais foram os tópicos mais destacados por ambos os grupos, que serviram de mote para a discussão e a criação coletiva de duas letras/poemas. Para além de um processo expressivo, de partilha e participação, esta experiência de cocriação permitiu uma prática reflexiva, interativa, coconstrutora de sentidos e representações da realidade. Com recurso a uma plataforma gratuita e colaborativa de composição musical online – o Soundtrap – cada um dos grupos de jovens participantes desenvolveu entusiasticamente uma paisagem sonora para acompanhar as palavras escritas e ditas por cada elemento dos grupos. Com traços da estética Rap, as duas músicas que resultaram destas experiências refletiram algumas das perceções e posições destes jovens relativas à realidade que os rodeia e a necessidade de as expressar e concretizar. A proposta do grupo em realizar um videoclipe das músicas criadas para materializar uma narrativa relacionada com os temas da desigualdade de género, o preconceito e as injustiças sociais, poderá ter revelado uma oportunidade para este coletivo se afirmar enquanto produtor cultural e emergir criativa, social e politicamente na interseção das várias subjetividades. Tendo em conta os diversos processos de transformações das culturas jovens das sociedades contemporâneas observadas pelas pesquisas realizadas nesse domínio, a pesquisa permitiu já evidenciar a capacidade das e dos jovens em reinventar as suas práticas cidadãs e ações políticas (Guerra, 2013). A percepção de que as e os jovens não participam na sociedade é também colocada em causa pelos estudos europeus recentes, que indicam que estes são mais críticos do que apáticos, utilizando diversas novas formas de participação, nomeadamente “estratégias poéticas e performativas” (Raposo, 2015, p. 5) e diversas plataformas digitais multimédia, que facilitam a amplificação das suas vozes (EACEA, 2013).

Palavras-chave: Jovens; Investigação Colaborativa; Participação Cidadã; Produção Artística; Cocriação.

Referências

- Dewey, J. (2010). *A arte como experiência*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- EACEA (2013). *Youth participation in democratic life*. Londres: LSE Enterprise.
- Guerra, P. (2013). *A instável leveza do rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. Porto: Afrontamento.

- Raposo, P. (2015). “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de de Arte e Antropologia, Nr. 4, 3 - 12.
- Stahl, J. (2009). Street art. Londres: H. F. Ullmann.

QUINTA DO MOCHO: street art, regeneração urbana e poder político

QUINTA DO MOCHO: street art, urban regeneration and political power

Ana Sofia Gameiro GARISO, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação, Portugal.

Resumo: Herdeira do graffiti, a street art foi durante muito tempo associada a atos de vandalismo e desrespeito, quer pela propriedade privada, quer pelo espaço público. Atualmente a street art é um fenómeno globalmente popular e vemos os próprios estados a sancionar ou encomendar murais ou outras intervenções a artistas de street art. Em Portugal, as Câmaras Municipais começaram na última década a encomendar trabalhos para promover as cidades, regular a intervenção espontânea em espaço público e, sobretudo na área metropolitana de Lisboa, para desenvolver ações de regeneração urbana em bairros de habitação social. Este artigo procura problematizar as dinâmicas territoriais e culturais que se verificaram nas últimas décadas no Bairro da Quinta do Mocho, em Sacavém. Durante vários anos a reabilitação urbana não foi suficiente para valorizar a identidade coletiva e cultural deste território. Recentemente, teve lugar no bairro um festival de Arte Urbana do qual nasceu uma galeria de arte que tem vindo a ser reconhecida nacional e internacionalmente, projetando o bairro como um local alternativo no circuito turístico e cultural. Esta galeria constitui um exemplo paradigmático de um programa de regeneração urbana, promotor de street art enquanto arte pública, que se apoia na popularidade do fenómeno para estabelecer diálogo com determinadas populações e promover transformações positivas num território periférico. É sobretudo neste tipo de território – físico e simbólico - afetado por um conjunto de carências, que atualmente as Câmaras Municipais da área metropolitana de Lisboa promovem intervenções apoiadas na street art. Com este trabalho, procurámos não apenas refletir

sobre as dinâmicas de “positivação” deste território e os impactos para a identidade coletiva desta população, mas também pensar nas galerias de street art como oferta cultural pública e refletir sobre a relação entre a street art e o poder regulador da distribuição do espaço visual da cidade, tentando perceber se o potencial transformador que torna a street art tão atrativa não é posto em causa por esta relação de proximidade com as instâncias de poder. Tratando-se de intervenções pluridisciplinares e, sobretudo, muito recentes, o apuramento de impactos ou resultados concretos revela-se quase impossível. Procurámos antes observar e interrogar as motivações e discursos legitimadores dos promotores das intervenções e, através de entrevistas a alguns destes agentes, bem como de alguns contactos exploratórios com os próprios territórios e suas comunidades, perceber as mudanças operadas na percepção global interna e externa deste bairro. A abordagem empírica foi por isso qualitativa, mas percebemos que existe espaço para a construção de ferramentas de avaliação quantitativa, a longo prazo. De uma forma geral, parece-nos que um estudo mais abrangente e aprofundado, que acompanhasse a criação de galerias de street art a nível municipal em território nacional, e observasse os seus impactos por um período alargado, poderia ser interessante para dotar as próprias autarquias de ferramentas de reflexividade para a gestão artística e cultural local e sua articulação com questões urbanísticas.

Palavras-chave: Programação Cultural; Arte Pública; Street Art; Municípios.

Referências

- Abreu, J. G. (2015). As origens históricas da arte pública. *Convocarte: Revista de ciências da arte*. n. 1, pp. 14-27.
- Augé, M. (2012). *Não-Lugares - Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Letra Livre.
- Benjamin, W. (2008). *Work of art in the age of its technological reproducibility, and other writings on media*. London: Harvard University Press.
- Brassai. (1993). *Graffiti*. Paris: Flammarion.
- Cachado, R.A. (2013). *O Programa Especial de Realojamento*. Ambiente his-

tórico, político e social. *Análise Social*, 206, XLVIII (1.º), pp. 134-152.

Campos, R. (2007). *Pintando a cidade - Uma abordagem antropológica ao graffiti urbano*. Lisboa: Universidade Aberta.

Centeno, M. J. (2010). *As organizações culturais e o espaço público - A experiência da Rede Nacional de Teatros e Cineteatros*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Cresswell, T. (1996). In *Place/out of Place: Geography, ideology, and transgression*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Esteves, J. P. (1998). *Cultura e industrialização / Racionalidade e Instrumentalismo*. In: Antelo, R. et al. (org.). *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas. Consultado em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/esteves-pissarra-ind-cultural.pdf>.

Freitas, F. (2013). *História e memórias do Bairro Padre Cruz: construir cidade à escala humana*. Lisboa: Junta de Freguesia de Carnide.

Irvine, M. (2012). *The Work on the Street: Street Art and Visual Culture*. In: Sandywell, B. & Heywood, I. *The handbook of visual culture*. London & New York: Berg. pp 235-278.

Jein, G. (2016). *Suburbia Interrupted: street art and the politics of place in the Paris banlieues*. In: Jordan, S. & Lindner, C. (Eds.). *Cities interrupted: Visual culture and urban space*. London: Bloomsbury Publishing.

Lefebvre, H. (2012). *O Direito à cidade*. Lisboa: Letra Livre.

Lewisohn, C. (2008). *Street art: The graffiti revolution*. London: Tate Publishing.

Madeira, C. & Gariso, A. (2016). *Um território (des)valorizado culturalmente? Dois tempos (e lugares) do Bairro da Quinta do Mocho*. IX Congresso Português de Sociologia: Portugal, Território de Territórios. Faro: APS.

Marôpo, L. (2014). *Identidade e estigmatização: as notícias na percepção de crianças e jovens de um bairro de realojamento*. *Análise Social*, 210, XLIX (1.º), pp. 104-127.

McCormick, C. (2010). *Trespass: A history of uncommissioned urban art*. Köln: Taschen.

- Neves, P. S. (2015). Significado de Arte Urbana, Lisboa 2008 – 2014. Convo-
carte: Revista de ciências da arte, Nº I (dez. 2015), pp. 96-106.
- Pais, J. M. & Santos, M. de L. L. (org.). (2010). Novos trilhos culturais: práticas
e políticas. Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais.
- Radosevic, L. (2013). Graffiti, street art, urban art: Terminological problems
and generic properties. In: Koos, L. (Ed.). New cultural capitals: Urban pop
cultures in focus. Oxford: Inter-Disciplinary Press, pp. 3-14.
- Rancière, J. (2009). A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34 / EXO
experimental.org.
- Rancière, J. (2010). O espectador emancipado. Lisboa: Orfeu Negro.
- Santos, M. L. L. (coord.). (1998). As políticas culturais em Portugal: relatório
nacional. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.
- Silva, A. S. (1997). Cultura: das obrigações do Estado à participação civil. In
Sociologia - Problemas e Práticas, n. 23, pp. 37-48.
- Silva, A. S., Babo, E. P. & Guerra, P. (2015). Políticas Culturais Locais: contribu-
tos para um modelo de análise. In Sociologia - Problemas e Práticas, n. 78,
pp. 105-124.
- Wacławek, A. (2011). Graffiti and street art. London: Thames & Hudson.

ARTE ATIVISMO E A DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGINAÇÃO

ACTIVISM ART AND THE DECOLONIZATION OF THE IMAGINATION

André GONÇALVES, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Portugal.

Resumo: A sociedade contemporânea está exposta a uma sobredosagem de ideias, conceitos, dados, imagens, informações reais e ficcionais, relacionadas e filtradas a partir de algoritmos que condicionam pontos de vistas, a partir dos quais observamos e apreendemos o mundo. O artigo reflete sobre a urgência e legitimidade da arte na sua vertente ativista e descolonizadora, na importante função de questionar a ordem estabelecida, de abrir novos caminhos e possibilidades, de propor novos olhares e experiências e de nos libertar das ‘bolhas’ em que vivemos. Para tanto, cruza discussões sobre a noção de realidade, a cidade como obra, a inteligência coletiva na sociedade em rede, e as oportunidades e limitações da arte ativista nesse contexto. Da análise de Benjamin (2004) sobre a Teoria das Ideias de Platão, à qual acrescenta a dimensão histórica e constelar, compreende-se que o facto histórico não é uma realidade hermética, mas uma realidade em construção, que ganha novos contornos e sentidos de acordo com a perspetiva com que é encarada. A Lefebvre (2016), busca-se o conceito de cidade-obra, que representa um processo de constante mediação e disputa entre a “ordem distante” e a “ordem próxima”, uma negociação entre o que de Certeau (2014) chama de “estratégias”, impostas pelas instituições de poder, e “táticas”, procedimentos minúsculos, invisíveis e ‘bricoladores’ do quotidiano. Na cidade-obra, o cidadão não é um espectador passivo, mas um ator central, ativo e contributivo no ato criativo. A cidade moderna, industrial e capitalista, afeta profundamente o tecido social onde a urbanidade e a arte de fazer a cidade se realiza. O surgimento da World Wide Web promove maior democratização da internet e proporciona novas possibilidades de comunicação,

colaboração, criação e expressão. A internet assume-se como meio efetivo de “inteligência coletiva” (Levy, 2015) que pensa em comunidade, organiza experiências, imaginações, formas de organização social, negocia em tempo real soluções práticas para os complexos problemas do quotidiano. Manovich (2008) observa que muitas das táticas atuais são na realidade estratégias comerciais disfarçadas, revelando uma colonização das identidades e imaginação das pessoas. O papel da arte contemporânea enquanto motor de transformação social e política, capaz de mudar o nosso relacionamento com o poder, corpo e autoridade, torna-se ponto de discórdia: o ativismo na arte é atacado tanto por alguns críticos de arte, que consideram perder qualidade artística; como por ativistas, que receiam uma espetacularização e estetização da política. Groy (2014) observa, por um lado, que os critérios de qualidade e gosto artísticos foram abolidos com os movimentos vanguardistas do séc. XX; por outro lado, defende que o ativismo na arte, não só não impede a ação política, como abre caminho para que esta seja uma ação revolucionária. A arte ativista pode trilhar novas possibilidades que permitam perpetuar o confronto entre “ordem distante” e “ordem próxima”, “estratégias” e “táticas”, revelando novos pontos de vista sobre o mundo. Algo que não altera imediatamente o mundo, mas que tem influência no modo como nós nos relacionamos com ele e nas ações que temos sobre ele.

Palavras-chave: Arte Ativista; Cidade-obra; Táticas; Internet.

Referências

Augé, M. (2005). Não-Lugares. Lisboa: 90 Graus E.

Benjamin, W. (2004). Prólogo epistemológico-crítico in origem do drama trágico barroco alemão. Lisboa: Assírio & Alvim.

Berthet, D. (2017). Engajamento e Artivismo, in Convocarte: Revista de ciências da arte, n. 4, pp. 117-124.

Certeau, M. de (2014). A invenção do cotidiano. Petrópolis: Editora Vozes.

Duchamp, M. (1957). O acto criativo. Portugal: Água Forte.

Foucault, M. (1986). Of other spaces. Diacritics, v. 16, no. 1.

Groys, B. (2014). On art activism | e-flux. E Flux, (56).

Lefebvre, H. (2016). O direito à cidade. São Paulo: Nebli.

Levy, P. (2015). A inteligência coletiva. São Paulo: Edições Loyola.

Manovich, L. (2008). Art after web 2.0 in the art of participation – 1950 to now. Nova Iorque: Thames & Hudson.

THE BLACK IS THE NEW PINK: expressividades artísticas de COMbART no Brasil contemporâneo

THE BLACK IS THE NEW PINK: artistic expression of COMBART in contemporary Brazil

Paula GUERRA, Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Portugal.

Resumo: A abordagem dos estudos sobre subculturas juvenis compromete uma diversidade significativa ao nível epistemológico, teórico e conceptual. As origens destes estudos estão associadas a duas tradições sociológicas: a americana e a britânica. Relativamente à primeira, assinala-se os estudos realizados pelos sociólogos da Escola de Chicago, nas décadas de 1920 a 1940, apesar dos autores destes estudos não se assumirem como investigadores na área das subculturas. No que respeita à tradição britânica, a abordagem subcultural decorre do estudo dos jovens da classe trabalhadora desenvolvido no Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS), em Birmingham, a partir de meados dos anos 1960 e ao longo de toda a década seguinte. Não obstante a sua proeminência na abordagem das culturas juvenis do pós-guerra, o modelo paradigmático subcultural tem vindo a ser objeto de críticas e sucessivas problematizações que entroncam em vários níveis: a opacidade feminina e de género nos estudos subculturais; a invisibilidade de minorias étnicas nas narrativas; o idalismo; ou ainda a focagem intensa numa realidade una anglo-saxónica. Enfim, entramos no milénio a considerar que à semelhança da teoria feminista é necessário se apostar numa visão assente numa forma de interseccionalidade, isto é, uma visão multidimensional da realidade social. A nossa incursão recente pela realidade brasileira das manifestações da cena underground e das culturas DIY tornaram essas críticas mais presentes. Seja na estética, seja na música, o género está no centro de novas vivacidades musicais e artísticas. Mais especificamente, o questionamento do género, da ideia de binaridade sexual, em que as pessoas estão divididas entre homem e mulher e, por conseguinte, têm papéis

sociais específicos para o seu género. Esta desconstrução já existe desde há muito. Apenas se encontrava restrita a nichos, a uma posição marginal. Agora ganharam visibilidade, muito graças ao papel da Internet. É por isso que ainda outro conceito surge para descrever estes novos artistas: a geração tombamento. Primeiro, a expressão tombar foi apropriada pela comunidade LGBT e significa arrasar; segundo, tombamento pois a cada artista que surge existem determinados preconceitos que são derrubados. Em 2017 o grupo feminista Guerrilla Girls aterrou no Brasil. Vieram para realizar uma performance no Museu de Arte de São Paulo. A opção por este grupo feminista não foi ingénua. O Brasil passa uma fase de grande divergência política sobre as questões do género, LGBT entre outras. Veja-se a forma como o exemplo de como Judith Butler foi recebida no país: sob gritos de bruxa, com protestos em que chegaram a queimá-la em efígie (Göttsche, 2017). O Brasil, e cada vez mais, tem uma particularidade: o “convívio” entre zonas de elevado progressismo e forte conservadorismo. Apesar de um machismo endémico, temos uma forte presença de movimentos LGBT. Todavia, quando se aborda esta questão não podemos deixar de falar dos particularismos regionais do país (Spivak, 2014). Nesta comunicação procuramos lançar o olhar sobre estas questões através da abordagem de seis exemplos. Os três primeiros são exemplos paradigmáticos da nova MPBTrans: Linn da Quebrada, As Bahamas e a Cozinha Mineira e, por fim, Bertha Lutz. Cada um combina múltiplas desigualdades e resistências, o que torna o mundo musical brasileiro atual único para se analisar. Os três últimos exemplos remetem para práticas DIY (edição, fanzines e fotografia), sempre englobadas nas preocupações acima mencionadas, apesar de com graus de intensidade diferentes.

Palavras-chave: Género; Criação Artística; Brasil; Feminismo, LGBTQI+; DIY.



J-L

RT

SMART

~~NECK~~

CKK

DIAGRAM OF THE HEART

LEECHES

LEECHES

LEECHES

DETACHMENT

ARTOPIA: arte e ativismo em manifestações artísticas urbanas em Portugal

ARTOPIA: art and activism in urban artistic manifestations in Portugal

Susana JANUÁRIO, Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, Portugal.

Resumo: A ARTOPIA – Arte e Utopia – consubstancia-se num projeto de investigação sociológica que pretende apreender e compreender os trajetos, interseções e circunstâncias de manifestações que cruzam artes, saberes e disciplinas catalisadores de um subcampo artístico e cultural específico, distinto da ortodoxia e cânone artísticos. Dos trajetos e das circunstâncias em estudo resultam interseções de combate, luta e ativismo social de intensa intencionalidade que conferem a algumas das manifestações uma característica estruturante de assinalável relevância. A investigação em curso surge da intenção de compreender manifestações artísticas urbanas artisticamente multidisciplinares e de demonstrar a importância social e cultural destas manifestações – que materializam novas formas de criação/produção, receção e convenção artísticas –, de modo a configurar um subcampo artístico específico, patente em contextos urbanos nacionais e internacionais. A ARTOPIA emerge da pretensão em desenvolver um exercício de cocriação entre o processo de pesquisa e a arte, com a finalidade de difundir estas manifestações junto da população em geral e da população jovem estudantil, em particular. A partir do estudo intensivo que estamos a realizar, é-nos possível evidenciar, em algumas destas manifestações, elementos de combate, luta e ativismo social de intensa intencionalidade, os quais surgem paralelamente à intenção manifesta de democratização da arte, o que lhes conferem uma característica estruturante de assinalável relevância. Este ativismo surge polimorficamente, manifestando-se ora através das opções relativas aos artistas a apresentar (nas mais diversas disciplinas artísticas), ora a partir de temáticas sociais particulares integradas nos programas das iniciativas

promovidas. Alguns elementos estruturantes destas manifestações, a par das expressões de combate, luta e ativismo aí presentes constituem o objeto da nossa comunicação.

Palavras-chave: Artes; Cidades; Artopia; Intervenção; Artivismos.

TONIOLO: uma biografia política da arte de rua no sul do Brasil

TONIOLO: a political biography of street art in Southern Brazil

José Luís Abalos JÚNIOR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasil

Resumo: Há mais de 30 anos quem caminha pelas ruas de Porto Alegre, capital mais ao sul do Brasil, percebe a marca Toniolo nas paredes, nos chãos, nos postes e nos mais variados equipamentos urbanos desta cidade. A história da arte urbana deste artista atravessa-se, confunde-se e entrelaça-se com a memória da arte de rua no sul do Brasil. Encarando-o como um dos personagens “mitos fundacionais” das práticas ilegais de intervenção urbana, este trabalho busca refletir sobre a trajetória biográfico-política deste artista. Tendo as intervenções urbanas como forma de combate em períodos históricos como o da ditadura, Toniolo é um ícone para as novas gerações que começam a expressar-se nas paredes da cidade. No início, a sua prática dava-se através da inscrição (com spray automotivo) de tags em bairros históricos da cidade. Na década de 1980, fica reconhecido por várias histórias de confronto com as autoridades locais. Pertencente a uma primeira geração de escritores urbanos, viu nascer a cena do graffiti no sul do Brasil e tornou-se uma referência tanto positiva para os adeptos da causa, quanto negativa para quem criminalizava as suas ações. Através do uso de ferramentas como a entrevista, pesquisa em acervos históricos e acompanhamento etnográfico, este trabalho busca refletir sobre a trajetória social, política e cultural desse renomado artista de rua gaúcho. Nos jornais, notícias sobre Toniolo aparecem em páginas policiais nas quais é descrito como uma espécie de inimigo público. Tais relatos aparecem nas capas de diários de grandes veículos de comunicação desde a década de setenta quando, ainda na sua juventude, já chamava atenção para sua marca escrita “TONIOLO”. A memória mais relatada é a de um evento específico ocorrido em janeiro de 1984,

em que Toniolo avisa as autoridades que iria deixar sua marca nas paredes da Catedral Metropolitana de Porto Alegre. Em local e hora marcada o aparato policial preparava-se para prendê-lo, porém Toniolo disfarçara-se de religioso, conseguindo deixar sua marca, percebida somente alguns minutos depois. Nesse dia, é produzida uma das imagens fotográficas icônicas da trajetória do artista: sendo preso e tentando escapar da polícia. Com mais de 70 anos de vida, e ainda adepto das artes da rua, Toniolo espalha adesivos (Stiker Art) por toda capital, tornando-se, apesar da sua idade, numa figura onnipresente no campo da visualidade urbana. Hoje, a biografia de Toniolo pode-nos demonstrar o quanto os artistas de rua criaram articulações entre a produção estética, o combate político e a mudança social. Praticando uma “arte de combate”, a trajetória de Toniolo é boa para pensar uma viragem biográfica nos estudos de arte política. Assim, aproximando-nos da vida deste artista de rua, buscamos entender melhor as nossas cidades contemporâneas e as suas transformações.

Palavras-chave: Ativismo; Graffiti; Cidade; Memória.

Referências

- Abalos Junior, J. L. (2018). De onde vem os desenhos na cidade? Eu, o Fotolog e os monstros dentuços. *PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 2, pp. 36-49.
- Abalos Junior & Cabreira (2018). Grafite e práticas de legalização: artificação e mediação em expressões artísticas urbanas em Porto Alegre/RS. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, v. 2, pp. 12-24.
- Abalos Junior & Cabreira (2018). Patrimônios do efêmero: a arte pública do graffiti ao muralismo. *Revista Rasante*, v. 03, pp. 78-97.
- Abarca, J. (2016). From street art to murals, what have we lost? *Street Art & Urban Creativity Scientific Journal*, v. 2, n. 2.
- Campos, R. (2013). A arte urbana enquanto “Outro”. *VÍRUS*, São Carlos, n. 9.
- Campos, R. (2010). Por que pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica do grafite urbano. Lisboa: Fim de Século.
- Campos, R. (2009). Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invi-

sibilidade no graffiti. *Etnográfica*, 13(1), pp. 145-170.

De Certeau, M. (2003). *A invenção do cotidiano*; 1. Artes de fazer, 9. Petrópolis: Vozes.

Diógenes, G. (2015). A arte urbana entre ambientes: “dobras” entre a cidade “material” e o ciberespaço. *Etnográfica*, v. 19, pp. 537-556.

Diogenes G. & Chagas. (2016). O ruidoso silêncio da pixação: linguagens e artes de rua. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design (UFJF)*. NAVA, v. 1, n. 2, pp. 304-330.

Eckert, C. & Rocha, A.M.P. (2013). *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Ranciére, J. (2005). *Estética e política: a partilha do sensível*. São Paulo: EXO experimental Org.

Velho, G. (1987). *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Velho, G. (2013). *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar.

O ATIVISMO NO MOVIMENTO #ELENÃO:

Perspetivas críticas

THE ACTIVISM IN THE MOVEMENT #ELENÃO:

Critical perspectives

Felipe de LIMA, Universidade do Porto, Portugal

Tiago ASSIS, Universidade do Porto, Portugal

Resumo: No dia 20 de setembro de 2018, milhares de pessoas saíram às ruas para expressar o seu repúdio ao candidato que aparecia em primeiro lugar nas pesquisas de intenção de votos à presidência do Brasil. A movimentação, que contou com atos em mais de 150 cidades em território nacional, também se alastrou a outros países, em cidades como Nova Iorque, Paris, Berlim, Londres, Barcelona, Lisboa, Santiago e Cidade do México. A ação, ligada ao movimento das redes digitais apoiado na hashtag #EleNão, tornou-se a maior manifestação popular organizada por mulheres no Brasil. Tendo em conta que a identidade não é uma entidade estável, mas uma questão de representação forjada a partir de significados não-estáveis, e que portanto não seria uma coisa, mas um devir (Derrida); que a identidade é uma construção discursiva regulada pelo poder (Foucault) e que é um papel concebido com uma forma de violência para/sobre nós (Butler); que identidades, novas formas de hierarquia e exclusão estão em jogo neste combate? O movimento #EleNão ganhou forças organicamente nas redes sociais durante o período que precedeu o primeiro turno das eleições. Considera-se que o principal propulsor da hashtag tenha sido o grupo de Facebook “Mulheres contra Bolsonaro”, que chegou a ter mais de 2,3 milhões de participantes antes de ser hackeado por defensores do candidato. Outros importantes atores, que colaboraram para a sua popularidade, foram grupos feministas, LGBTQ+, ambientalistas, professores, artistas e celebridades. Entre as pautas em comum de todos os movimentos, para além do feminismo, estavam a defesa da democracia e dos direitos humanos, e o repúdio ao fascismo, racismo e homofobia. O #EleNão surge como exemplo recente de novos movimentos

sociais que abarcam a luta por direitos civis, consciência ambiental, movimentos estudantis e políticas identitárias. A cultura visual do movimento #EleNão busca seus repertórios em fontes diversas como: 1. Cultura das redes (troca de avatares em redes sociais, compartilhamento de textos, memes, vídeos, músicas, fotografias, colagens, performances); 2. Culture jamming (ativismo que, apoiado numa semiótica de guerrilha, busca subverter a cultura mainstream); 3. Ativismo digital (manifestos artísticos / intelectuais, mobilizações em rede, petições online, hashtags); 4. Intervenção urbana (marchas e ocupações / arte urbana). Numa aproximação à teoria crítica, propomos uma abordagem desenvolvida através da análise de discursos que remontam ao Maio de 68, ao pensamento e às práticas artística e política da Internacional Situacionista (Détournement, Dérive, Psychogeography), e a recentes movimentos sociais como o Occupy Wall Street (2011). Propomos, assim, a leitura do ativismo performado no movimento #EleNão em dimensões como a potência de não (Agamben), a comodificação e captura do ativismo numa sociedade de controlo e a negação da ação. Em momentos de propagação do pensamento reacionário em campos sociais e políticos, é necessário reintroduzir a vitalidade, a emancipação e a autodeterminação na experiência humana.

Palavras-chave: #EleNão; Identidade; Sociedade de Controlo.

Referências

- Agamben, G. (1991). *Language and death: The place of negativity*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Agamben, G. (1998). *Homo Sacer: Sovereign power and bare life*. Stanford: Stanford University Press.
- Agamben, G. (2007). *Bartleby, ou da contingência*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter*. London: Routledge.
- Butler, J. P. (1999). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Debord, G. (1990). *Comments on the society of the spectacle*. London: Verso.

Debord, G. (1995). *The society of the spectacle*. New York: Zone Books.

Debord, G., & McDonough, T. (2004). *Guy Debord and the situationist international: Texts and documents*. London: MIT.

Deleuze, G. (1992). Postscript on the societies of control. *October*, 59, pp. 3-7.

Deleuze, G. & Guattari, F. (2017). *A thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia*. London: Bloomsbury.

Derrida, J. (1976). *Of Grammatology*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Derrida, J. (1978). *Writing and difference*. London: Routledge.

Foucault, M. (1970). *The order of things: An archaeology of the human sciences*. London: Tavistock.

Foucault, M. (1990). *The CARE OF THE SELF: The history of sexuality*, Vol. 3. Harmondsworth: Penguin.

AS BATALHAS POÉTICAS FEMININAS DO SLAM DAS MINAS RJ

THE FEMININE POETIC BATTLES OF 'SLAM DAS MINAS RJ'

Marina LIMA, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo: Esta pesquisa, iniciada em março de 2019 no Doutorado de Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tem como objeto de estudo o “Slam das Minas RJ” um grupo de mulheres poetisas performativas que organizam eventos competitivos de poesia falada na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Esse formato de batalha poética, surgido em 1986 nos Estados Unidos, chega ao Brasil em 2008 com a atriz e investigadora Roberta Estrela D’Alva. O estilo foi prontamente apropriado por vozes periféricas que não encontravam espaço nem representatividade nos meios tradicionais brasileiros, sejam eles midiáticos, acadêmicos, culturais e de entretenimento. A liberdade de expressão para abordar assuntos caros de grupos historicamente silenciados, fez com que o slam se expandisse pelo país tornando-se um movimento social, cultural e artístico. O termo comunidade é crucial no contexto do slam, já que os grupos se organizam coletivamente em torno de interesses e temas comuns, especificidades e com dinâmicas próprias de funcionamento que atendam às suas demandas. A participação coletiva e ativa dos poetas participantes e da plateia presente é a característica primordial do evento. É exatamente essa celebração em comunidade, comungar a palavra em conjunto, que singulariza o slam como algo único e potente (D’Alva, 2008). Durante os eventos organizados pelo Slam das Minas RJ, é o corpo da mulher que está em foco no palco. A voz dispara versos em prontidão para a batalha poética. (E porque não batalha política?) Corpo e voz trabalham sintonizados com o intuito de dizer junto, moldar a palavra escrita, agora dita pela performer. A voz fala de um corpo que seduz e sofre assédio, que apanha, um corpo objetificado, mas também que ocupa a política, a universidade. Racismo, misoginia, invisibilida-

de, opressão religiosa são alguns dos temas tratados. Segundo, Letícia Brito, uma das fundadoras do projeto, o Slam das Minas RJ tem o intuito de ser um espaço seguro e livre para a expressão feminina, que coloca a mulher no centro das atenções. Dentro desse contexto, a pesquisa tem como objetivo analisar o Slam das Minas RJ como espaço de representatividade de vozes e corpos femininos plurais – feminismo negro, causas LGBT, por exemplo. A atuação do Slam das Minas como fator de empoderamento e protagonismo de diferentes discursos históricos, culturais, religiosos dessas mulheres, na cidade do Rio de Janeiro. Quanto à metodologia de investigação utilizada, além da revisão bibliográfica sobre o tema, acompanha os eventos mensais organizados pelo Slam das Minas RJ na cidade do Rio e realiza entrevistas com as participantes, acompanha ainda a cobertura mediática sobre o tema e o material impresso e digital (médias sociais com a alcunha @slamdasm Minas.rj) produzidos pelo grupo.

Palavras-chave: Slam; Feminismo; Rio de Janeiro, Brasil.

Referências

Davis, A. (2016). Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo.

D’Alva, R. E. (2018). Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf> Acesso em: 1 out. 2018.

D’Alva, R. E. (2008). ZAP! I – O primeiro – 11/12/2008. Disponível em: <http://zapslam.blogspot.com/search/label/quem> Acesso em: 11 out. 2018.

Gumbrecht, H. U. (2010). Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC- Rio. Acesso em: 01 out. 2018.

Miranda, C. (2017). Diálogo em forma de poetry slam: Aubervilliers (Paris) e Cooperifa (São Paulo). Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522184358.pdf Acesso em: 01 out. 2018.

Neves, C. (2017) Slams – Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/linhada->

gua/article/view/134615 Acesso em: 01 out. 2018.

Ribeiro, D. (2018). Quem tem medo do feminismo negro. São Paulo: Companhia das Letras.

Ribeiro, D. (2017). O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento,

Zumthor, P. (2018). Performance, Recepção, Leitura. São Paulo: Ubu Editora.

POÉTICA DA RESISTÊNCIA: a fotografia como forma de diálogo e (re)ação

POETICS OF RESISTANCE: photography as a form of dialogue and (re)action

Debora LOMBA, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal

Monique BRITO, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace de OLIVEIRA, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O site <https://poeticadaresistencia.46graus.com> nasce em 2017, num contexto de crise política no Estado do Rio de Janeiro, cujo envolvimento dos governadores com esquemas de corrupção, ameaçavam a administração e a continuidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Neste momento, todo o corpo docente, assim como os e as demais funcionários e funcionárias desta instituição encontravam-se com meses de salário em atrasado e sem nenhuma perspectiva de pagamento. A ausência do repasse das verbas públicas que a mantém gerou uma situação de medo e apreensão, principalmente por parte daqueles e daquelas que possuem uma longa história de trabalho neste local, que apontavam a perplexidade do que estávamos a viver. E com este clima, havia uma única certeza: precisávamos resistir! Ainda que não soubéssemos como, começamos por ir às ruas e chamar a atenção da população para o que estava a acontecer, pois não era um problema local, mas que atingia a todas e a todos. Era a ameaça contra o ensino público de qualidade, contra a possibilidade de se fazer ciência, a inviabilidade de mais jovens e adultos ingressarem nesta instituição pública, ou seja, era uma situação contra as cidadãs e os cidadãos que poderiam ter os seus direitos aniquilados. E, em uma de nossas disciplinas da pós-graduação em Psicologia social, fomos à rua acompanhados por um movimento denominado #uerjresiste e enquanto comunidade uerjiana, começamos a desenvolver uma série de eventos e ações de resistência e em prol da con-

tinuidade de nossa universidade. Enquanto alunas e aluno de uma disciplina que tratava do Trabalho de Campo a partir da Teoria Ator-rede, desenvolvemos o mencionado site como nosso trabalho de conclusão. Neste, usamos a câmara do telemóvel como arma para nossa resistência e a fotografia como forma de diálogo entre a academia e a população (até mesmo mundial, visto o alcance que a internet tem). O nosso intuito, como o próprio nome sugere, era resistir de forma poética e encontramos na fotografia esta possibilidade. Partimos de ideias e conceitos que a Teoria Ator-Rede nos proporciona para também fundamentarmos teoricamente a nossa proposição. Assim, buscamos construir um caminho “no entre”, uma forma de ativismos que faz chamar a atenção para o cenário político e as causas que necessitam de luta, de resistência, cientes de que a arte é nossa fiel aliada para efetuar estes movimentos. A arte não como ilustração, mas como um meio potente de colocar em cena e de criar diálogos que podem ser realizados para além das diferenças de idiomas. É assim que chamamos à atenção da fotografia como uma linguagem possível para comunicar o que vivenciamos no Rio de Janeiro e que com o atual presidente do Brasil, e toda onda de extremismos que vemos no mundo, faz este projeto de 2017 parecer tão necessário e vivo.

Palavras-chave: UERJRESISTE; Psicologia e Arte; Resistência; Teoria Ator-rede.

CONFLITOS NO ACESSO À CIDADE: A relevância dos ambientes culturais nos processos de ativação social

CONFLICTS IN THE ACCESS TO THE CITY: The relevance of cultural environments in social activation processes

Ricardo LOPES, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Pedro COSTA, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Sofia RODRIGUES, Centro de Estudos Sociais, Universidade Coimbra, Portugal

Resumo: Os processos artísticos têm tido um papel relevante contra sistemas “dominadores” da sociedade, afirmando-se os espaços da esfera pública – físicos e virtuais – como palcos de luta. Partindo de duas abordagens de investigação-ação (Espaço para habitar, 2018; Chelas City, 2016-2019), desenvolvidas pelos autores e diversos atores da sociedade civil, no Barreiro e em Lisboa, pretende-se olhar para o papel que determinados processos artísticos contemporâneos têm na construção crítica/política da opinião pública. Entre Chelas e o Barreiro desenhou-se a utopia de uma quarta ponte sobre o Rio Tejo, a infraestrutura não se desenvolveu, no entanto, outras utopias têm transformado estes territórios: a cultura informal e alternativa. Interessa-nos discutir de que modo a cultura/arte têm contribuindo como fator de resistência e transformação política destes territórios. Em paralelo, procura-se questionar como ações artísticas à microescala de atuação podem impactar uma sociedade civicamente mais participativa e consciente.

Palavras-chave: Arte; Cultura; Participação; Cidade.

Referências

- Bishop, C. (2012). *Artificial Hells: Participatory Art and Politics of Spectatorship*. London and New York: Verso Books.
- Bourriaud, N. (1998). *Relational Aesthetics*. Dijon: Les Presses du Réel.
- Campos, R.; Brighenti, A. & Spinelli L. (2011). *Uma cidade de imagens: Produções e consumos visuais em meios urbanos*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Cartiere, C. & Willis, S. (2008). *The Practice of Public Art*. New York: Routledge.
- Caves, R. (2002). *Creative Industries: Contracts between Art and Commerce*. Cambridge, MA and London: Harvard University Press.
- Collis, C.; Freebody, S. & Flew, T. (2011). Seeing the outer suburbs: addressing the urban bias in creative place thinking. *Regional Studies*, 47 (2), pp. 1–13.
- Costa, P. (2012). Gatekeeping processes, reputation building and creative milieus: evidence from case studies in Lisboa, Barcelona and São Paulo. In: Lazzeretti, L. (Ed.). *Creative industries and innovation in Europe: Concepts, measures and comparative case studies*. London: Routledge, pp. 286–306.
- Costa, P. & Lopes, R. (2015). Urban design, public space and the dynamics of creative milieus: a photographic approach to Bairro Alto (Lisbon), Gràcia (Barcelona) and Vila Madalena (São Paulo). *Journal of Urban Design*, 20 (1), pp. 28–51.
- Costa, P. & Lopes, R. (2013). Artistic intervention in public sphere, conflict and urban informality: an international comparative approach to informal dynamics in cultural districts. *Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 2, Jun.
- Debord, G., 2012 (1972). *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Antígona
- Flynn, A., (2016). Subjectivity and obliteration of meaning: contemporary art, activism, social movement politics. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, n. 1, pp. 59-77.
- Harvey, D., 2014 (2012). *Cidades rebeldes. Do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes – Selo Martins.
- Lefebvre, H., 2012 (1968). *O direito à cidade*. Lisboa: Estúdio e Letra Livre.
- Miles, M. (2015). *Limits to culture: Urban regeneration vs. dissident art*. London: Pluto Press.

Power, D. & Scott, A. J. (eds) (2004). Cultural industries and the production of culture. London and New York: Routledge.

Pratt, A.C. & Hutton, T. (2013). Reconceptualising the relationship between the creative economy and the city: learning from the financial crisis. *Cities*, 33, pp. 86 – 95.

Traquino, M. (2010). A construção do lugar pela arte contemporânea. *Ribeirão*, Portugal: Húmus.



M-N

ESTÉTICA, PRODUTIVIDADE E URBANISMO CONTEMPORÂNEO. Novas oportunidades para as paisagens urbanas residenciais da Área Metropolitana de Lisboa

AESTHETICS, PRODUCTIVITY AND CONTEMPORARY URBANISM. New opportunities for Lisbon Metropolitan Area residential urban landscapes

Teresa MARAT-MENDES, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

João BORGES, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Pedro COSTA, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Abstract: This presentation draws from research conducted at an ongoing project, 'SPLACH – Spatial Planning for Change', which aims to inform a sustainable transition of urban planning in the Lisbon Metropolitan Area, towards improved urban metabolism. Among drivers of such transition are emerging concepts on the aesthetics and productive capacity of urban territories, as well as grassroots movements and social initiatives, which are already using those emerging concepts. Here, we confront the concept of 'Continuous productive urban landscape' (Viljoen et al, 2005) – in which urban green-structures are reserved for agricultural uses – with the important contribution of Guerrilla Gardening (Reynolds, 2016) and other creative initiatives associated to agricultural practices (Cabannes and Raposo, 2013). Our analysis is focused on selected neighbourhoods in the Lisbon Metropolitan Area, highlighting the relations between agricultural uses and the layout of the urban landscape (Steel, 2008 and Parham, 2015). These present

important challenges for spatial planning policies and sustainable urban metabolism, while also questioning what activities and 'images' are suited for cities. Thus, urban agriculture – official and non-official – is important for both studying and intervening in the city, because it uniquely articulates the metabolic and the aesthetics. Given the positive impact of agriculture in urban metabolism, residential neighbourhoods may play a fundamental role in a sustainable urban transition (Talen, 2018), particularly their green-structures, making this a privileged area for collaboration between architects, planners, artists and municipal agents.

Keywords: Landscape Art; Urban Agriculture; Residential Neighbourhood; Urbanism.

References

- Cabannes, Y. & Raposo, I. (2013). Peri-urban agriculture, social inclusion of migrant population and Right to the City - Practices in Lisbon and London. *City*, 17 (2), pp. 235–250.
- Parham, S. (2015). Food and urbanism – the convivial city and a sustainable future. London: Bloomsbury.
- Reynolds, R. (2016). On guerrilla gardening - A handbook for gardening without boundaries. London: Bloomsbury.
- Steel, C. (2008) [2013]. *Hungry city – how food shapes our lives*. London: Vintage.
- Talen, E. (2018). In support of the unambiguous neighbourhood – a proposed size typology. *Journal of Urbanism*, 11 (4), pp. 480-502.
- Vijoen, A.; Bohn, K. & Howe, J. (2005). *Continuous productive urban landscapes: Designing urban agriculture for sustainable cities*. Amsterdam: Architectural Press.

FIGHT FOR YOUR RIGHTS: a importância da música rock na luta por um mundo melhor

FIGHT FOR YOUR RIGHTS: the importance of rock music in the struggle for a better world

Ana MARTINS, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal.

Paula GUERRA, Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Portugal.

Resumo: Desde o seu surgimento, que o rock nas suas mais variadas expressões tem sido associado a um grito de revolta, de rebeldia e de luta por causas de importância social. Ao longo da história mundial, são vários os exemplos em que podemos encontrar este género musical associado à defesa da justiça e da liberdade, bem como à enunciação de situações e de eventos que vão contra o bem-estar social, como sucedeu, por exemplo, no maio de 1968, na Guerra do Vietnam ou nos protestos contra o Apartheid. Em todas estas situações é possível encontrarmos alusões aos casos em várias canções rock, como vemos em “Bye Bye Badman”, dos The Stone Roses, acerca dos protestos de Maio de 68, em França; em “Fortunate Son”, dos Creedence Clearwater Revival, que é uma música de protesto sobre o envolvimento americano da Guerra do Vietnam; ou em “Ordinary Love”, dos U2, que é uma homenagem a Nelson Mandela, o grande rosto da luta contra o Apartheid. A força que esta banda-sonora musical concedeu a estes acontecimentos internacionais serviu de inspiração para a organização posterior de muitos concertos e festivais em prol de diferentes causas sociais, como sucedeu com o Live Aid, na década de oitenta. Esta reflexão teórica tem como principal propósito o de mostrar a importância que a subcultura rock desempenhou e continua a desempenhar no alerta de consciências públicas e privadas, relativamente a diversas causas e problemas sociais, que atingem o nosso planeta e que merecem a nossa atenção e resolução. Para tal, recorreremos à análise de alguns exemplos alusivos a esta temática, através de

análise documental detalhada de diversos suportes e autores, assim como a uma recolha de informação, através de fontes secundárias.

Palavras-chave: Rock; Ativismo; Resistência; Cidadania.

Referências

Ballantine, C. (2004). Re-thinking 'whiteness'? Identity, change and 'white' popular music in post-apartheid South Africa. *Popular Music*, 23, pp. 105 - 131.

E.Tach Yazicioglu & A. Fuat Firat (2008). 'Musical Effects: Glocal Identities and Consumer Activism'. *Advances in Consumer Research*, 35, pp. 576 - 583.

Elliott, D. (2012). Music Education as/for Artistic Citizenship. *Music Educators Journal*, 99, pp. 21-27.

Filho, J. (2005). Das subculturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político. *Contemporanea*, 3:1, pp. 136 - 166.

Leung, A. & Kier, C. (2008). 'Music preferences and civic activism of young people'. *Journal of Youth Studies*, 11:4, pp. 445 - 460.

Street, J. (2003). 'Fight the Power': The Politics of Music and the Music of Politics. *Government and Opposition*, 38, pp. 113 - 130.

PRÁTICAS E ESPAÇOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS ALTERNATIVOS NA CIDADE NEOLIBERAL

PRACTICES AND CULTURAL AND ARTISTIC ALTERNATIVE SPACES IN THE NEOLIBERAL CITY

Filipe MATOS, Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, Portugal.

Ana ESTEVENS, Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, Portugal.

Agustín COCOLA-GANT, Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, Portugal.

Daniel Malet CALVO, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo: Os artistas e os movimentos sociais têm utilizado a arte e a cultura como instrumento de resistência, mudança e transformação das relações sociais, implementando práticas artísticas que constituem uma crítica evidente às práticas e às políticas neoliberais de produção da cidade. Nesta crítica, frequentemente enfatizam o potencial político das artes e a relevância de compreender a diversidade dos contextos urbanos e sociais. Apesar da tendência para se formatarem comportamentos e práticas, têm-se também produzido espaços de novas urbanidades, de diversidade e de participação democrática colectiva, onde se desenvolvem práticas e espaços artísticos alternativos. Enquanto lugar político, estes espaços são lugares potenciais de resistência a práticas e modelos hegemónicos: são espaços onde a reflexão e a crítica, associados à criatividade, ajudam a desenvolver práticas que espelham realidades escondidas por trás da imagem cosmopolita e da perfeição em que se quer transformar a cidade. É sobre esta dialéctica que se quer

discutir tendo como foco a área da freguesia de Arroios, em Lisboa. Por um lado, os artistas e os movimentos sociais, utilizam a arte e a cultura enquanto instrumentos de resistência, mudança e transformação das relações sociais, implementando, nas suas práticas, múltiplas críticas à cidade neoliberal. Os movimentos e organizações de base local emergem com objetivos de capacitar as comunidades locais e construir espaços alternativos. Por outro lado, os agentes do poder local têm seguido princípios neoliberais e implementado políticas urbanas ancoradas na cultura, com o objetivo de atrair turistas e a classe criativa. Neste contexto, a criatividade artística e cultural tem constituído um elemento essencial para as políticas urbanas, nomeadamente enquanto meio de potenciar competitividade entre cidades e crescimento económico. Nesta comunicação pretendemos enfatizar as dicotomias e tensões entre os diferentes usos políticos e sociais da arte analisando as práticas e os espaços culturais e artísticos alternativos à luz das políticas públicas hegemónicas implementadas na cidade de Lisboa. Neste sentido, procuramos evidenciar a tensão existente entre, por um lado, o uso das práticas artísticas e culturais por agentes de base local, enquanto forma de inovação social e de produção de novas urbanidades e, por outro lado, o uso da arte e da cultura pelas políticas públicas neoliberais enquanto panaceias para a decadência urbana. Não obstante de ambicionarem confrontar, resistir e criticar esta dinâmica, sugerimos que estas dinâmicas alternativas contribuem, ironicamente, para o processo de regeneração urbana liderado pelo mercado, que estimula processos de gentrificação. A comunicação sustenta-se na realização de entrevistas com atores locais, observações regulares, e registos etnográficos em 2018 e 2019, bem como pela utilização de informação secundária realizada pelas/os autoras/es em projetos de investigação anteriores.

Palavras-chave: Práticas Culturais e Artísticas; Cidade Neoliberal; Gentrificação; Lisboa.

Referências

- Blanco, J. R. (2014). *Utopías artísticas de revuelta*, Cuadernos Arte Cátedra. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Cameron, S. & Coaffee, J. (2005). *Art, gentrification and regeneration: From*

artist as pioneer to public arts. *European Journal of Housing Policy*, 5(1), pp. 39-58.

Carmo, A. & Esteves, A. (2017). Urban citizenship(s) in Lisbon: examining the case of Mouraria, *Citizenship Studies*, 21:4, pp. 409-424.

Cocola-Gant, A. (2018). Tourism gentrification. In Lees, L. and Phillips, M. (Eds) *Handbook of Gentrification Studies*. Cheltenham and Northampton: Edward Elgar Publishing, pp. 281-293.

Debord, G. (2008) [1955]. Introduction to a critique of Urban Geography in *Critical Geographies: A Collection of Readings*. Edited by Harald Bauder and Salvatore Engel-Di Mauro. British Columbia: Praxis (e)Press Kelowna.

Esteves, A. (2017). A cidade neoliberal. *Conflicto e arte em Lisboa e Barcelona*. Lisbon: Le Monde Diplomatique.

Florida, R. (2002). The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community, and everyday life. New York: Basic.

Harvey, D. (1989). From managerialism to entrepreneurialism: the transformation of governance in late capitalism. *Geografiska Annaler*, 71(B), pp. 3-17.

Malet-Calvo, D. (2018). Understanding international students beyond studentification: A new class of transnational urban consumers. The example of Erasmus students in Lisbon (Portugal). *Urban Studies*, v. 55(10), pp. 2142-2158.

Tulumello, S. (2016). Reconsidering neoliberal urban planning in times of crisis: urban regeneration policy in a "dense" space in Lisbon. *Urban Geography*, 37(1), pp. 117-140.

REBEL GIRL: Uma “flâneuse” possível?

REBEL GIRL: A possible ‘flâneuse’?

Alicia de MEDEIROS, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal.

Resumo: O caminhar começa a ser percebido de forma poética e artística com a figura do flâneur. O retrato deste personagem que vaga entre as reformas urbanas e as multidões parisienses parece dominar o universo artístico e académico fascinado pelo urbano. A imagem do flâneur como uma mulher, no entanto, nunca foi explorada no séc. XIX e é de difícil visualização ainda hoje. Pode-se dizer que o uso da palavra “flanêuse” (no feminino) se encontra hoje em debate. Existe uma versão feminina deste personagem romântico? As mulheres que caminham e ocupam o espaço público sentem-se à vontade para o fazê-lo na mesma plenitude que o “pintor da vida moderna”? O presente artigo pretende, de forma ainda informal e ensaísta, fazer um paralelo entre a figura do flâneur e da rebel girl (música e termo popular no movimento punk riot grrrl dos anos 90) em contraponto a manifestações e marchas feministas contra o assédio/violência de género (e a favor do direito à cidade), como a norte-americana “Take Back The Night”, a canadense “Slutwalk” ou os “Lanternas” brasileiros, muitas vezes impulsionadas por artistas e ativistas feministas. A presente reflexão faz parte de uma investigação de Doutoramento em Artes Plásticas intitulada “Walking for it - Caminhar como uma prática artística nas cidades das mídias móveis: uma resistência poética à violência de género” em desenvolvimento na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), que metodologicamente se debruça principalmente no formato de investigação visual e digital colaborativa, com pessoas que sofrem ou já sofreram assédio em espaços públicos, através da recolha de narrativas e dinâmicas auto-etnográficas. O conceito de flânerie, no feminino, pode ser ressignificado? Que personagem ou termo melhor define a realidade feminina no contexto urbano? Uma mulher, uma personagem, que apesar das mazelas presentes nas

cidades patriarcais, caminha de cabeça erguida e traz a revolução nos passos. Para essa mulher, caminhar e ocupar a cidade é um sinónimo de resistência política. Somos “flâneuses” ou garotas rebeldes?

Palavras-chave: Cidade, Género, Flâneur, Ativismo Feminista.

Referências

Baudelaire, C. [1863] (1995). *The Painter of Modern Life*. In Jonathan Mayne (Ed.). *The painter of modern life and other essays by Charles Baudelaire*. London: Phaidon Press.

Benjamin, W. [1976] (1985). *Charles Baudelaire: A lyric poet in the era of high capitalism*. London: Verso

Currans, E. (2017). *Marching Dykes, liberated sluts, and concerned mothers: Women transforming public space*. Illinois: University of Illinois Press.

Dreyer, E. & McDowall, E. (2012). Imagining the flâneur as a woman. *Communication: South African Journal for Communication Theory and Research*, 38(1), pp. 30-44.

Elkin, L. (2016). *Flâneuse: Women walk the city in Paris, New York, Tokyo, Venice, and London*. London: Chatto & Windus.

McDonough, A. (Ed.) (2008). *The invisible flâneuse?: Gender, public space and visual culture in nineteenth century Paris (Critical Perspectives in Art History)*. Manchester: Manchester University Press.

Wilson, E. (1992). *The Invisible Flâneur*. *New Left Review*, 191.

Wolff, J. (1985). *The invisible flâneuse. Women and the literature of modernity*. *Theory, Culture & Society*, 2(3), pp. 37-46.

DA SENSIBILIDADE DO ARTISTA À CO-CRIAÇÃO NA INVENÇÃO DO PATRIMÓNIO URBANO NA ESCADARIA SELARON, NO RIO DE JANEIRO: azulejo, cidadania e resistência

FROM THE ARTIST'S SENSITIVITY TO CO-CREATION IN THE INVENTION OF URBAN HERITAGE IN THE ESCADARIA SELARON, IN RIO DE JANEIRO: tile, citizenship and resistance

Marluci MENEZES, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, Portugal.

Neiva Vieira da CUNHA, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo: A “Escadaria Selaron”, originalmente conhecida como “Escadaria do Convento de Santa Teresa”, é uma via pública (Rua Manuel Carneiro) que liga os bairros da Lapa e de Santa Teresa, na área central da cidade do Rio de Janeiro. Ela é constituída por 215 degraus e mede 125 metros. Em função do seu abandono e da falta de conservação por parte do poder público, o artista chileno Jorge Selaron, radicado no Brasil depois de longa data e habitando de frente à escadaria, iniciou, ainda no início dos anos 1990, um trabalho evolutivo de renovação dos degraus dessa escadaria com a aplicação de azulejos. Inicialmente, os azulejos por ele utilizados eram recolhidos de restos de obras públicas. Em seguida, foram sendo doados por visitantes de diferentes países, o que resultou em uma obra de arte atualmente composta por mais de dois mil azulejos vindos de diferentes partes do mundo, sendo que mais de três centenas foram pintados pelo próprio Sélaron. Em princípio do século XXI a Escadaria foi classificada como património da cidade. O processo de intervenção realizado por iniciativa de um artista e habitante local contribuiu para metamorfosear a escadaria em um importante património arquitetónico e artístico da cidade, entretanto volvido em atração turística. Todavia, a par do empenho pessoal e criativo do artista, o reflexo

mais abrangente do produto criativo-evolutivo que ali se foi criando contribuiu para a invenção de uma onda colaborativa com a execução da tarefa de renovação da escadaria enquanto obra de arte urbana. E mais: a consolidação de um processo colaborativo de revestimento azulejar da Escadaria, concorreu para a sua classificação como património. A partir de pesquisa qualitativa de carácter etnográfico, baseada em entrevistas aprofundadas articuladas ao diálogo com a literatura sobre o tema e a coleta de dados na internet, o trabalho discute: 1) as articulações entre o amplo impacto social de uma iniciativa artística urbana local de cunho informal no desencadear de uma sensibilização mais abrangente com a realização da obra; 2) as características próprias com que, a partir de um sentido colaborativo e, como tal, co-criativo, se verificou a invenção de um produto artístico com impacto social e político; 3) a relação entre intervenção urbano-artística, co-criação, cidadania e a invenção do património. Por fim, discute-se como que o reconhecimento por parte do poder público de intervenções informais e artísticas podem ser aplicados para, de algum modo, denunciar e resistir à perda do património cultural urbano.

Palavras-chave: Arte; Cocriação; Património Cultural; Cidadania.

Referências

- Arante, A. (1984). Produzindo o passado. Estratégias de construção do património cultural. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Cunha, N. (2012). Mémoire urbaine et identité sociale: récits des habitants des favelas de la Grande Tijuca. In Villanova, R. & Duarte, C. (Orgs.). Nouveaux regards sur l'habiter. Outils et méthodes : de l'architecture aux sciences sociales. Paris : Le Manuscrit, France.
- Menezes, M. (1996). Património, memória social e saber. *Mediterraneo*, n. 8/9, jan-dez.
- Menezes, M. & Galhardo, J. (2015). Onde mora a cultura: antes, depois dentro ou com o planeamento? In: Marques, Carlos A. (org.). Planeamento cultural urbano em áreas metropolitanas: Revitalização dos espaços públicos-suburbanos. Casal de Cambra/Portugal: CALEIDOSCÓPIO, pp. 27-38.
- Menezes, M. & Pereira, S. (2018) Memories of the production of azulejo at

the Constância Ceramic Factory. Artison, n.6.

Menezes, M. & Smaniotto, C. (Eds.) (2019). Neighbourhood; City - Between digital and analogue perspectives | Bairro; Cidade - Entre perspectivas digitais e analógicas. Lisbon: Edições Universitárias Lusófona.

Sennett, R. (2015). Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Ed. Record.

ARTE E EMANCIPAÇÃO: um olhar sobre as expressões artísticas afro-peruanas no século XX

ART AND EMANCIPATION: a look into the Afro-Peruvian artistic expressions in the 20th century

Ana MONTEIRO, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal.

Abstract: This work focuses on the Afro-Peruvian artistic expressions, more specifically the importance of Nicomedes Santa Cruz and his sister, Victoria Santa Cruz, siblings who managed to promote social awareness and social change to the Black artistic expressions, and, consequently, to the Black population through politically engaged poems, music, dance and intellectual production in the second half of the 20th century. The proposal is, by taking the emancipatory struggles and their transformation into political affirmation, through art, promoting a discussion of the connection between art and showing the possibilities of that in becoming an expression of political affirmation and emancipation of power. For that parallel I used the theoretical framework provided by Boaventura de Sousa Santos and Gayatri Spivak and Pierre Bourdieu. From Boaventura, the idea that we have an abyssal line in modern society that reproduces inequalities due to the fact that individuals have racialized, sexualized and colonized bodies, therefore, art, as a product of people who are beyond the abyssal line is not often seen as art, but it has the potential to become politically engaged expressing a whole group and maintaining their roots, crossing the abyssal line due to this ideological framing that art provides. The Spivakian subaltern allows us to see the art produced by the Afro-Peruvian as the subaltern art, the one that is not able to surpass certain barriers, and that, at first was shaped in order to fit the standards of the people who are on the privileged side of the abyssal line, but that, in other ways, had people as the Santa Cruz siblings, surpass that same line by bringing the whole art, as it was in its origins. This way it is a demonstration of the subaltern gaining voice outside of its bubble, passing the barrier and reaching bigger audiences. Finally, Bourdieu and his

cultural capital helps us understand how it can be relevant in terms of other resources – social, political capital, for instance. As it was discussed previously, it can help boost or damage the economic, social and political sphere, in the sense that, if the dominant classes only consume one kind of art and that is the one that is a reproduction or the outcome of what is inside their own dynamics, the cultural capital within that group damages all the subaltern artistic productions, such as the Afro-Peruvian, before it was accepted as such. On the other hand, cultural capital can also boost their absorption in society, from the moment it is accepted in their environment, even if at first it was Durand's mere aesthetic form, later, with other characters such as Nicomedes and Victoria, it was accepted and consumed, boosting the understanding of the Afro-Peruvian, thus, opening space for what once was invisible history.

Keywords: Afro-Peruvian; Emancipation.

References

Aguirre, C. (2013). Nicomedes Santa Cruz: la formación de un intelectual público afroperuano. *Historica*, 2 (XXXVII), pp. 137–168.

Kliger, G. (2015). Art and Emancipation: Habermas's Die ??Modern—ein unvollendetes Projekt Reconsidered. *New German Critique*, 42(1 124), pp. 203–221.

Greene, S. (2015). Entre Lo Indio, Lo Negro y Lo Incaico: La Jerarquía Espacial De La Diferencia En El Peru Multicultural. *Tabula Rasa*, 13, pp. 111–146.

Kilomba, G. (2010). The Mask. In: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2.

Mansour, C. (2011). The antinomy of art and politics: A critique of art as “cultural resistance” Available at <https://platypus1917.org/2011/08/31/antinomy-of-art-and-politics> [Accessed on 08 Jul 2018].

Mendoza, Z. (2008). *The World of Music*, 50(1), pp. 114–117.

Ojeda, M. (2011). Introducción A Nicomedes Santa Cruz. *Callaloo*, 34(2), pp. 478–480.

Silva, G. (1995). Capital Cultural, classe e gênero em Bourdieu. *INFORMARE - Cadernos Do Programa de Pós-Graduação Em Ciência Da Informação*,

1(2), pp. 24–36.

Spivak, Gayatri (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.

Santos, B. S. (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos - CEBRAP*, (79), pp. 71–94.

Wylie, A. (2004). Why standpoint matters. In: Harding, S. (Ed.). *The feminist standpoint theory reader: Intellectual and political controversies*. Nova Iorque: Routledge, pp. 339 – 351.

O VÍDEO PARTICIPATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PARTICIPAÇÃO CIDADÃ

THE PARTICIPATORY VIDEO FOR THE CONSTRUCTION OF A CITIZEN PARTICIPATION

Inês MOURA, Universidade de Aveiro, Universidade do Porto, Portugal.

Vania BALDI, Universidade de Aveiro, Portugal.

Resumo: O presente projeto de investigação pretende analisar e refletir sobre as potencialidades das tecnologias digitais no fomento das relações de proximidade e da participação cidadã, integrando esta perspetiva teórico-prática no contexto urbano da ilha Bairro Alexandre Herculano na cidade do Porto. Para isso, serão analisadas experiências de investigação que podem alinhar uma metodologia focada no desenvolvimento colaborativo de instrumentos de informação e comunicação digital, e da respetiva apropriação da tecnologia multimédia como forma de potenciar e divulgar uma maior consciência crítica sobre as próprias condições habitacionais. Nesse sentido, o vídeo participativo será uma metodologia de trabalho a ser utilizada no desenvolvimento do projeto colaborativo de investigação com alguns dos moradores do Bairro Alexandre Herculano. Na perspetiva de identificar e expor, também, quais as possíveis mudanças que o grupo gostaria de ver concretizadas no seu espaço habitacional. O Vídeo Participativo é uma metodologia de trabalho que visa fomentar uma aprendizagem e desenvolver uma mudança social no interior de diferentes comunidades, através da criação e exibição dos seus próprios filmes e a criação de diálogos/debates em torno destes. Segundo a autora Tamara Plush (2015), as vozes destas comunidades que são captadas e expressas através do processo de trabalho do Vídeo Participativo deverão sustentar-se e desenvolver-se tendo em conta três princípios: representação, reconhecimento e resposta. O princípio da

representação relaciona-se com a construção e consequente valorização das capacidades de comunicação das pessoas que estão em situação de marginalidade, em refletirem, representarem as suas vidas e experiências através de um meio de comunicação (Plush, 2015). O princípio do reconhecimento relaciona-se com, por exemplo, as exposições dos filmes, que deverão ser acompanhadas com outras ferramentas de trabalho, para que as vozes dos participantes sejam reconhecidas, valorizadas e consigam influenciar o discurso público e as decisões políticas. O reconhecimento dessas vozes acontece em espaços onde, por norma, estas não são ouvidas (Plush, 2015). Nem todos os processos do Vídeo Participativo irão gerar imediatamente ação política, social e uma resposta, por isso, outros esforços terão que ser realizados, como por exemplo, “citizen engagement initiatives that strengthen grassroots networks, increase government accountability and/or build more inclusive societies” (Gaventa and Barrett, 2010; Plush, 2015, p. 10). O princípio da resposta relaciona-se com este tipo de atividades que poderão encorajar a prática do Vídeo Participativo a envolver-se mais estrategicamente no interior de contextos sociais e políticos mais alargados, para criar caminhos para que exista uma resposta considerável às reivindicações e às vozes das margens. Plush (2015) afirma que a prática do Vídeo Participativo poderá fortalecer a representação de grupos excluídos nos espaços de decisões. Poderá igualmente cultivar o reconhecimento através da valorização das vozes marginalizadas e da criação de espaços e condições que poderão proporcionar um processo de partilha e impulsionar uma resposta significativa, que poderá surgir a partir do confronto e da criação de uma desestabilização das condições que são cúmplices na negação das vozes da comunidade.

Palavras-chave: Tecnologias digitais; Habitação; Vídeo Participativo; Participação cidadã.

Referências

- Gaventa, J. & Barrett, G. (2010). So what difference does it make? Mapping the outcomes of citizen engagement. Brighton: Brighton Institute of Development Studies at the University of Sussex.
- Plush, T. (2015). Participatory video and citizen voice – We’ve raised their voices: is anyone listening? *Glocal Times*, 22/23.

BIG THREAT: A Dischord Records como bandeira política no ativismo musical

BIG THREAT: A Dischord Records as a political banner in the musical activism

Luiz Alberto MOURA, Universidade do Minho, Instituto de Ciências da Comunicação, Portugal.

Resumo: Este trabalho visa lançar um olhar sobre uma das editoras discográficas independentes mais reconhecidas no mundo, a Dischord Records, os seus processos de articulação dentro da comunidade musical em que estava inserida e a promoção de atos que influenciaram a cultura (e política) em Washington DC e todo o país nos anos 1980. As editoras independentes têm um papel preponderante em assumir para si e de divulgar um determinado tipo de “som” feito em épocas e espaços específicos como a SubPop e o grunge de Seattle, nos anos 1990; ou a Factory e o Post-Punk de Manchester na década de 1980 - impulsionando-o com lançamentos fonográficos, eventos e publicações. Assim, e para além disso, a Dischord confunde-se com a cena musical de hardcore/pós-hardcore de Washington DC nos anos 1980, sendo também ponto fulcral para ativismos e manifestações políticas antissistema e antiguerra na capital americana. A sede da editora, chamada de Dischord House, era ponto de encontro dos jovens daquela comunidade e ponto de paragem de bandas que visitavam a capital americana. Além disso, aqueles jovens ligados à editora criaram um movimento, o straight edge, calcado na abstinência em relação a carne, álcool, drogas, no distanciamento do sexo livre, entre outros. Partimos da hipótese que editoras independentes, ainda mais as ligadas ao punk rock de alguma maneira, tem papel preponderante em movimentar culturas juvenis em prol de ideais e movimentar e fazer despoletar artistas, cenas, novos géneros musicais e agentes “satélites” (fanzines, lojas de discos, promotores, casas de concertos, etc.) com forte cunho político. Seja na luta por igualdade de direitos entre os artistas, precário de discos ou até mesmo causas não propriamente musicais como o com-

bate ao racismo, a misoginia, a homofobia e a luta pela paz. Assim, pretendemos mapear as ações da Dischord Records (com o contributo pessoal do próprio Ian MacKaye, cofundador da editora) como das mais emblemáticas para a história da música independente americana e mundial sendo atuante até os dias de hoje e fiel aos seus princípios fundadores.

Palavras-chave: Editoras Independentes; Espaço Urbano; Cenas Musicais; Ativismo; Punk Rock.

CANCRO SOBRE PAPEL: misturar conhecimento incorporado, antropologia e arte na feitura de resistência contra a doença

CANCER ON PAPER: to mix incorporated knowledge, anthropology and art in the making of resistance against disease

Susana de NORONHA, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal.

Resumo: Esta comunicação apresenta os resultados de uma investigação antropológica de pós-doutoramento centrada nas histórias de oito mulheres Portuguesas com experiências de cancro, construindo sentido sobre o adoecimento e a resistência (Noronha, 2019). Entre palavra dita, ciência escrita e artes visuais, construída como um exercício intersubjetivo e transdisciplinar, esta investigação encastra o desenho, a pintura e a fotografia nas linhas do texto. Este exercício híbrido e experimental assenta num nivelamento e mistura de entendimentos incorporados, antropológicos e criativos, dentro de uma abordagem teórica e metodológica a que investigadora chamou a “terceira metade das coisas e do conhecimento”, enfatizando o que podemos encontrar ou ganhar na sua mistura (Noronha, 2015). Propõe-se uma leitura ontológica, epistemológica e performativa das práticas artísticas e visuais da ilustração, entendendo-as como acrescentos de experiência, conhecimento e ação (Gell, 1998; Noronha, 2009) alargando o modo como podemos sentir, pensar e agir sobre a doença. A soma indivisa de textos e imagens resultou de uma colaboração coautorada entre a investigadora e as mulheres entrevistadas, partindo das suas palavras e narrativas, recorrendo à imaginação e a metáfora para reinventar o desenho etnográfico e a ilustração científica, dando ao cancro uma forma material e visual, estendendo-o ao olhar público. Relativamente às suas características inovadoras, esta investigação é a primeira a propor e utilizar uma combinação de ciência social e arte na compreensão do cancro, reunindo as vozes daquelas que

resistem, preenchendo um hiato não só na literatura científica da sociologia e da antropologia, mas também no conhecimento e na imagética coletiva da sociedade Portuguesa sobre o cancro, do estágio I ao IV, procurando providenciar a doentes e famílias um contexto relacional e comunitário solidário. Uma ciência social ilustrada, combinando texto e imagem, utilizando metodologias visuais e criativas, poderá assim facilitar e reforçar o impacto social e os resultados públicos da investigação.

Palavras-chave: Cancro; Ciência; Arte; Resistência.

Referências

Gell, A. (1998). *Art and Agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press.

Noronha, S. de (2009). *A Tinta, a Mariposa e a Metástase: a arte como experiência, conhecimento e acção sobre o cancro de mama*. Porto: Edições Afrontamento.

Noronha, S. de (2015). *Objetos Feitos de Cancro: mulheres, cultura material e doença nas histórias da arte*. Coimbra: Almedina.

Noronha, S. de (2019). *Cancro Sobre Papel: Estórias de oito mulheres Portuguesas entre palavra falada, arte e ciência escrita*. (no prelo, abril de 2019)

SAMPA, MEU AMOR! Arte-ativismo, festivais culturais e resistência na cidade contemporânea

SAMPA, MY LOVE! Art-activism, cultural festivals and resistance in the contemporary city

Paulo NUNES, Universidade Federal de Itajubá, Universidade de Coimbra – Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais, Portugal, Brasil.

Resumo: Historicamente, festivais estão ligados a ritos de passagem e em geral são orientados para a transformação da sociedade ou para sua reprodução. O uso destes eventos para regular a pulsão libidinal e o divertimento das massas foi evidenciado durante o período das cidades industriais, quando foram utilizados como dispositivos para a produção de ordem, disciplina e sentido de civilidade entre as populações urbanas, em particular as classes trabalhadoras. Em que pese os inúmeros papéis de regulação social atribuídos aos festivais no passado, há no seu aspeto ritual um sentido de resistência e subversão, uma vez que através do comportamento carnavalesco as pessoas podem expressar a sua oposição ou mesmo rebelião à autoridade, fazendo funcionar um processo catártico que permite a ordem através de uma desordem controlada (Waterman, 1998). Em São Paulo, a Virada Cultural, o Festival Baixo Centro, o SP na Rua e outros festivais do género mediarão direta e indiretamente a criação de projetos culturais, mobilizando novas redes de intermediários e coletivos civis organizados. Por atuarem em paralelo com atividades culturais de cunho ativista, a existência de grupos como o Coletivo A Cidade Precisa de Você, a Associação Cultural Cecília, o Coletivo CoCidade, o Preto Café, o Centro Cultural Aparelha Luzia e o Restaurante Al Jannah são exemplos que ajudam a justificar esta afirmação. Conduzida entre os anos de 2016 e 2018, a pesquisa está assentada numa abordagem de cariz qualitativo e combinou a observação direta de carácter etnográfico com a realização de entrevistas e a análise documental. Através da recolha de falas de gestores públicos, ativistas e produtores culturais de São Paulo, esta comunicação visa debater de que maneira os eventos cultu-

rais de uma forma em geral podem disparar novas formas de organização, modos de fazer e criação de novas redes e movimentos de resistência na cidade contemporânea. A função ritual e os sentidos liminares encontrados nos festivais e celebrações públicas podem ser associados ao ativismo cultural e a ações de resistência política por meio da organização de eventos e da formação de coletivos civis organizados.

Palavras-chave: Cultura; Resistência; Arte; Festivais; Ativismo.





O-P

HES
HES
HES
HES

TEATRO EM COMUNIDADES E A CIDADE COMO TERRITÓRIO DE EXPERIÊNCIAS

THEATER IN THE COMMUNITIES AND THE CITY AS TERRITORY OF EXPERIENCES

Wellington de OLIVEIRA, Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, Porto, Portugal.

Resumo: A relação com a cidade e com os espaços públicos pode constituir um território de experiência e criação para as práticas teatrais com comunidades, gerando dramaturgias profundamente conectadas com os espaços, sujeitos e contextos sociais. A ligação com os lugares de pertença dos cidadãos envolvidos, no âmbito da criação teatral, potencializa a leitura dos espaços da cidade, das relações sociais e das formas como se configuram os territórios, articulando agenciamentos comunitários, ocupação e (re)significação de espaços públicos, além do exercício do direito à cidade. Nesta perspectiva, o teatro em comunidades desenvolve-se como parte da construção de uma cultura política participativa, mobilizada por diversas práticas criativas que se organizam nos espaços urbanos e permitem gestos de profanação das lógicas que excluem os cidadãos dos processos de construção dos territórios que compartilham. Partindo de uma experiência realizada na comunidade do Vale do Amanhecer, bairro periférico de Brasília, capital do Brasil, pretende-se apresentar os percursos de criação dramática e da encenação de um espetáculo em espaço urbano, compartilhando os dispositivos pedagógicos e referenciais que constituíram os processos criativos com a comunidade. Resultado da investigação de mestrado deste autor, no âmbito do Mestrado Profissional em Artes da Universidade de Brasília (UnB), o trabalho se desenvolveu através da metodologia de pesquisa-ação comunitária, integrando a prática teatral e a reflexão teórica sobre as relações do teatro com a comunidade e os espaços da cidade. Assim, propõe-se uma reflexão empenhada em identificar as potencialidades das práticas teatrais que emergem nos espaços urbanos, muitas vezes em cidades sem equipamentos públicos destinados às atividades culturais, situando a cidade

como território propiciador de experiências teatrais em comunidades e os cidadãos como criadores e protagonistas da cena.

Palavras-chave: Teatro em Comunidade; Dramaturgias da Cidade; Encenação em Espaço Urbano; Experiência.

CARTOGRAFIA DO ARTIVISMO NAS OCUPAÇÕES DA CULTURA NO BRASIL

CARTOGRAPHY OF ARTIVISM IN THE OCCUPATIONS OF CULTURE IN BRAZIL

Ana PARDO, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Resumo:

Este trabalho aborda sobre as Ocupações de artistas e trabalhadores da Cultura ocorridas no Brasil, em reação motivada pelo impeachment decretado em 2016 e a consequente destituição da presidenta Dilma Rousseff, e em protesto contra a extinção do Ministério da Cultura. Ocupações que ocorreram dentro das sedes de funcionamento das Regionais do Ministério da Cultura, da Fundação Nacional das Artes (Funarte) e do Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e se espalharam pelos vinte sete estados brasileiros. Neste movimento unificado, nomeado de Frente Nacional de Teatro, somou-se uma diversidade de áreas e movimentos artístico-culturais, sendo também contrário ao governo interino de Michel Temer. Nesta Conferência, serão apresentados os principais resultados da pesquisa em torno das Ocupações da Cultura e seus desdobramentos na atual conjuntura política. O objetivo é analisar-se até que ponto esse movimento se transformou no principal polo de resistência política e estética contra o que os manifestantes consideraram como um golpe à democracia? Em que medida essas ocupações acabaram por ressignificar os espaços públicos a cerca do papel do Estado e de uma política de Cultura ao provocarem a experimentação estética e o uso do ativismo pelo viés da diversidade de áreas de pensamento e linguagens artísticas? O trabalho apresentado resulta da pesquisa intitulada: Ética-estética dos protestos – Atores e personagens na cena política de 2013 a 2016, cujo método utilizado foi a cartografia com base na filosofia de Gilles Deleuze, Félix Guatarri e outros autores. A escolha do objeto desta pesquisa-intervenção levou a percorrer-se um caminho que permitisse fazer uma análise sob um novo modo de

subjetivação através da observação do fenômeno em suas nuances estéticas, artísticas e políticas, sendo necessário pensar na dinâmica dos espaços e no território a partir das narrativas observadas no cenário político. Apresenta-se o mapa mental do panorama de Ocupações da Cultura nas cidades brasileiras cuja composição utiliza-se de fotografias de variadas procedências (imprensa, agências, grupos, coletivos midialivristas, fotógrafos anônimos etc.). A ênfase é dada à relação expressa da performatividade/teatralidade com a conjuntura política vivenciada nacionalmente nas ocupações culturais que se espalham pelos estados e regiões de todo o país. Um movimento precedido de várias intervenções artísticas, flash mobs, performances nas ruas, em forma de protestos contra a votação do impeachment na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, em Brasília (DF), até desaguar nas Ocupações da Cultura. Trata-se de um trabalho-processo que tem uma autoria, mas também carrega um traço transnarrativo, impregnado dessas impressões/expressões, individuais e coletivas recolhidas das andanças. Uma leitura do simbólico e de como a arte pode reinventar esse corpo a partir da revitalização de sua aptidão política para o compartilhamento, tanto on line, do corpo virtual nas redes sociais, quanto do corpo presencial, em estado de protesto durante as Ocupações. Neste caldo explícito de gestos e corpos, resulta o tom performático dos protestos carregados de símbolos, teatralidades e de ativismo, que envolvem corpo e política na arte da presença.

Palavras-chave: Ocupações, Cultura, Protestos, Cartografia, Teatralidade, Ativismo.

Referências:

Agambem, G. (1990). *La communauté qui vient*. Paris: Seuil.

Costa, L. B. (2014). Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*. Centro de Educação: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), v. 7, n. 2, pp. 66-77.

Craig, E. G. (1953). *De l'art du théâtre*. Paris: Éditions Lieutier/Librairie théâtrale.

Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

- Deleuze, G. (1995). *L'Immanence : une vie...* Philosophie, n. 47. Paris : Les Éditions de Minuit, pp. 5-6.
- Deleuze, G. (2006). *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G. (2010). *Sobre teatro: Um manifesto a menos: o esgotado*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Dort, B. (2013). *A representação emancipada*. Revista Sala Preta, v. 1, n. 13. São Paulo: USP/PPGAC.
- Eagleton, T. (2013). *Doce violência – A ideia do trágico*. São Paulo: UNESP.
- Fèral, J. (2001). *La théâtralité: à la recherche de la spécificité du langage théâtral*. In: Fèral, J. (Ed.). *Théorie et pratique du théâtre. Au-delà des limites*. Montpellier : L' Entretemps.
- Fèral, J. (1985). *Performance et teatralité, le sujet desmistifié*. In : FÉRAL, J. (Org.). *Théâtralité, écriture et mise en scène*. Québec: Ed. Hurtubise.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir. Nascimento da Prisão*. Petrópolis/RJ:Vozes.
- Foucault, M. (2004). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1980). *O filósofo mascarado*. Entrevista com C. Delacampagne, fevereiro de 1980. *Le Monde*. N° 10.945. *Le Monde-dimanche*. p. I e XVIII.
- Foucault, M. (2009). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- Harvey, D. (2012). *Entrevista concedida a John Brissenden e Ed Lewis, do site britânico New Left Project, em 13/07/2012*. Disponível em: [www.newleftproject.org/ John Brissenden...](http://www.newleftproject.org/John%20Brissenden...) Acesso em 23/08/2013.
- Jameson, F. (2000). *Pós-modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.
- Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2014). *O capitalismo estético na era da globalização*. Lisboa/Portugal: Edições 70.
- Lowy, M. (2016). *Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil*. In: Jinkings, I.; Doria, K.; Cleto, M. (Orgs.). *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. Vários autores. São Paulo: Editora Boitempo.

Moura, C.; Hernandez, A. (2012) (2). Cartografia como método de pesquisa em arte. In: XI Seminário de História da Arte - Centro de Artes da UFPel. Pelotas/RS: Universidade Federal de Pelotas.

Nancy, J. (2001). *La communauté affrontée*. Paris: Galilée.

Negri, A.; Cocco, G. (2005). *Glob(AL): Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*. Rio de Janeiro: Record.

Nogueira, B. (2011). Enquanto o governo vive uma crise no MinC, a rede Fora do Eixo cria uma nova e independente política cultural. *Revista TRIP. Reportagens*. Ministério da Cultura. Brasília/DF. 12/05/2011. Site: revistatrip.uol.com.br/revista/199/reportagens/ministerio-da-cultura.html...

Oliveira, L. (2007). *Corpos indisciplinados*. São Paulo: Beca.

Ortega & Gasset, J. (1991). *A ideia do teatro*. São Paulo: Perspectiva.

Pardo, A. (Org) (2011). *A teatralidade do humano*. São Paulo: Edições do SESC/SP.

Pardo, A. (2010). *Sistema Nacional de Cultura e a estruturação de uma política nacional de cultura*. Palestra. Rio de Janeiro.

Paulani, L. (2016). Uma ponte para o abismo. In: Jinkings, I.; Doria, K.; Cleto, M. (Orgs.). *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Editora Boitempo.

Pavis, P. (1990). *Du texte à la scène : un enfantement difficile*. In: *Le Théâtre au croisements des cultures*. Paris: Jose Corti.

Pavis, P. (2008). *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva.

Pelbart, P. (2003). *Vida Capital: Ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras.

Pelbart, P. (2007). *Biopolítica*. São Paulo: Sala Preta, n.7, pp.57-65.

Pelbart, P. (2016). *Carta Aberta aos Secundaristas*. Série Pandemia, São Paulo: N-1 Edições.

Rancière, J. (2000). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed.34.

Rancière, J. (1995). *La mésentente— politique et philosophie*. Paris: Galilée.

Rosenfeld, A. (2009). *A arte do teatro: aulas de Anatole Rosenfeld (1968)*. São Paulo: Publifolha.

Roubine, J. J. (1998). A linguagem da encenação teatral. 1880-1980. (2ª ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Safatle, V. (2016). A crise é um modo de governo. Jornal Folha de São Paulo, 10/06/2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/.../vladimirsafatle/.../1779958-a-crise-e-um-modo-de-governo.../> Acesso em 22/11/2017.

Saidel, H. (2009). Teatralidade, metateatralidade e ironia: aspectos modernos e pós-modernos. Uberlândia/MG: Ouvirou VER (UBE), n. 5.

Samaddar, R. (2009). Emergence of the political subject. New Delhi: Sage, 2009.

Samain, E. (1998). O fotográfico. São Paulo: Editora Hucitec.

Sennett, R. (2006). A cultura do novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record.

Sontag, S. (1981). Ensaaios sobre fotografia. Tradução de Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor.

Souza, J. (2016). A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya.

Santos, Boaventura de S. (2002). Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Zizek, S. (2014). Violência, São Paulo: Boitempo.

Wood, E. (2003). Democracia contra o capitalismo: a renovação do materialismo histórico. São Paulo, Boitempo.

ESTRATÉGIAS TEATRAIS PARA DAR A VER PESSOAS E LUGARES INVISÍVEIS

THEATRICAL STRATEGIES TO SHOW INVISIBLE PEOPLE AND PLACES

Rogério PAULINO, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Resumo: Esta comunicação pretende abordar dois processos criativos desenvolvidos nas ruas das cidades de Belo Horizonte e Tiradentes no estado de Minas Gerais (Brasil), buscando identificar as implicações e os impactos de produzir um teatro que aconteça junto à cidade e seus moradores em forma de intervenções cênicas nas quais não seja preciso fechar ruas ou montar palcos, uma vez que os logradouros e os demais espaços públicos e privados são convertidos em locais de livre experimentação e convivência criativa. Em cada uma destas cidades foram escolhidas localidades que estavam fora do foco das políticas públicas para arte e cultura, constituindo regiões periféricas esquecidas ou pouco notadas pelo poder público, numa tentativa de utilizar estratégias teatrais que poderiam ajudar a dar visibilidade tanto às pessoas como a estes espaços. Em comum, estas localidades também possuem grande importância histórica para suas respectivas cidades em função do casario antigo ali presente. Pretende-se, portanto, discutir como as estratégias teatrais utilizadas na criação das intervenções urbanas - “Os floristas e Dona Juta” criado em 2018 nos bairros dos arredores do Centro Histórico de Tiradentes e “Naquele Bairro Encantado”, criado em 2011 no bairro Lagoinha em Belo Horizonte - ajudaram a problematizar a relação dos moradores com a cidade, o patrimônio histórico e o turismo, a partir de uma perspectiva teatral, fortemente centrada no trabalho do mascaramento. No primeiro caso temos um contexto delicado em que salta aos olhos o fato de que o centro histórico de Tiradentes fora tomado pelas atividades ligadas ao turismo que se, por um lado, foi responsável pela revitalização da cidade, por outro, acabou fazendo com que os moradores nativos fossem cada vez mais empurrados para habitações localizadas na periferia

da cidade. Já no segundo caso, a opção por realizar uma criação no bairro Lagoinha tinha como objetivo fazer as pessoas re-avaliarem seus pré-conceitos quanto a aquela localidade, contribuindo para aumentar a auto estima de seus moradores que, como apontavam algumas pesquisas, se encontrava totalmente abalada em função dos rumos que o processo de urbanização do bairro tomou. Com o passar dos anos, o bairro que, nas décadas de trinta a cinquenta, era conhecido pela sua forte atividade cultural, esportiva, religiosa e por sua boémia, passou a figurar muito mais nos cadernos policiais dos jornais, devido ao aumento da violência, que se agravou com a recente instalação da cracolândia em algumas de suas ruas. Entrevistas com moradores, cadernos de campo e reportagens de jornais sobre estas criações servirão para discutir a relação destes processos criativos com cada uma das localidades escolhidas. As referências para tratar a relação do teatro e a cidade virão do diálogo com elementos oriundos das manifestações tradicionais da cultura popular brasileira, que percebem a rua e os espaços públicos não apenas como locais de apresentação, mas como espaços de convivência, para serem ocupados das mais variadas formas e ocasiões. Esta abordagem favorece a discussão de questões como gentrificação e a ocupação dos espaços públicos, bem como das potencialidades da arte na atuação do campo da micropolítica.

Palavras-chave: Gentrificação; Mascaramento; Intervenção Urbana; Convívio Criativo.

Referências

- Bateson, G. (2002). Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: Ribeiro, B. e Garcez, P. (Orgs.). Sociolinguística interacional. São Paulo: Edições Loyola.
- Ileana, D. (2007). Escenários Liminares: teatralidades, performance y política. Buenos Aires: Atuel.
- Jung, C. (2012). Sincronicidade - A dinâmica do inconsciente. Petrópolis: Vozes.
- Silva, E. A arte na rua: O público no espaço público. Revista Anjos do pica-deiro, n. 6, pp. 27-50.

Starling, H. (2002). Fantasma da cidade moderna. In: Margens/Márgenes. Belo Horizonte/Bueno Aires, n. 1.

QUEBRANDO SILÊNCIOS: cinema negro realizado por mulheres

BREAKING SILENCES: Black cinema performed by women

Ana Cristina PEREIRA, Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Portugal.

Carla CERQUEIRA, Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Portugal.

Resumo: A teoria interseccional tem trazido para a discussão a multidimensionalidade das experiências vividas pelos membros de grupos historicamente oprimidos, ampliando o sujeito político dos feminismos. Embora ainda recente e muito setorial o feminismo interseccional português desenvolve-se na sequência de uma longa e forte mobilização das mulheres negras (sobretudo, em Lisboa, Porto e Coimbra) e tem vindo a ganhar espaço público, nomeadamente através da constituição de organizações e coletivos e da promoção de diversas iniciativas. Surgem, assim, novas e múltiplas agendas de contestação e de construção de espaços políticos. São várias as causas - internas e externas - que estão na base deste fenómeno social, sobre as quais pretendemos refletir nesta comunicação. Teremos como base diversas formas de a(r)tivismo que têm surgido neste contexto e que constituem formas de expressão da cidadania. Destacamos o cinema, tem sido ao longo do tempo um meio privilegiado para a reprodução do capital simbólico dominante, mas também para o seu questionamento. Deste modo, uma das expressões desde movimento negro português tem sido o aparecimento de cineastas que se identificam também como mulheres negras e que desenvolvem narrativas cinematográficas que trazem rostos, corpos, vozes e temas silenciados ao longo do tempo e da história do cinema em Portugal. Estas narrativas constituem-se, por isso, como formas de a(r)tivismo que contribuem para a visibilidade e reconhecimento de pessoas e questões e para o acesso a novos espaços políticos. As realizadoras Vanessa Fernandes (Guiné)

e Lolo Arziki (Cabo Verde) pertencem a diferentes diásporas (palavra cujo significado se vai diluindo) africanas em Portugal e os seus filmes dialogam com a memória desse passado migrante e a forma como se expressa nos fios com que se tecem as relações nas sociedades em que vivem. Partindo da análise dos filmes *Si Distino* de Vanessa Fernandes (2015) e *Homestay* (2017) de Lolo Arziki e ainda de entrevistas concedidas por estas realizadoras emergentes, a presente comunicação propõe uma leitura dos seus percursos e discursos fílmicos, enquanto projetos de autorrepresentação e de afirmação de vozes silenciadas. Apresenta-se, por fim, um conjunto de ideias/características/formulações que podem constituir uma base para o que poderemos designar como cinema negro português com lente de género.

Palavras-chave: Interseccionalidade; A(r)tivismo; Cinema; Autorrepresentação; Vanessa Fernandes; Lolo Arziki.

O DESIGN GRÁFICO COMO VOZ DE AÇÃO – investigação e experimentação pedagógica sobre comunicação gráfica e cidadania

GRAPHIC DESIGN AS VOICE-ACTING – research and pedagogical experimentation on graphic communication and citizenship

Jorge PEREIRA, Escola Superior de Design, Portugal.

Resumo: O design gráfico e o designer, como agentes ativos na comunicação e na sociedade, devem assumir um papel social responsável, contribuindo com a sua ação para a melhoria dos seus contextos e comunidades de intervenção. Para tal, é desejável uma reflexão crítica sobre o seu próprio trabalho, procurando uma resposta que se baseie em processos de comunicação visual úteis e participativos na construção da sociedade. Integrado no plano de estudos de licenciatura em Design Gráfico de uma instituição de ensino superior pública politécnica Portuguesa, a experimentação pedagógica que se propõe enquadra-se numa visão formativa que promove o estudo e reconhecimento do capital semântico do design gráfico e da sua capacidade de mobilização para causas ou ações. Explora-se, por via do design gráfico enquanto discurso, a capacidade de pensamento crítico relativamente às diferentes perspetivas de Design, o seu papel na sociedade e tangências. O presente exercício consiste na interpretação global do conceito de projeto em design gráfico, num processo de investigação e desenvolvimento de projeto para comunicação e/ou sensibilização para uma causa de sociedade e cidadania, tornando o design como uma voz ativa e atuante. O projeto foi implementado em três momentos de desenvolvimento, da pesquisa, ao desenvolvimento criativo e conclusão, partindo do estudo e conhecimento dessas causas. Apresenta-se também a metodologia proposta, introduzindo o “3-stage design process” de Bruce Archer (1965), que se agilizou em termos criativos e de horas de trabalho.

Palavras-chave: Design Gráfico; Comunicação gráfica; Cidadania.

PROCURA-SE ARTE ATIVISTA

LOOKING FOR ACTIVIST ART

Isadora PETRAUSKAS, Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, Porto, Portugal.

Tiago ASSIS, Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, Porto, Portugal.

Resumo: Há quem diga que misturar arte e política seja uma inadvertência, um deslize, uma receita fadada ao panfletismo e a arte medíocre. Outros afirmam que é uma inevitabilidade. Que toda arte é política. Que a arte, por ser vontade de potência de uma ideia e, por dialogar com outras ideias, torna-se política. Até onde podemos traçar, a arte política tem sido problemática. O artista é inerente à sociedade em que habita e, consequentemente, a realidade política é também o que define a sua existência. Hoje, não importa como a sociedade esteja organizada ou a sua atribuição social nela, é impossível fugir à dimensão política do dia-a-dia. Aprendemos, de maneiras um tanto traumáticas, a importância da política e de sermos políticos. Dessa forma, a discussão sobre a arte política transborda a fronteira da arte e derrama na própria experiência em si. Cada escolha que fazemos, enquanto artistas ou não, surge da nossa compreensão de como nos relacionarmos com as pessoas e a sociedade ao nosso redor – e essa é a definição mais básica da política. É impossível, no entanto, ignorar as evidências existentes sobre o impacto das artes na nossa sociedade. A expressão artística tem um lugar indiscutível no ativismo social. Acontece, que este lugar passou a ser um outro campo de batalha política, com as suas contradições e conflitos particulares. É claro que a política existe onde quer que haja uma intersecção entre arte e lucro, sempre que os artistas são colocados em direções opostas, equilibrando a estética e assuntos relevantes e politicamente carregados. Mas atualmente, nesse campo de batalha, o ativismo é moeda das mais valiosas. E, quando a arte ativista passa a ser uma demanda do mercado, ou seja, uma tendência, a diferença entre ativismo e conformismo torna-se

obscura. Desta forma, partir das observações, leituras e análises de obras artísticas que se dizem ativistas, o objetivo desde artigo é discutir o que se tornou a arte ativista na contemporaneidade e quais as suas possíveis estratégias de atuação, se é que ainda resta alguma. Recentemente, é comum vermos cada vez mais artistas usando o ativismo político como uma oportunidade de carreira. Questões sociopolíticas tornam-se temática sem nenhum aprofundamento. Refugiados tornam-se 'inspiração' para artistas europeus. A arte de rua é comissionada ou para ser celebrada retorna à galeria. As estéticas disruptivas transformadas em design. Existe um esvaziamento das possibilidades de resistência artística em um sistema hegemônico, no qual o consumismo ocidental de livre mercado e a sua máquina de produção cultural, se espalham por toda a prática da arte. Nos últimos anos, o mundo da arte parece ter seguido as pegadas ideológicas da economia global, participando cada vez mais do cultivo de riqueza e da sua estreita distribuição. E assim, a arte ativista é cooptada, legitimada e vendida com a etiqueta de nova tendência. Será que ainda existe arte ativista hoje em dia? Se sim, onde vive e o que come?

Palavras-chave: Arte; Ativismo; Possibilidades; Mercado.

Referências

- Benjamin, W. (1995). *Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: L&PM.
- Berman, M. (1993). *Why modernism still matters*. Oxford: Basil Blackwell.
- Bourdieu, P. (2013). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Costa, J. F. (1995). O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral? (USP, Ed.) *Tempo Social*.
- Ensemble, C.A. *Distúrbio eletrônico*. Editora subta. From we.riseup.net/subta/disturbio
- Foucault, M. (1988). *Power knowledge: Selected interviews and other writings*. London: Random House.
- Foucault, M. (1991). *Discipline and punish: The birth of the prison*. London:

Penguin.

Foucault, M. (1998). *Technologies of the self*. University Massachusetts Press.

Galeffi, R. (1966). *A autonomia da arte na estética de Benedetto Croce*. Belo Horizonte: Atlantida.

Galeano, E. (2010). *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM.

Groys, B. (2010). *Marx after Duchamp, or the artist's two bodies*. E-flux.

Haskins, C. R. (2011). *Aesthetics as an Intellectual Network*. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*.

Harvey, D. (1989). *A condição pós-moderna*. São Paulo: Basil Blackwell Ltd.

Liotard, J. F. (1984). *The postmodern condition: A report on knowledge*. Manchester University Press.

Lalande, A. (1993). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Stiegler, B. (2018). *Da miséria simbólica*. Lisboa: Orfeu Negro.

Rancière, J. (2009). *A partilha do sensível*. Belo Horizonte: 34.

Ranciere, J. (2017). *O espectador emancipado*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Rancière, J. (2007). *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autentica.

Rancière, J. (n.d.). *Será que a arte resiste a alguma coisa?* (F. U. Fortaleza, Ed.) Acesso abril 18, 2018. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/94242/versions/1/sera-que-a-arte-resiste-a-alguma-coisa-ranciere.pdf>

CINEMA: Entretenimento ou ativismo?

CINEMA: Entertainment or activism?

José Alberto PINHEIRO, Universidade do Porto, Portugal

Abstract: When, in 1895, the Brothers Lumière held the first cinematographic exhibition in Paris, they would be far from imagining that technical novelty would become the great motor of popular culture of the twentieth century. The imminence of a new language that would transpose the bonds of the established language codes would, by virtue of its pre-verbal nature, bring together around the silver screen citizens who, having no common linguistic code, could laugh, cry and reflect together, regardless of the obstacle that had previously been anticipated. The image, and its sequence, spoke. If on the one hand the nature of this art subordinated to mechanical reproducibility called for technical and therefore economic means, far from the possibility of creative participation of the ordinary citizen, on the other hand it ensured that the enjoyment of the work would supplant, as far as democratization is concerned, any of its predecessors. The pro-hypnotic properties of the cinematographic milieu were first understood by the Soviet school, who identified in the assembly process the possibility of a dialectical articulation capable of bringing the revolutionary fervor to the illiterate masses by the Hollywood that surreptitiously introduced into the public sphere the debate on fractured and untouchable themes in the instituted media, or the building of the Aryan imagery that Leni Riefensthal built for the Third Reich. A moat - perhaps artificial - was created between “activist” cinema and pure entertainment, but did the so-called activist film stir up more consciousness and drive more public debate than its so-called ‘bastard brother’? Can entertainment be a vehicle to participate in the act of governing and being governed? In 1940, with his ‘The Great Dictator’, Charles Chaplin, entertainer par excellence, pierces the US public sphere, marked by an almost hegemonic isolationist current, with his caricature of Adolf Hitler. Something

was happening on the other side of the Atlantic, and although the reasons for laughing were few, it is with laughs that many enter into this discussion. In the second half of the twentieth century, we observe within the French Nouvelle Vague, the paradigmatic fratricidal confrontation between Jean-Luc Godard and François Truffaut. Cinema activist or pamphlet cinema? Stimulate consciences or “preach to converts”? This is a debate that has been going on until now, and which we intend to address through a diachronic journey, which opposes activism to “entertainment”.

Keywords: Cinema; Democracy; Activism; Entertainment; Politics

ESTRATÉGIAS SONORAS EM REDE: arte, sociedade e resistência

NETWORKED SOUND STRATEGIES: art, society and resistance

Camila PROTO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo: É possível pensar o som como um agenciador de redes desterritorializadas, de diálogo ativo entre corpos alternos? Ou ainda, como entender o som como esse lugar possível de resistência? Diante o atual cenário ético e político que enfrentamos no Brasil urge a necessidade de encontrar um meio para resistir que não parta do regime do visível, considerando a sua deturpação em tempos de pós-verdade. O som, dessa forma, propõe-se a ser este outro lugar passível de luta, partindo da premissa do outro, e de suas características abstratas, voláteis e etéreas, que exigem do público o estabelecimento de uma nova forma de relação e diálogo. Assim, este trabalho busca, a partir da análise de trabalhos artísticos sonoros contemporâneos brasileiros, a apropriação do som como meio e veículo de troca potente, para compreender as suas possibilidades estéticas e políticas dentro da nossa sociedade e também do sistema da arte. Serão analisados trabalhos dos artistas Floriano Romano, Vivian Caccuri, Coletivo Opavivará e Marcelo Armani, atuantes no cenário contemporâneo da arte brasileira para além do cubo branco: são propostas educativas, que envolvem a comunidade ou se utilizam do espaço público para gerar este encontro sonoro e que carregam com suas propostas a perspectiva ativista necessária hoje. Resistir através do som pode ser uma forma alterna às estratégias de luta enraizadas e já desatualizadas, dando lugar ao estabelecimento de novos territórios para a arte – fluidos, transitórios e subjetivos.

Palavras-chave: Arte Sonora; Território; Alteridade; Rede.

Referências

- Bishop, C. (2006). *Participation*. Massachussets: The MIT Press.
- Deleuze, G. e Guatari, F. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 4. São Paulo: Ed. 34.
- Guatari, F. & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Herner, M.T. (2009). *Territorio, desterritorialización y reterritorialización: un abordaje teórico desde la perspectiva de Deleuze y Guattari*. Santa Rosa: Huellas, n 13, pp. 158-171.
- La Barre, J. (2014). *Poder, território, som: alguns comentários*. Buenos Aires: El oído pensante, vol. 2, n 1.
- La Barre, J. (2014). *A outra afinação do mundo: os territórios sonoros*. *Revista Interfaces* 16 (1): 117 – 127.
- Labelle, B. (2018). *Sonic agency. Sound and emergent forms of resistance*. London: Goldsmiths Press.
- Ranciére, J. (2005). *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34.
- Rey, S & Chiron, E. (2017). *O íntimo, o privado, o público na arte contemporânea*. *Porto Arte*, v. 22, n. 37, pp. 167-180.
- Romano, F. (2013). *Campos Autônomos*. *Poiésis*, n. 21-22, pp. 31-36.
- Santos, C. (2015). *Percepção do lugar: o modo relacional entre arte, artistas, público e espaço urbano*. *João Pessoa: Revista Temática*, n. 09, pp. 156-167.
- Schafer, H. M. (2011). *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora Unesp.
- Voegelin, S. (2018). *The political possibility of sound: fragments of listening*. London: Bloomsbury Academic.

R-S



OS WESTERNS - concepções, narrativas e memória

THE WESTERNS - conceptions, narratives and memory

Pedro RÉQUIO, Universidade de Coimbra, Portugal.

Resumo: Este ensaio tem como objetivo analisar o cinema do tipo western e as potencialidades que o mesmo tem enquanto veículo de discursos políticos e ideológicos. A cartilha política presente nestes filmes encontra-se articulada com dinâmicas históricas circunscritas a um espaço cronológico e geográfico específico, fazendo com que este género proceda a uma estilização dos fenómenos históricos e da própria memória histórica. O trabalho debruça-se somente sobre os westerns americanos e italianos, pois foram os únicos países que produziram quantidades consideráveis de filmes inseridos neste âmbito cinematográfico. De um modo bastante genérico podemos afirmar que o western clássico americano é essencialmente tradicionalista e individualista (existem algumas exceções à regra) e apresenta visões bastante estereotipadas de indivíduos ou grupos sociais (o arquétipo do herói determinado e incorruptível, dos grupos étnicos não caucasianos (índios e mexicanos) como inerentemente maléficos ou ridículos). Já o western revisionista, em particular o spaghetti western, apresenta-nos personagens muito diferentes (heróis cínicos ou imorais, grupos étnicos subalternos que lutam contra uma sociedade racista e opressora). A visão maniqueísta persiste, bons vs. maus, porém as tomadas de posição no campo ideológico são drasticamente diferentes. No spaghetti western existe, no entanto, uma agenda política mais contundente. Se a ideologia aparece no western clássico, e mesmo no revisionista americano, de uma forma por vezes subtil ou camuflada, no spaghetti westerns ela apresenta-se com clareza, de uma forma praticamente militante. Tome-se o exemplo dos inúmeros spaghetti westerns contextualizados na revolução mexicana de 1910 que apresentam os revolucionários zapatistas como combatentes de uma causa justa. O primordial propósito deste estudo não é tanto o de caracterizar as ideolo-

gias políticas que insuflam, ou podem insuflar, as obras cinematográficas em questão, mas as potencialidades existentes no género que o tornam apto se transformar numa plataforma das mais variadas, e por vezes opostas, ideias político-ideológicas. O objetivo é, portanto, o de identificar o género (a época a que reporta, com todas as suas implicações históricas e políticas) como o lugar-comum de discursos essencialmente antagonistas. O primeiro capítulo do ensaio é dedicado ao tratamento e aos estereótipos no western clássico americano. Articulando estes elementos com a história americana e a apresentando o western enquanto elemento folclórico. O segundo e o terceiro capítulo são dedicados aos novos olhares sobre o velho oeste encetados pelos realizadores, americanos e italianos, dos westerns revisionistas. A ideologia contracultural plasmada nestes novos westerns propõe uma reconceptualização dos estereótipos e dos eventos históricos presentes nos clássicos. O quarto e último capítulo procura contrapor os dois tipos de western e identificar as suas semelhanças e diferenças. Este segmento visa igualmente analisar a utilização da memória histórica enquanto ferramenta ideológica. O género é assim usado como uma ferramenta, ou melhor, como uma forma de discurso que procura servir ideias políticas concretas e remete para o conceito de “uso público da história” de Habermas. Neste caso, não será da história em exato, mas de uma estetização desta. As inclusões, exclusões ou revisões de determinados episódios históricos subjazem assim às finalidades ideológicas de cada tipo de western.

Palavras-chave: Cinema; Western; Propaganda; Política.

Referências

- Anderson, B. (2016). Comunidades imaginadas. Lisboa: Edições 70.
- Aumont, J. (2009). A análise do filme. Lisboa: Texto e Girafa.
- Becker, H. (2007a). Parables, ideal types, and mathematical models. In: Telling About Society (pp. 150–166).
- Becker, H. (2007b). Representations of society as organizational products. In Telling About Society (pp. 15–28).
- Cousins, M. (2004). Biografia do filme. Lisboa: Plátano Editora.

- Gramsci, A. (1974). *Obras escolhidas*, vol. I. Lisboa: Editorial Estampa.
- Jenkins, P. (2012). *Uma história dos Estados Unidos*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Rancière, J. (2010). *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Rancière, J. (2014). *A fábula cinematográfica*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Traverso, E. (2012). *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Lisboa: Unipop.
- Cook, C. (2012). *The Hero and Villain binary in the western genre*. Palmerston North: Massey University Palmerston North.
- Eilders, C. (2015). Politics in fictional entertainment: An empirical classification of movies and TV series. *International Journal of Communication*, 9, pp.1563-1587. 4
- Foley, T. (2013). Examining the Mythic Past: 1950 Westerns and the Interdisciplinary Interpretation, in *Concept*, Vol. XXXVI.
- Greenwald, M. (2006). *Democracy and Capitalism in the American Western*. Tennessee: University of Knoxville.
- Habermas, J. (1989). Tendências apologéticas. São Paulo. In: *Novos Estudos*, CEBRAB, n.25, p.16-27.
- Herrington, L. (2011). *Fourth World Film: Politics of Indigenous representation in mainstream and indigenous cinema*. Colorado: University of Colorado Boulder.
- Kellner, D. (1991). Reflections on Hollywood film in the age of Reagan. Disponível em: <http://go.galegroup.com/ps/anonymous?id=GALE%7CA90190388&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=01491830&p=AONE&sw=w>
- Martynuska, M. (2009). The evolution of the Western genre resulting from social change in the USA, *Zeszytnakowe Uniwersytetu Rzeszowskiego*. Disponível em: www.ur.edu.pl/file/1334
- Noh, Kwang Wooo, Deconstruction of the Western Genre in the 50's and the 60's: Budd Boetticher, Sam Peckinpah and Sergio Leone. Disponível em: https://www.academia.edu/28548984/Deconstruction_of_Western_Gen

re_in_the_1950s_and_1960s_-_Budd_Boetticher_Sam_Peckinpah_and_Sergio_Leone

Noys, B. (2011). Spaghetti Communism? The politics of the Italian western, marxism in culture seminar, Senate House, London. Disponível em: https://www.academia.edu/495560/Spaghetti_Communist_The_Politics_of_the_Italian_Western

Philips, M. (2011). Radical Frontiers in the Spaghetti Western: Politics, Violence and Popular Italian Cinema, The Graduate Center, CUNY. Disponível em: <https://cora.ucc.ie/handle/10468/5783>

Pollak, M. Memória, esquecimento e silêncio. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>

Teixeira, A. J. (2009). Woman of The West – Genre, gender, and politics In: Johnny Guitar, Revista de Letras, Curitiba nº 78, pp.97-110.

DIÁLOGOS ENTRE ARTE URBANA E O CIRCUITO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DA HERANÇA AFRICANA: caminhos da memória na Pedra do Sal, Rio de Janeiro

DIALOGUES BETWEEN URBAN ART AND THE HISTORICAL AND ARCHAEOLOGICAL CIRCUIT OF THE AFRICAN HERITAGE: memory lane in Pedra do Sal, Rio de Janeiro

Ana RIBEIRO, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo: Andando pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro, principalmente na área entendida como Zona Portuária, percebemos a existência de uma cidade que concorre consigo mesma em torno dos seus projetos e dos desdobramentos destes. Colocar a região em foco ao longo dos anos 2000, e posteriormente inserir a mesma no centro do debate, fez com que a região passasse a ter um maior olhar de empreendimentos imobiliários, construção de espaços de lazer, disputas simbólicas e políticas no entorno das demandas da região e dos grupos que lá habitam e convivem. Também neste espaço se debruçam inúmeros pesquisadores, de áreas diversas, refletindo uma multiplicidade de questões trazidas nos seus projetos: processos de requalificação urbana, remoções, formação de circuitos artísticos, memórias afro-diaspóricas, património urbanístico, arquitetónico e imaterial, megaeventos, representações imagéticas, entre tantos outros temas de pesquisa que não comportam o que a Zona Portuária é, ou como a Pequena África se constitui. Uma das questões que mais nos chama atenção no entorno da Zona Portuária é a presença da arte urbana em suas ruas e na formação de circuitos – artísticos e de memórias. A presente proposta pretende abordar a constituição da relação entre o Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana (na região da Zona Portuária, no Rio de Janeiro) e a maneira como a arte urbana foi encontrando espaços de diálogos e visibilidades na

Pedra do Sal, um dos pontos do circuito. Percebemos como a requalificação urbana, deslocamentos e remoções mapeiam, trazem uma cidade em constante transformação e paisagens urbanas que são modificadas, fotografadas, filmadas e refletidas a partir de perspectivas interseccionais, trazendo as perspectivas de raça, gênero e classe. Explorando em termos teóricos a discussão sobre visibilidade e memória, na perspectiva das políticas de imagens, pretendemos, a partir das fotos que refletem sobre a arte de rua, pôr em discussão não apenas as lutas por visibilidade, mas também a nossa própria participação nesses processos.

Palavras-chave: Arte Urbana; Visibilidade; Memória; Herança Africana.

Referências

- Abreu, M. (1997). *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLAN-RIO.
- Campos, R. (2016). Visibilidades e invisibilidades urbanas. *Revista de Ciências Sociais – Fortaleza*. Dossiê: Arte, Cidade e Narrativas Visuais, v. 47, n. 1, pp. 49-76.
- Campos, R. (2012). A pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea. *Revista Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia*. Porto Alegre, v. 19, n. 2, pp. 543-566.
- Guimarães, R. (2014). *A utopia da pequena África: Projetos urbanísticos, patrimônio e conflitos na zona portuária carioca*. Rio de Janeiro: FGV Editora & FAPERJ.
- Guimarães, R. (2009). Representações, apresentações e presentificações do Morro da Conceição: uma reflexão sobre cinema, patrimônio, e projetos urbanísticos. In.: Gonçalves, M. & Head, S. *Devires Imagéticos: A etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: 7 Letras & FAPERJ.
- Magnani, J. (2014). *O circuito: proposta de delimitação da categoria*. São Paulo: Ponto Urbe.
- Perec, G. (2016). *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. São Paulo: GG.

Rocha, A. e Eckert, C. (2005). O antropólogo na figura do narrador. In: O tempo e a cidade. Porto Alegre: UFRGS Editora.

Rolnik, R. (1989). Territórios negros nas cidades brasileiras: Etnicidade em São Paulo e no Rio de Janeiro. In: Rio de Janeiro: Revista Estudos Afro-Asiáticos, número 17.

Silva, E. (2018). Sobre mulheres e muros: O protagonismo negro feminino no grafite. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ENVOLVER OS CIDADÃOS ATRAVÉS DE HISTÓRIAS. UM VÍDEO-documentário sobre uma comunidade (e o seu baldio) na Serra do Marão

ENGAGING CITIZENS THROUGH STORYTELLING. A VIDEO-documentary about a community (and its baldio) at Marão Mountains

Marta Nieto ROMERO, Universidade de Aveiro, Sustainable Place Shaping - Rede Marie Curie Innovative Training Networks, Portugal.

Gabriela BENEDETI, Universidade de Aveiro, Sustainable Place Shaping - Rede Marie Curie Innovative Training Networks, Portugal.

Abstract: This session will present the project “Marão Minha Serra” as well as the resulting video-documentary titled “Cá no Marão mandam os que cá estão” (see website and facebook page). This 45’ video-documentary was developed as an art intervention to make visible the affective relations between a community and nature as a way to promote sustainability in rural areas. Specifically, the video engaged 21 residents telling stories about their place, the Marão Mountains- i.e. how they used local resources in the past, how did it change, and what is their favorite place. The context of the project is the baldio of Ansiães parish which is located at the foothills of Marão Mountains (Amarante municipality). In Portugal, baldio is the name given to those lands under a communal property regime (Law 158/2017.). They were expropriated during the Salazar regime, but got legalized right after democracy. Today 10% of Portuguese territory are baldios, they belong to people living at particular parishes. Although this type of property dates from Middle Ages, today the links between communities and baldios are eroded. Many baldios are abandoned, managed by the local parish governments or by the forest services of the state (Baptista 2010). The video-documentary sought to promote linkages between Ansiães community and its baldio as a way to nurture relations of care and reciprocity within the community and towards

nature. Our work is based on the assumption that communities based on care and reciprocity relations must be re-build if we want to promote any culture that regenerates the rural and fight against eucalyptus expansion. During last decades Portuguese native forests and agricultural land for family use, have been replaced by industrial cash crops eucalyptus plantations (Baptista 2010; Serra, R., Barca, S. and Meira 2015). Nowadays, Eucalyptus plantations are the most spread forest species in Portugal, covering 26% of total forested area (IFN6 2010), cultivated to sell its wood to paper pulp industries (Veiras and Soto 2011). This paradigm of nature exploitation curtains an understanding of nature as a storehouse of resources to be sold. Instead the project Marão Minha Serra wanted to promote an understanding of nature as the commons that contain all the resources supporting life in the planet, as well holding the memories, culture and meaning of communities (Lydon 2003; Fournier 2013; Bollier 2016; Singh 2018).

Keywords: Stories; Place; Affective; Nature; Forests.

References

- Baptista, F.O. (2010). *O espaço rural. Declínio da agricultura*. Lisboa: Celta Editora.
- Bollier, D. (2016). *Commoning as a transformative social paradigm*. Londres: The Next System Project.
- Fournier, V. (2013). *Commoning: on the social organisation of the commons*. *M@n@gement* 4, pp. 433–453.
- IFN3 (2015). *3er Inventario Forestal Nacional*.
- IFN6 (2010). *6º Inventário Florestal Nacional*.
- Lydon, M. (2003). *Community mapping the recovery (and discovery) of our common ground* [1] Maeve Lydon. 57, pp.1–32.
- Serra, R.; Barca, S. & Meira, T. (2015). *Eucalyptus monoculture and common lands, Portugal*. In: *Environ. Justice Atlas*.
- Singh, N.M. (2018). *Becoming a Commoner: The Commons as Sites for Affective Socio-Nature Encounters and Co-Becomings*. *Ephemer theory Polit*

Organ, 17, pp. 751–776.

Veiras, X. & Soto, M.A. (2011). La conflictividad de las plantaciones de eucalipto en España (y Portugal), 96.

D'ARTE TRÊS VOLTAS AO SOL

D'ARTE THREE ROUNDS TO THE SUN

Andreia RUELA, D'Arte, Florinhas do Vouga, Portugal.

Eunice ALMEIDA, D'Arte, Escola Artística do Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian, Portugal.

Resumo: “Será possível poder transformar e (re)encontrar novas direções, interpretações e relações a partir da natureza e dinâmica deste movimento de Arte e Comunidade? A relação do público com a arte? A relação da arte com público? A relação entre os artistas e a arte, entre os artistas e o público? A relação entre as artes? A relação entre áreas, serviços, associações, instituições, grupos formais e informais, pessoas? A relação com a formação artística especializada e a formação de públicos? A relação com o coletivo e entre coletivos? A relação com o território e o espaço público? A relação entre a arte e a comunidade e o encontro?” (perguntas nascidas no espaço e no tempo do D'ARTE, para descobrir, sob “a escuta sensível” a partir de uma abordagem transversal e reflexiva inspirada em René Barbier). O D'ARTE é um projeto artístico desenvolvido na/para/com/pela comunidade. Tem como objetivos: 1. Promover o desenvolvimento pessoal e social através de práticas artísticas comunitárias visando aumentar a coesão social, a resiliência em comunidade e o bem-estar; 2. Valorizar a humanidade, estimular e reconhecer o Ser Humano enquanto artista gerador de processos criativos, coletivos e individuais; 3. Investir na intervenção artística, valorização estética e ética para o reconhecimento de espaços públicos e/ou privados de forma a fomentar a participação da comunidade no projeto, promovendo o empoderamento social e a rentabilização dos recursos existentes; 4. Estabelecer novas redes sociais e parcerias que se reconheçam enquanto ativos cocriadores de meios de implicação e transformação (individual/coletiva/ institucional/social) para impulsionar o desenvolvimento de práticas artísticas comunitárias integradas. A partir de uma infografia, desenhamos a linha de espaço e tempo deste projeto, na qual se representa cada opus e

outros momentos de destaque que revelam a pluralidade e a singularidade deste coletivo artístico e comunitário. Constitui uma fotografia dinâmica do momento que atravessamos e do caminho que caminhamos (de braço dado com tantos) que pode inspirar outros passos, braços e projeções para ter a oportunidade de sensibilizar outros corações com vontade de continuar a fazer caminho.

Palavras-chave: Coletivo(s); Artes; Encontro de Relações; Opus Humana.

“O CARNAVAL É UMA OBRA COLETIVA, UM DESEMPENHO POLÍTICO”. Explorando formas ativistas de expressão política através de uma etnografia multisensorial baseada em eventos nas cidades mediterrâneas europeias

‘CARNIVAL IS A COLLECTIVE OEUVRE, A POLITICAL PERFORMANCE’. Exploring activist forms of political expression through a multisensorial event-based ethnography in European Mediterranean cities

Monika SALZBRUNN, University of Lausanne, ERC ARTIVISM Project, Suíça

Raphaela von WEICHES, University of Lausanne, ERC ARTIVISM Project, Suíça

Federica MORETTI, University of Lausanne, ERC ARTIVISM Project, Suíça

Sara WIEDERKEHR, University of Lausanne, ERC ARTIVISM Project, Suíça

Abstract: In recent years, political actions combined with art, form new alliances, becoming more present as a form of social critique. Activism turns out to be an important form of expression in times of crisis and / or under oppressive conditions. In this context, the creative occupation of the public space in the forms of carnivals, pseudo-religious parades and fashion shows are used to stage and express political messages and opinions. At the same time, activists use carnivalesque elements in political demonstrations as a form of satire, détournement, and inversion of power and roles. Adopting a performative theoretical approach inspired by Austin (1975), Butler (1997, 2015), Butler and Athanasiou (2013); Rancière (2000), Salzbrunn (in press), Schechner (1990, 2015) and Fischer-Lichte (2012), we analyze how critiques to neo-liberal forms of city management are enacted in carnivals and carnivalesque events in specific European urban contexts. In particular, we focus on the multi-sensorial elements constituting such events, analyzing the role

of e.g. sounds, bodily co-presence, and costumes in constituting alternative realities where the participants find powerful spaces to freely express themselves by embracing festive modalities of action. This paper presents findings from the ERC ARTIVISM fieldworks in Genova, Florence, Marseille and Nice based on intensive ethnographic research with multisensorial, graphic and audio-visual methods. It analyses various forms of carnivalesque expressions in different urban contexts and dissects the differences and distinctive common elements that characterise these super-diverse cities, e.g. the deliberate degradation of the city's centers, radical forms of gentrification, rapid process of commodification and touristification, and the spectacularisation of popular festive events. These are opposed through artistic actions. In Genova, carnivalesque political activists staged pseudo-religious processions on St. John's Day in protest against urban speculation. Furthermore, fashion shows became artistic tools to reverse the prostitution and drug-dealing's stigma of the district where they take place. In Florence, activists and artists from different squatted houses and social-cultural centers set up a first anti-touristic carnival in February 2019 and waged urban-guerrilla art actions against the vending of public space. In Marseille, the independent carnival of a central and poor neighborhood represents, in the papier-mâché-based figure of the Caramantran, the political and economic actors accused of gentrifying and touristifying the center of the city. In Nice, where the official carnival has turned into a commercial and artistic spectacle, the independent carnival disappeared after repression by the police in 2013. Nevertheless, independent carnivalesque and artistic events pop up throughout the year, showing the need to recover social spaces within an over-controlled and terror-secured city. The analysis of these carnivalesque art forms and events reveals broader socio-political dynamics. Adopting an urban event approach (Salzbrunn 2017), thus using carnivalesque events as entry points to the field, (to analyze how social actors engage artistically in order to gain spaces of visibility and participation in the public sphere), the paper discusses the dynamics of activism in different urban contexts that are enabling and responding to social, political and economic changes.

Keywords: Activism; Carnival; Performance; Gentrification.

References

- Austin, J. L. (1975). *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press
- Butler, J. (1997). Gender is burning: Questions of appropriation and subversion. *Cultural Politics*, 11, pp. 381-395.
- Butler, J. (2015). *Notes toward a performative theory of assembly*. Cambridge: Harvard University Press.
- Butler, J. & Athanasiou, A. (2013). *Dispossession: The performative of the political*. Cambridge: Polity Press.
- Fischer-Lichte, E. (2012). *Performativität: Eine einföhrung*. Bielefeld: transcript Verlag.
- Rancière, J. (2000). *Le partage du sensible*. Paris: La Fabrique.
- Salzbrunn, M. (2017). Musique, religion, appartenances multiples: une approche de l'événement. *Sociétés Plurielles: Les sciences humaines et sociales à l'épreuve de l'événement*, 1, pp. 1-26.
- Salzbrunn, M. in press: Artivisme, in: *Anthropen. Le dictionnaire francophone d'anthropologie ancré dans le contemporain*.
- Schechner, R. & Appel, W. (1990). *By means of performance: intercultural studies of theatre and ritual*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schechner, R. (2015). *Performed Imaginaries*. New York: Routledge.

O BRASIL NA PÓS-ELEIÇÃO 2018: É hora de resistir!

BRAZIL IN THE POST-ELECTION 2018: It's time to resist!

Elaine SANTOS, Universidade de Coimbra, Portugal.

Sérgio BARBOSA, Universidade de Coimbra, Portugal.

Resumo: Desde 2014, o Brasil atravessa uma crise no sistema político que afeta o funcionamento das Instituições formais e consequentemente a noção formal de representatividade por via legal. Neste contexto, Presidenta Dilma Rousseff foi destituída e um novo representante ilegítimo emplacou conflitos institucionais estruturantes, que ruíram a já frágil democracia brasileira. Em 2018, este processo foi agravado com a vitória do candidato da extrema-direita Jair Bolsonaro. A saída para este imbróglio talvez seja oferecer um coquetel de ferramentas participativas que ampliem a possibilidade de alcançar uma cidadania realmente forte e autonomia na forma de pensar da população brasileira. Este artigo, pretende analisar como as novas formas de resistência se apropriam da arte como forma de manifestação. Em busca de uma maior participação fora dos canais institucionais, movimentos de resistências e das ações coletivas constroem as suas pautas e projetos por meio da arte, da criatividade e de formas inovadoras de participação e formação política. Este artigo irá discutir algumas iniciativas como o Observatório de Favelas e a página virtual @afrosegueafro que, diante do atual contexto institucional, económico e social do Brasil estão a construir uma nova agenda de resistências.

Palavras-chave: Brasil; Golpe de 2016; Eleições 2018; Resistência; Criatividade; Arte.

Referências

- Barbosa, S. (2016). É possível a internet alavancar novos canais de participação política? *Revista Controversias y Concurrencias Latinoamericanas*, v. 8, n. 13, junio, pp. 44-58.
- Bastone, P.; Weber, I. & Barbosa, S. (2018). Resistências ao golpe: o povo diz 2016 nunca mais. *Astrolabio Revista internacional de Filosofia*, n. 22, pp. 151-166.
- Daskalaki, M. & Kokkinidis, G. (2017). Organizing Solidarity Initiatives. A Socio-spatial Conceptualization of Resistance. *Organization Studies*, 38 (9), pp. 1303–1325.
- della Porta, D. & Mattoni, A. (2015). Social Networking Sites in Pro-democracy and Antiausterity Protests. Some Thoughts from a Social Movement Perspective. In D. Trottie & C. Fuchs (eds.), *Social Media, Politics and the State. Protests, Revolutions, Riots, Crime and Policing in the Age of Facebook, Twitter and YouTube*, pp. 39–62. Nova Iorque: Routledge.
- Davis, M. (2016). *Planeta Favela*. Editora Boitempo.
- Santos, S. Boaventura (1998). *Reinventar a democracia*. Lisboa: Gradiva.
- Santos, S. Boaventura (2002). *Democracia e Participação: O caso do orçamento participativo de Porto Alegre*. Porto: Afrontamento.
- Santos, S. Boaventura (2018). *Na oficina do sociólogo artesão. Aulas 2011-2016*. São Paulo: Editora Cortez.

INVESTIGAR AS “ARTES DE COMBATE”: um convite à reflexividade metodológica, epistemológica e ética nas ciências sociais

INVESTIGATING ‘COMBAT ARTS’: an invitation to methodological, epistemological and ethical reflexivity in the social sciences

Alix Didier SARROUY, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Portugal.

Resumo: Proponho uma comunicação na qual se questione de forma reflexiva a investigação feita em ciências sociais aos “mundos das artes de combate” (Becker, 2008). Mostrarei problemas metodológicos, epistemológicos e éticos que surgem ao fazer investigação sobre artistas que criam “novas gramáticas” de ação política, tecnológica, ambiental, espiritual, pelos direitos humanos, igualdade de género, entre outros. Deste enunciado, surgem duas grandes temáticas que tentarei aprofundar: 1. As ligações entre novas gramáticas artísticas contestatárias e a academia representada, neste caso, pelas ciências sociais. Ou seja, interpelar sobre as possíveis relações de força, de osmose e de legitimação do “discurso” entre artistas e academia. As ciências sociais analisam de fora as “artes de combate”, ou atuam no seu interior? 2. A questão dos “objetivos” na relação entre a arte, a ideologia política, e os seus efeitos implícitos/explicitos. São definidos a priori ou ultrapassam o artista? Qual a eventual transformação, surpresa temporal e até perda de controlo nos seus efeitos? Cada uma destas duas temáticas terá subpartes, demonstrando a complexidade do “ativismo” na sua criação e nos seus efeitos (Shusterman, 1991). Basearei a minha intervenção em exemplos retirados da história das artes do século XIX até aos nossos dias, com casos vindos da música, da dança, das artes plásticas e das artes digitais. Em paralelo, as ciências sociais e as suas correntes serão analisadas criticamente, nomeadamente quanto à questão da “neutralidade axiológica” weberiana em contextos de investigação sobre o “ativismo”. Inspirando-me do título

lo “O que a arte faz à sociologia” do livro escrito por Nathalie Heinich (1998), pretendo servir-me da riqueza do campo de investigação que é o “ativismo” para pensar problemáticas que têm recentemente destabilizado as ciências sociais, em particular a sociologia (Lahire, 2016; Schnapper, 2017; Bronner, 2017; Corcuff, 2018). Será, portanto, uma comunicação com mais perguntas do que respostas, mas parece-me que os pontos de interrogação poderão provocar debate e contribuir ao contínuo esforço reflexivo dos cientistas sociais e dos artistas.

Palavras-chave: Artes de Combate.

UM ESTUDO DA CORPOREIDADE COM EDUCADORES: uma experiência com o Teatro do Oprimido

A STUDY OF CORPOREITY WITH EDUCATORS: an experience with the Theater of the Oppressed

Roberta SCATOLINI, Universidade de Coimbra, Portugal.

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi compreender como se desenvolveu a percepção da corporeidade com quinze educadores de um Centro de Educação Infantil (CEI), um Centro da Criança e do Adolescente (CCA) e duas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF). Realizou-se um estudo qualitativo, de cunho interventivo, inserido num projeto de pesquisa mais amplo – Projeto Articulação e Diálogo – que visa acompanhar o processo construtivo de propostas articuladas entre diferentes contextos educativos em uma comunidade da periferia da cidade de São Paulo. A pesquisa constituiu-se na realização de uma Oficina de Teatro do Oprimido, desenvolvida em sete momentos, de três horas cada um, totalizando vinte e uma horas, além de dois Encontros Reflexivos coletivos, que foram gravados, transcritos, lidos e reescritos, dando origem a textos-síntese de cada um dos nove momentos. Em seguida, as unidades de significado encontradas foram agrupadas em “constelações” e analisadas à luz do referencial de Paulo Freire e Augusto Boal. A análise revelou que a Oficina de Teatro do Oprimido permitiu aos participantes perceberem a mecanização dos seus corpos, decorrente de uma prática profissional burocratizada, que prioriza a racionalidade e limita a capacidade criativa e autêntica de se personificarem no mundo. E a partir disso, despertaram para o fato de que a mecanização dos seus sentidos impede os educandos de viverem suas corporeidades em plenitude. Também compreenderam a corporeidade enquanto construção cultural, que requer o exercício pedagógico da problematização, de maneira a contribuir para a rutura de opressões imobilizadoras, que impedem os sujeitos de “serem mais”. Desse modo, a experiência com a corporeidade

ensejou novos olhares para as práticas pedagógicas dos educadores, que constataram a força expressiva e criativa do corpo, como agente da ação transformadora.

Palavras-chave: Corporeidade; Educação Libertadora; Teatro do Oprimido; Paulo Freire.

Referências:

Assmann, H. (1998). Reencantar a educação: rumos à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes.

Basbaum, L. (1981). Alienação e humanismo. São Paulo: Global.

Berti, A. (2009). A Corporeidade no espaço-tempo escolar: Uma possibilidade na construção rizomática do conhecimento. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba.

Bicudo, M. (2005). Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta. Revista Pesquisa Qualitativa. Rio Claro, ano 1, n.1, pp. 7-26.

Boal, A. (2009). A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond.

Boal, A. (2008). Entrevista. Revista Fórum: outro mundo em debate, Ed. 59, ano 7, fevereiro. São Paulo: Publisher.

Boal, A. (1998). Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Boal, A. (1996). O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Boal, A. (1975). Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Daolio, J. (1995). Da cultura do corpo. Campinas: Papyrus.

Campos, C. (1988). Zumbi, Tiradentes (e outras histórias contadas pelo Teatro de Arena de São Paulo). São Paulo: Perspectiva.

Carmo, P. S. (2006a). A educação na cidade. São Paulo: Cortez.

Carmo, P. S. (2006b). Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro:

Paz e Terra.

Carmo, P. S. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Carmo, P. S. (1993). *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Ed. Olho D'Água.

Carmo, P. S. (1989). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados.

Carmo, P. S. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz Terra.

Carmo, P. S. (1981). *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Carmo, P. S. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes.

Gadotti, M & Guimarães, S. (1995). *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez.

Shor, I. (1986). *Medo e ousadia – O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gadotti, M (2004). *Pedagogia da Práxis*. São Paulo: Cortez.

Gonçalves, M. (1994). *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas, SP: Papirus.

Gasonato, M. R. de (2007). *O sentido das expectativas das famílias em relação à escola para formação de seus filhos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

Pedroso, R. T. (2006). *Teatro do oprimido: Em busca de uma prática dialógica*. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ramos, S. S. (2010). *Corpo e mente*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Rodrigues, H. B. C. & Souza, V. L. B. (1987). *A análise institucional e a profissionalização do psicólogo*. In: Kamkhagi, V.R. & Saidon, O. (Orgs.). *Análise*

Institucional no Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, pp. 27- 47.

Szymanski, H. (2004). Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. Revista de Estudos de Psicologia, PUC Campinas, v. 21, n. 2, pp. 5-16, maio/agosto.

Szymanski, H.; Almeida, L. R. & Prandini, R. C. A. R. (2008). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber livro.

ARTIVISMO NO CONTEXTO DA ECONOMIA DA EXPERIÊNCIA: turistificação da arte protesto de rua na Europa

ARTIVISM IN THE CONTEXT OF EXPERIENCE ECONOMY: touristification of protest street art in Europe

Matea SENKIC, University of Edinburgh, Escócia, Reino Unido.

Abstract: This presentation aims to critically examine experience economy's role in broader transformations related to commodification and touristification of activism practices. Taking into the account the context of experience economy and, so called, creative economy which is mainly based on the consumption of the artistic lifestyles and experiences, it is evident that different activism practices are now almost encouraged, in part by companies but also by tourism boards. Rebelliousness and critique of mass society are driving consumerism which is particularly visible in commodification and touristification of activism practices. Also, the rapid raise of social media and digital technologies raised the competition for visibility and encouraged the aesthetization of political action. The best example of activism commercialization is street art which began as an underground practice and has now become a major part of commercial popular culture. Today, street art has been involved in the main tourist offer of many destinations and protest street art is gaining considerable attention in the form of, so called, anti-tours or alternative tours. And while, on the one hand, the rise of the anti-tour indicates critical reaction to mass tourism and increased social, political, and environmental awareness among people, on the other hand, it simply indicates another new type of packaged mass tourism that offers 'authentic experiences'. Thus, my research seeks to understand the following questions: How current political situation and challenges facing today's Europe are internalized by art activists living in a particular sociocultural context?; How protest street art when is touristified communicates its

messages and how the meanings are produced, distributed and received by tourists?; What kind of effects these experiences have on neighbourhoods and local communities? I will be presenting my PhD research and objectives as a working project. This will explore my proposed mixed methods approach, dealing with the question how protest street art communicates socially relevant and often time strongly political topics to the public, especially when is touristified.

Keywords: Artivism; Tourism; Protest Street Art; Experience Economy.

References

- Banet-Weiser, S. (2011). Convergence on the Street. *Cultural Studies*, 25(4-5), pp. 641-658.
- Banet-Weiser, S. (2012). *Authentic™: The Politics of Ambivalence in a Brand Culture*. New York: NYU Press.
- Benjamin, W. (2012). *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction*. New York: Prism Key Press.
- Brown, L. (2013). Tourism: A catalyst for existential authenticity. *Annals of Tourism Research*, 40, pp. 176-190.
- Cohen, E. (2004). *Contemporary tourism: diversity and change*. Amsterdam; Boston: Elsevier.
- Cohen, S. & Cohen, E (2019). New Directions in the Sociology of Tourism. *Current Issues in Tourism*, 22 (2). pp. 153-172.
- Debord, G. (2005). *Society of the Spectacle*. London: Rebel Press.
- Dinhopl, A. & Gretzel, U. (2016). Selfie-taking as touristic looking. *Annals of Tourism Research*, 57, pp. 126-139.
- Florida, R. (2002). *The rise of the creative class—and how it is transforming leisure, community and everyday life*. New York: Basic Books.
- Florida, R. (2005). *Cities and the Creative Class*. New York: Routledge.
- Gans, Herbert J. (1999). *Popular culture and high culture: an analysis and*

evaluation of taste. New York: Basic Books.

Giddens, A. (1984). *The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration*. Berkeley: University of California Press.

Gleaton, Kristina M. (2012). *Power to the People: Street Art as an Agency for Change*. MA, Faculty of the Graduate School of the University of Minnesota.

Goffman, E. (1956). *The Presentation of Self in Everyday Life*. University of Edinburgh: Social Sciences Research Centre.

Goris, Y. & Hollander, S. (2017). *Activism, Artivism and Beyond*. [pdf] Amsterdam: The Broker Online, the Spindle and CIVICUS. Available at: https://www.partos.nl/fileadmin/files/Documents/Activism_Artivism_and_Beyond.pdf.

Gotham, K.F. (2005). Tourism gentrification: The case of New Orleans' Vieux Carre (French Quarter). *Urban Studies*, 42(7), pp. 1099-1121.

Groys, B. (2014). On Art Activism. *E-flux*, [online] June 2014, #56. Available at: <http://www.e-flux.com/journal/56/60343/on-art-activism/>.

Irvine, M. (2012). *The Work on the Street: Street Art and Visual Culture*. In: Sandywell, B. and Heywood, I. (ed.) (2012) *The Handbook of Visual Culture*. London and New York: Berg. pp. 235-278.

Kirillova, Ksenia; Xinran, Lehto & Liping Cai (2017). What triggers transformative tourism experiences? *Tourism Recreation Research*, pp. 1-14.

Lewisohn, C. (2008). *Street Art: The Graffiti Revolution*. New York: Abrams.

Ley, D. (2003). Artists, Aestheticisation and the Field of Gentrification. *Urban Studies*, 40(12), pp. 2527-2544.

MacCannell, D. (1976). *The tourist: A new theory of the leisure class*. New York: Schocken Books.

MacCannell, D. (2011). *The ethics of sightseeing*. Berkeley: University of California Press.

Macdonald, N. (2001). *Graffiti Subculture. Youth, Masculinity and Identity in London and New York*. New York: Palgrave Macmillan.

Mekdjian, S. (2017). Urban artivism and migrations. Disrupting spatial and political segregation of migrants in European cities. *Cities*, <https://doi.org/10.1016/j.cities.2017.05.008>

- Mukherjee, R. & Banet-Weiser, S. (2012). *Commodity Activism: Cultural Resistance in Neoliberal Times*. New York: NYU Press.
- Peck, J. (2005). Struggling with the creative class. *International Journal of Urban and Regional Research*, [online], 29(4), pp. 740-770. Available at: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1468-2427.2005.00620.x>
- Pine, B. Joseph II & Gilmore, J. (1998). *Welcome to the Experience Economy*. Harvard Business Review July-August: 97–105.
- Pine, B. Joseph II & Gilmore, J. (2007). *Authenticity: What Consumers Really Want*. USA: Harvard Business Review Press.
- Pine, B. Joseph II & Gilmore, J. (2013). The experience economy: past, present and future. In: Sundbo, Jon and Sørensen, Flemming, ed., *Handbook on the Experience Economy*. UK: Edward Elgar Publishing.
- Pratt, A. (2008). Creative cities: the cultural industries and the creative class, *Geografiska Annaler; Series B- Human Geography*, [online], 90(2), pp. 107-117. Available at: [http://eprints.lse.ac.uk/20704/1/Creative_cities_\(LSERO_pre-print\).pdf](http://eprints.lse.ac.uk/20704/1/Creative_cities_(LSERO_pre-print).pdf).
- Urry, J. (1990). *The tourist gaze: Leisure and travel in contemporary societies*. London: Sage.
- Urry, J. (1995). *Consuming Places*. London: Routledge.
- Wang, N. (1999). Rethinking authenticity in tourism experience. *Annals of Tourism Research*, 26(2), pp. 349-370.

DO SUBVERSIVO AO DOMESTICADO: artes urbanas e a sua relação com a cidade

DO SUBVERSIVO AO DOMESTICADO: AS ARTES URBANAS E A SUA RELAÇÃO COM A CIDADE

Ágata SEQUEIRA, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Portugal.

Resumo: Esta comunicação surge no âmbito de um projeto de investigação sobre a arte urbana, e a forma como os novos contextos que estruturam a sua prática, a par com todo um conjunto de novos atores que desenvolvem atividades em torno destas expressões artísticas e criativas, propõem um ponto de partida para uma reflexão sobre a forma como a arte urbana se tem vindo a consolidar enquanto mundo da arte. Com uma origem genealógica nas práticas do graffiti e da street art, de raiz ilegal, espontânea e subversiva, a arte urbana hoje em dia não só comporta ainda essas práticas de teor subcultural, como tem vindo a desenvolver-se em torno de diversas iniciativas, projetos e festivais, enquanto prática que não só é legalizada como se tem vindo a afirmar, por exemplo, como instrumento para construção de uma certa imagem de cidade contemporânea, jovem e criativa – sendo várias as entidades públicas que as promovem, como câmaras municipais e juntas de freguesia, mas também privadas – associações ou empresas, que com ela procuram promover um conjunto de práticas artísticas e o trabalho dos seus autores, ou também, e de forma crescente, consolidar uma atividade económica através dela. Pretende-se com esta comunicação analisar de que forma o que começou como sendo um conjunto de práticas ilegais, subversivas e de teor subcultural, se tem vindo a desenvolver num mundo da arte próprio. Nesse sentido, será abordado o conjunto de atores que dele faz parte – artistas, entidades públicas, elementos de associações, galeristas, colecionadores, entre outros – e que tem contribuído para esta diversificação da prática de arte urbana – e, conseqüentemente, dos múltiplos significados de que se reveste.

Palavras-chave: Arte Urbana; Graffiti; Street Art; Imagem de Cidade; Mundo da Arte.

ARTE, CORPO E POLÍTICA: modos de sobre-existir

ART, BODY AND POLITICS: ways of over-existing

Rafael SILVEIRA, Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Cénicas, Brasil.

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo refletir criticamente acerca das relações entre a produção artística (com recorte nas artes do corpo/dança) e o seu contexto sociopolítico e económico de ocorrência, no caso o estado da Bahia (Brasil), considerando as implicações mútuas e apontando para os movimentos performativos transformadores e emancipatórios que daí emergem. Considera-se a correlação estética e política numa perspectiva macrossocial e, com isso, a produção artística como um conjunto dinâmico de fazeres sobrepostos e indissociados que incluem produção, gestão, criação e configuração, comunicação e difusão. Produzir e difundir arte implica acesso aos meios de produção proporcionados pelos editais direta ou indiretamente, criando uma estrutura circunscrita aos mecanismos de fomento e financiamento, às suas possibilidades e normas – ainda que esta não seja condição para o desenvolvimento da criatividade propriamente dita. As possibilidades de expansão fora deste regime são limitadas. A ampliação e diversificação da produção artística decorrente do investimento em políticas públicas, por sua vez, dinamiza a circulação de capital financeiro e simbólico no campo, possibilitando avanços da economia e do mercado. O circuito hegemónico que se conforma nessas condições é uma ameaça ao dissenso. Porém, de forma transversal, identifica-se a emergência de um ‘curto-circuito’ de iniciativas que atravessam uma realidade dada aparentemente inflexível, desafiando estruturas rígidas que se acomodam no campo e são sustentadas pelo exercício do poder. Artistas criam através do exercício performativo modos de ‘sobre-existir’ em espaços de vazão à experimentação do sensível. Através da criação artística pelo/no/do corpo, apontam caminhos nos quais a construção compartilhada da cultura possibilita a emergência de movi-

mentos provocativos e emancipatórios, relevantes para além do universo de significação das artes, estendendo-se por toda a sociedade. A partir da análise deste contexto, foram identificadas iniciativas que não estão inseridas no circuito hegemónico de criação e difusão. Através da escolha de dois casos ilustrativos, projétil Billy the Kid e Plataforma ACASAS, um enquanto experiência de criação coletiva em dança/performance e outro como plataforma de difusão artística em espaços alternativos, respetivamente, ambos sem apoio institucional formal, o estudo reflete acerca de outras possibilidades de existência através do exercício performativo e crítico. Esses casos apontam-nos, mesmo diante de condições de restrição, sufocamento e precariedade, um movimento criador que mobiliza (corpos)sujeitos, expandindo possibilidades e fazendo emergir a potência da arte/dança enquanto exercício de ativismo em nome da cidadania. As reflexões propostas por este estudo resultam do levantamento e interpretação de dados que compreendem os contemplados nos editais de dança e as programações dos festivais locais e nacionais entre os anos 2007 e 2016, no estado da Bahia. Atrelado a isso, reflexões teóricas e críticas através de referências bibliográficas, audiovisuais, orais, virtuais. Com esta metodologia de carácter multidisciplinar e processual, passa a considerar, também, experiências empíricas do pesquisador (artista criador, pesquisador, comunicólogo e produtor cultural), bem como o diálogo com os agentes em atuação no campo de modo a implicar e agregar os sujeitos e os seus diferentes discursos.

Palavras-chave: Corpo e Política; Dança; Produção em Dança no Brasil.

Referências

- Agamben, G. (2009). O que é o contemporâneo. Santa Catarina: Argos, Universidade do Oeste de Santa Catarina.
- Bhabha, H. K. (1998). O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Bourdieu, P. (1989). O poder simbólico. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Britto, F. (2015). Subjetividade, corpo, arte: articulações críticas. In: Jacques, P. B., Britto, F. D., Drummond, W. Experiências metodológicas de apreensão da cidade contemporânea V.4. Salvador: EDUFBA.

- Canclini, N. (2010). Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Cauquelin, A. (2005). Arte contemporânea: Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes.
- Coelho, T. (2008). A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural.
- Grefe, X. (2013). Arte e mercado. São Paulo: Itaú Cultural.
- Pelbart, P.P. (2007). Biopolítica. Revista Sala Preta PPGAC, v. 07. São Paulo.
- Rancière, J. (2005). Partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO experimental org.
- Rancière, J. (2012). O espectador emancipado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Setenta, J. (2008). O fazer-dizer do corpo: Dança e Performatividade. Salvador: EDUFBA.
- Smiers, J. (2006). Artes sob pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização. São Paulo: Escrituras Editora: Instituto Pensarte.
- Sennet, R. (2013). O artífice. Rio de Janeiro: Record.
- Yúdice, G. (2004). A conveniência da Cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG.

ATIVISMO HOLÍSTICO: Boom Festival, psicadelismo e ativismo

HOLISTIC ACTIVISM: Boom Festival, psychadelism and activism

Emília SIMÃO, Escola Superior Gallaecia, Universidade Católica Portuguesa, Portugal.

Resumo: Através dos tempos e das mais variadas épocas, diversos artistas, movimentos, ambientes e manifestações usaram a criatividade e a produção estética, como ferramentas de reconfiguração de sistemas políticos e mudanças sociais. Paralelamente, a arte pelo ativismo ou o ativismo pela arte foi emergindo por entre revoluções sociais, processos artísticos, vanguardas políticas e culturais. Citando Marx, a arte acaba por ser espólio e voz das classes dominantes, sempre que a representação estética assume responsabilidades críticas, podendo-se por isso afirmar que a arte de hoje se assume um espaço de luta. As suas múltiplas ferramentas desdobram-se em vários combates, hasteados pelas mais variadas causas, independentemente dos espaços onde se produz/consume ou se intervém/interage. Das galerias ao espaço público, do mural urbano à Land Art, dos mais eruditos aos alternativos, o ativismo opera e insurge-se por vias improváveis. Remetendo a temática para o campo da produção artística musical, os concertos e os dance-floors reivindicam posições de destaque no que respeita ao envolvimento e participação ativa dos públicos, na evocação das obras e interiorização dos seus conceitos, conforme acontece em alguns festivais e gatherings. Desde as primeiras edições de festivais como o Woodstock (1960), Burning Man (1986) e Boom Festival (1997) – entre outros – que se percebe que este tipo de manifestações são terrenos férteis na marcação de momentos de viragem, onde a arte, nas suas mais variadas formas de expressão e participação, assume papéis fundamentais. O Burning Man e o Boom Festival continuam a realizar-se nos Estados Unidos (Nevada) e na Europa

(Portugal), respetivamente 30 e 20 anos depois. Ainda que tenham identidades e princípios bem demarcados e distintos, não deixam de ter em comum muitos outros, nomeadamente, expressões e práticas de contracultura, liminaridade, anti-sistema, alternativa, imersão, igualdade, consciência, união e ativismo são constantemente invocadas nestes lugares, através das suas dinâmicas e pelas pessoas que os integram. De forma mais explícita e prosaica em alguns casos, ou mais discreta e restrita noutros, o Boom Festival é uma referência do ativismo holístico assente em manifestações culturais, estéticas e artísticas: da simplicidade do assistir, ao envolvimento do participar, à complexidade do experienciar, existe toda uma dinâmica física, emocional e espiritual. Numa abordagem mais simplista das suas primeiras edições, o Boom começou por ser um ritual de música e dança de estéticas psicadélicas e tribais, mas ainda que a lógica tribal e o psicadelismo continuem a ser características resistentes, é através desse ativismo holístico que o evento e os seus seguidores se têm destacado. Alguns festivais transformacionais, designação em que se enquadra o Boom Festival são palcos ativos das artes plásticas, digitais e performativas – música, performance, pintura, escultura, instalação, land art e projeções multimédia – sendo usual a existência de conferências, workshops e apresentações sobre temáticas muito específicas. Os 12 princípios do Boom – cultura alternativa, participação ativa, criatividade, evolução, humanismo, independência, amor, união, paz, consciência social, sustentabilidade e transcendência – são a base que sustenta a maioria das dinâmicas ativas e mais explícitas do festival, especialmente no Liminal Village, a área de conferências. Transversalmente, pratica-se e cultiva-se o Holistic Activism como base da vida e da liberdade através de diversas formas de ativismo: espiritual, interior, ecológico, político, social, tecnológico, e por fim do artivismo, abordado na última edição do festival com a seguinte contextualização: *How art and creativity can serve activist campaigns, how music can be a weapon of peace?*

Palavras-chave: Ativismo Holístico; Boom Festival; Psicadelismo; Artivismo.

RESISTÊNCIA URBANA ATUAL E FORMAS ARTÍSTICAS E NÃO ARTÍSTICAS DE COMUNICAÇÃO

URBAN RESISTANCE NOWADAYS AND ARTISTIC AND NON-ARTISTIC FORMS OF COMMUNICATION

Giuseppa SPENILLO, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil,
Universidade do Porto, Portugal

Abstract: Contemporary cities claim us to reinterpret the conventional senses of political resistance as a social struggle, as well as to a more comprehensive view about their renewed methods of action in urban spaces – what has been called urban resistance. Among these methods, we highlight the forms of communication (artistic and non-artistic) that are seen in the current urban scenarios. The diversified forms of communicating the resistance to the city, in the city and through the city tell us perhaps more than they declare in sentences and flags of struggles. They place and replace social subjects as citizens, people, individuals, included and excluded in the urban systems, which can be understood as closed systems themselves [Lefebvre, 2012]. From Black-Bloc, in its German and North-American version of the 1980's [Dupuis-Déri, 2010], to yellow vests, which emerged in Paris in 2018, urban resistance has been formed in fluid networks and of un-narrower ties [Spennillo, 2015]. These networks present methods of assault on public spaces, with which they seek new occupations of physical and political spaces, as well as the occupation of minds and senses in cities. What do the current urban resistance strategies communicate? Why do they intend to communicate in and with the city? What senses of urban and city that maybe being resignified by the triggering of a practical and communicative rationality? Why does the manifestation of dissatisfaction and revolt acquire artistic and performative tones and connotations?

Key-words: Urban Resistance; Communication; City Interventions; New Senses.



T-Z

O POLÍTICO COMO UM CRITÉRIO ARTÍSTICO.

O caso do pop-rock na Transição espanhola

LO POLÍTICO COMO CRITERIO ARTÍSTICO. El

caso del pop-rock en la Transición española

THE POLITICIAN AS AN ARTISTIC CRITERION.

The case of pop-rock in the Spanish Transition

Fernán del VAL, Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, Portugal.

Resumo: Durante la Transición política en España el campo de las músicas populares se transforma de forma drástica. A partir del análisis de diversas revistas de música, y de entrevistas personales con críticos de rock, esta ponencia analizará cómo lo político fue un criterio para legitimar, o deslegitimar, determinados géneros y escenas musicales en España durante la Transición política, en función de cómo el clima político se iba desarrollando. Desde un punto de vista teórico, esta ponencia se sustenta en algunos postulados de la sociología del arte, los trabajos de Motti Regev sobre la prensa musical no anglófona y los estudios de Shyon Baumann sobre los procesos de legitimación de movimientos sociales y movimientos artísticos.

Palavras-chave: Transición Española; Crítica Musical; Rock Español; Sociología de la Música.

Referências

Baumann, S. (2007). A general theory of artistic legitimation: How art worlds are like social movements. *Poetics*, 35, pp. 47–65.

Becker, H. (1982). *Art worlds*. Berkeley, CA: University of California Press.

Bourdieu, P. (1995) *The rules of art: genesis and structure of the literary field*.

Stanford, CA: Stanford University Press.

Morán, M. & Benedicto, J. (1995). *La cultura política de los españoles. Un ensayo de reinterpretación*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.

Regev, M. (2007). Ethno-national pop-rock music: Aesthetic cosmopolitanism made from within. *Cultural Sociology*, 1(3), pp. 317–341.

Val, F. (2017). 'Sing as you talk': Politics, popular music and rock criticism in Spain (1975–1986), *Journalism*. Online first.

Val, F; Noya, J and Pérez-Colman, M. (2014). Autonomy, submission or sound hybridization? The construction of the aesthetic canon of the Spanish pop-rock. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 145, pp. 147 –180.

!REGRA GERAL

!GENERAL RULE

Maria VILALOBOS, Escola Superior de Música e Artes de Espetáculo, Portugal.

Resumo: !REGRA GERAL é projeto final de Mestrado em Artes Cénicas. Com este projeto procura trazer a sexualidade para o quotidiano e, através do teatro, pensá-la e tratá-la de forma a questionar alguns conceitos que lhe são associados e consequentemente representados nas artes performativas. Como explorar a perspetiva de uma “regra geral” de que se revestem as práticas sexuais através de uma prática performativa? Na sua opinião, enquanto mulher e atriz, particularmente atenta à dimensão sexual do ser humano, numa sociedade onde ter contacto físico com o outro se torna gradualmente de tão fácil acesso e cada vez menos restrições, a comunicação e a exposição do tema ainda é considerada parte da intimidade de cada um. Dentro do discurso tradicional sobre a sexualidade existem práticas aceitáveis por uma maioria e outras consideradas erradas ou inapropriadas, o que leva à criação de regras abstratas que nos conduzem a tentar inserir-nos numa zona aceite socialmente. Esta ideia do que é adequado ou não criam uma conceção coletiva de vivência e de experiência da sexualidade que se reproduz nas propostas artísticas em geral e nas performativas em particular. Essa forma como tratamos a sexualidade no quotidiano e como a representamos nas práticas artísticas performativas, baseada em trocas de impressões espontâneas e nos resultados de questionários e entrevistas, criam conceções em torno da mesma que pretende questionar, por exemplo: Porque é que uma forte maioria dos adolescentes, e muitos adultos, aprende o que é o sexo e como se faz através de pornografia? Porque é que muitas das vezes as relações sexuais heterossexuais terminam quando o homem se vem? Porque é que o orgasmo se tornou um troféu ou uma pressão? Porque é que o tamanho, a duração, rigidez e a recuperação de uma ereção são fatores que têm uma média específica aceitável? Porque é que nas poucas aulas de educação sexual existentes ninguém nos ensina como conhecer os nos-

sos pontos de prazer? Porque é que só uma pequena minoria das mulheres tem orgasmos vaginais e, no entanto, este é maioritariamente representado através da penetração? Porque é que num mundo em que é comum atuar nu nas mais diversas posições e cenários, em que os media estimulam a ideia da objetificação do corpo e banalidade da sexualidade, se acha que falar da vida sexual é demasiado íntimo? O que é que significa “demasiado íntimo”? Enquanto mulher, bissexual e ao identificar-se com ambos os géneros, sublinha inevitavelmente questões sobre o sexo feminino e a sua manifestação na sexualidade, sobre género, questiona a própria definição de intimidade na vida, mas também na relação de ator/espectador num formato de exposição do performer inserido numa montra de onde pode observar e ser observado e foca-se sobre o orgasmo e no tanto que tem de origem de libertação como de elemento de pressão social. Em suma: Como pode quebrar esta “regra geral” acerca das práticas sexuais que a vida veste, através do teatro?

Palavra-chave: Sexualidade; Mulher; Intimidade; Montra; Género; Orgasmo.

Referências

- Aborim, S. (2013). A sexualidade dos portugueses. Lisboa: FFMS.
- Ackerman, D. (2014). Que veulent les femmes? Paris: Hugo & Cie.
- Bataille, G. (1980). O Erotismo. Lisboa: Antígona.
- Bauer, J. & Gradus, R. (2017). Hot girls wanted: Turned on. USA: Netflix.
- De Beauvoir, S. (1976). O segundo sexo. Lisboa: Círculo de Leitores, Lda.
- Foucault, M. (1999). A história da sexualidade. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Goux, J. J. (1977). Fetiscismo e linguagem. São Paulo: Edições 70.
- Goldberg, R. (2012) A arte da performance.
- Jeanne, W. & Monks, L. (2005). Os Segredos das miúdas. Vila Nova de Gaia: Edições Gailviro.
- Jourdain, O. (2016). Água sagrada. Belgium: Naveless Production.
- Lieberman, L. & Westheimer, R. K. (1991) Prazeres eróticos e sensuais. Lis-

boa: Publicações Europa America.

Poesner, J. & Klein, E. (2018). Resumindo – O orgasmo feminino. Nova Iorque: Vox Media.

RED LIGHT SECRETS (2014). Museum of prostitution. Amsterdão, Holanda.

Schiappa, B. & Salgado, F. Discursos e manifestações da sexualidade no teatro. [on-line] Disponível em: <http://mst.estudosteatro.pt>

SEXMUSEUM (1985). Sexmuseum – The temple of Venus. Amsterdão, Holanda.

Verissimo, L. F. (2003). Sexo na cabeça. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SLAMIZAR AS PERIFERIAS

‘SLAMIZAR’ THE PERIPHERIES

Fernanda VILAR, Universidade de Coimbra, Portugal.

Resumo: Slam pode ser considerado como arte, movimento, mas é sobretudo um momento. Dessa maneira, as palavras concertadas em poesia, quando enunciadas, funcionam como uma bofetada em quem escuta, evocando o verbo inglês “to slam”. Os temas do slam derivam do quotidiano dos poetas e das questões de atualidade. Refletem em geral as preocupações da sociedade e muitas vezes interrogam alguns de seus tabus — como imigração, racismo e colonialismo. Por se tratar de uma arte urbana e periférica, essa poesia manifesta-se mais comumente nas camadas sociais ditas “subalternas”. A socióloga norte-americana Susan Somers-Willett, autora do livro *The cultural politics of Slam Poetry: Race, Identity and the Performance of Popular Verse in America* (2009), considera o slam como uma performance identitária marginalizada, permitindo conexões e encontros num espaço cultural aberto. Poesia engajada e engajadora, os slamers têm apenas três minutos em cena onde toda a energia se concentra e circula pela palavra e pelo gesto. Da página ao palco e da composição à performance, são várias disciplinas mobilizadas para executar esse género híbrido e inédito que dá voz a todos que tiverem algo a falar — e muitas vezes a ecoar com o público. Minha proposta de comunicação pretende analisar como o slam permite aos artistas cujas famílias são provenientes de territórios antigamente colonizados contestar a maneira subalterna como são tratados na Europa contemporânea. Tratarei da geração a que chamamos pós-memória (Hirsch) — pessoas que herdaram histórias familiares de períodos que não viveram — para compreender como essa arte engajada permite uma abertura ao debate público de questões que ainda não saíram das “gavetas da história”. Meu foco estará na produção de slam francesa, belga e portuguesa a serem analisadas em perspetiva comparada.

Palavras-chave: Slam; Periferia; Pós-memória; Colonização.

O EVENTO “IDEOLOGIA DE GÊNERO”. Uma abordagem fenomenológica e crítica

THE ‘GENDER IDEOLOGY’ EVENT. A phenomenological and critical approach

Ana Carina VILARES, Universidade do Porto, Portugal

Abstract: From the beginning of philosophy, we can point out clarification as one of its main purposes. To clarify a certain phenomenon, event, idea or concept, which starts us out of reality, astonish us, and as such need of explanation. The event “gender ideology”, we consider it, is certainly one of them, for two approximate reasons. First, for their emergence and dissemination in social networks, a conjugation of words that proliferate in the web, but that is questioned by few. After all, what do we talk about when we named words like «gender ideology»? Second, for the purpose of giving clues to respond to this question from a critical point of view, the feminist view of gender, we need to mediate the discourse of equality with the discourse of difference, approaching them, in the core of the political theory of feminism.

Keywords: Gender ideology; Political theory of feminism; Internet; Philosophy.

AS ESTÉTICAS DO CINEMA DE GUERRILHA NA AMAZÓNIA PARAENSE

THE AESTHETICS OF THE GUERRILLA CINEMA IN THE AMAZÓNIA PARAENSE

Francisco WEYL, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal.

Resumo: Herdeiro do cinema social, o cinema de guerrilha dialoga com o cinema de vanguarda (Soviético), o neorrealismo (Itália), a nouvelle vague (França), o cinema novo (Brasil), e o cinema pobre (Cuba), sendo, portanto, uma prática de intervenção artística de dimensão histórica, que responde à dinâmica dos processos políticos, com reflexões e ações de natureza estética, na qual os seus realizadores se autoproclamam independentes, pensam de forma crítica, e agem com liberdade criativa na condução de seus despojados projetos cinematográficos, de dimensão artística e natureza espontânea, numa ação autoral intensa e violenta. A oeste do Star System, na Amazônia Paraense, portanto, estas vivências transgressoras de práticas coletivas audiovisuais ocorrem no sentido contrário ao lugar comum do filme de entretenimento, e envolvem comunidades periféricas, tradicionais, e quilombolas, no interior desta arte-indústria, em simultâneo, e, num só espaço-tempo, realidade e ficção, objeto e problema para o pensamento filosófico, sendo, uma fértil região na qual as relações de poder germinam as suas próprias contradições, fabricam e destroem sonhos, conscientizam e iludem, refletem e alienam, e (d)escrivem com fotogramas a História Humana. Este texto, dentro desta dimensão, objetiva contribuir com os estudos sobre o cinema social no âmbito da história do cinema, do mesmo modo, observar os diversos percursos das experiências do cinema de guerrilha na Amazônia, a partir do estabelecimento das suas possíveis relações estéticas com as cinematografias do cinema social.

Palavras-chave: Cinema de guerrilha; Amazônia; Quilombo; Periferia; Resistência.

JEAN-MICHEL BASQUIAT À LUZ DE NORBERT ELIAS E PIERRE BOURDIEU

JEAN-MICHEL BASQUIAT IN THE LIGHT OF NORBERT ELIAS AND PIERRE BOURDIEU

Helena Barsted YOUNG, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Rafael RIBEIRO, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Abstract: The present paper concentrates on the investigation of the trajectory of Jean-Michael Basquiat and its relation with the class holding the symbolic capital of the artistic field in which it was inserted in the decades of 1970 and 1980 in the United States. The approaches of Norbert Elias and Pierre Bourdieu are pertinent, since they reveal how an individual's research can reveal much more about the society in which he is inserted, and the values in force in it, than on himself. In this way, the aim of the work is to re-read Basquiat from the incorporation of elements that evidence the social complexities in which the artist was inserted, and how this influenced his personal trajectory and artistic productions.

Palavras-chave: Basquiat; Elias; Bourdieu; Artistic Field; Figuration.

PEDAGOGIAS DE PATRIOTISMO NA POLÓNIA

PEDAGOGIES OF PATRIOTISM IN POLAND

Piotr ZANKO, University of Warsaw, Polónia.

Abstract: The author of this paper argues that the discourse of patriotism in public space in Poland is dominated by right-wing and ultra-right-wing circles. The content of these narratives usually takes the form of a closed, martyrological-national patriotism. Despite this hegemony, in opposition to it, subordinate groups produce narratives of critical and open patriotism. Using various subversive strategies, they try to free themselves from this domination. The main goal of this presentation is to identify the content of these discordant discourses, their forms and the ways in which they are made. The units of analysis will be selected popular culture texts and cultural practices (hip-hop and rock lyrics, graffiti, murals, banners, performative activities in urban space).

Keywords: Patriotism; (Neo)Nationalism; Cultural Resistance; Public Pedagogy.

References

- Adorno, T.W. (1950). *The authoritarian personality*. New York: Harper & Brothers.
- Boal, A. (1995). *The Rainbow of desire: The Boal method of theatre and therapy*. London: Routledge.
- Castoriadis, C. (1997). Democracy as procedure and democracy as regime. *Constellations*, v. 4, n. 1, pp. 1–18.
- Debord, G. & Wolman, G.J. (2006). *A User's Guide to Détournement (1956)*. In: *Situationist International. Anthology*, ed. K. Knabb, Bureau of Public Secrets, Berkeley, pp. 14–21.

- Debord, G. & Wolman, G.J. (2006). *Détournement as Negation and Prelude. Internationale Situationniste 1959*. In: *Situationist International. Anthology*. ed. K. Knabb, Bureau of Public Secrets. Berkeley, pp. 67–68.
- Denzin, N.K. (2010). A critical performance pedagogy that matters. In: Sandlin, J.A.; Schultz, B.D. & Burdick, J. (Eds.). *Handbook of Public Pedagogy*. New York–London: Routledge, pp. 56–70.
- Duncombe, S. (ed.) (2002). *Cultural resistance reader*. New York: Verso.
- Ellsworth, E. (2005). *Places of learning: media, architecture, pedagogy*. New York: Routledge.
- Enderson, T. (2002). *National identity, popular culture and everyday life*. Oxford: Berg Publishers.
- Fiske, J. (1995). *Reading the popular*. London-New York: Routledge.
- Giroux, H. (2004). Cultural studies and the politics of public pedagogy: Making the political more pedagogical. *Parallax*, n. 10, pp. 73–89.
- Hall, S. (2005). Encoding/decoding. In: *Culture, Media, Language. Working Papers in Cultural Studies 1972–79*, eds. S. Hall; D. Hobson; P. Willis, London–New York: Routledge, pp. 117–127.
- Reimer, E. (1971). *School is dead. An essay on alternatives in education*. New York: Penguin Education.
- Sandlin, J.; Schultz, B.D. & Burdick J. (2010). Understanding, Mapping, and Exploring the Terrain of Public Pedagogy. In: Sandlin, J.A.; Schultz, B.D. & Burdick, J. (Eds.). *Handbook of Public Pedagogy*. New York–London: Routledge, pp. 1–6.
- Schatz, R.T.; Staub, E. & Lavine, H. (1999). On the varieties of national attachment: Blind versus constructive patriotism. *Political Psychology*, v. 20, n. 1, pp. 151–174.
- Zanko, P.; Jawor, A. (2015). Culture War in Polish Rock Music. Contribution to Research. *Kwartalnik Pedagogiczny*, n. 1, pp. 171–184.





WUOLKOR

